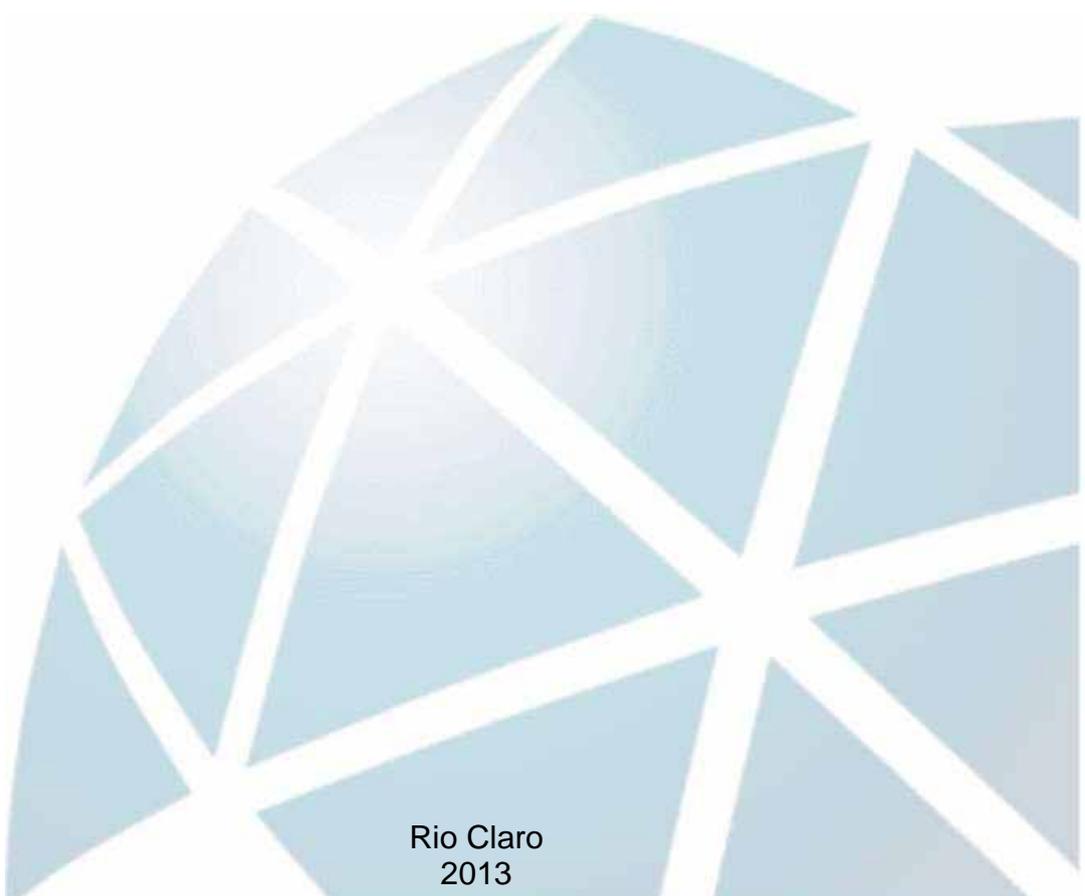

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

GRAZIELA APARECIDA LUQUIARI

AGRESSIVIDADE: A ORIGEM DOS CONFLITOS?



Rio Claro
2013

GRAZIELA APARECIDA LUQUIARI

AGRESSIVIDADE: A ORIGEM DOS CONFLITOS?

Compreendendo o comportamento agressivo

Orientador: Prof^a. Dr^a. Sulene Noriko Shima

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Campus de Rio Claro, para obtenção do grau de Bacharela em Ciências Biológicas.

Rio Claro
2013

591.5 Luquiari, Graziela Aparecida
L966a Agressividade: a origem dos conflitos / Graziela
Aparecida Luquiari. - Rio Claro, 2013
99 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Ciências
Biológicas) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Bociências de Rio Claro
Orientador: Sulene Noriko Shima

1. Ecologia animal. 2. Comportamento animal. 3.
Violência. 4. Agressividade. 5. Machos demoníacos. 6.
Confrontos. 7. Legado hereditário. I. Título.

A força não provém da capacidade física e sim de uma vontade indomável.

Mahatma Gandhi

*Aprendemos a voar como pássaros e a nadar como peixes, mas não aprendemos a conviver
como irmãos.*

Martin Luther King

Quem julga as pessoas não tem tempo para amá-las.

Madre Teresa de Calcutá

RESUMO

As explosões de violência que assolam a sociedade humana são noticiadas diariamente pela mídia, e vivenciadas pelos indivíduos. As queixas sobre a disseminação da violência estão espalhadas como areia pelo vento. As manifestações de agressão podem ocorrer por diversos motivos: disputas por território, fama, “*status*”, para impor dominação, agressividade como forma de alerta, para atingir um objetivo sexual, um instrumento para humilhar e coagir o outro, entre outros tantos e variados motivos.

As ciências que se ocupam do estudo das relações humanas abordam o tema, mas devido à complexidade e abrangência de suas manifestações, existem muito mais lacunas do que respostas. A agressividade e violência não são exclusivas da sociedade humana, mas graças ao desenvolvimento técnico-científico, para a humanidade a associação entre estas tendências e a capacidade destrutiva do homem, geralmente, são catastróficas, ameaçando não apenas sua própria espécie, mas tudo ao seu redor.

É impossível negar a ancestralidade comum entre o homem e os grandes primatas, chimpanzés, orangotangos, gorilas e bonobos. Intrigante é o fato de encontrar ocorrências de atos violentos semelhantes aos humanos entre eles. Por exemplo, orangotangos cometem estupros, chimpanzés além de surras, atacam de modo mortal indivíduos da mesma espécie, e entre gorilas o infanticídio é um ato banal. Apenas os bonobos fogem deste legado violento, apresentando-se como sociedade pacífica, liderada por fêmeas, onde conflitos são resolvidos pelo ato sexual.

Os chimpanzés são extremamente próximos aos humanos, compartilhando mais de 95% da bagagem genética. A diferença entre os chimpanzés e humanos é menor do que a existente entre eles e os gorilas. A agressividade em ambos é algo que chama atenção para o possível legado genético, visto ser uma característica comportamental típica dos animais. No caso do ser humano, este tipo de comportamento é influenciado tanto por fatores biológicos como socioculturais. Conhecer os fatores evolutivos e ontogenéticos que influenciam a agressividade humana é extremamente relevante não apenas para a compreensão teórica deste comportamento, como também para tomada de medidas possíveis para sua prevenção.

As comunidades organizadas de acordo com o interesse de machos tendem a seguir as estratégias masculinas, que graças à seleção sexual, tendem a buscar o poder com entusiasmo quase ilimitado. Dessa maneira, os machos evoluíram com grande apetite por poder. Um

macho que conquista grande poder tenderá a utilizá-lo para se acasalar com maior número de fêmeas possível. Diante de tal possibilidade, perpetuou-se o “Macho Demoníaco”.

A possibilidade de associar uma grande capacidade mental com o demonismo masculino geram trágicas cadeias causais independentes, onde mentes inteligentes são responsáveis por desenvolver novas formas de agressão. A violência nos relacionamentos não é o único fruto da mente demoníaca. O poder de uma mente criativa confere ao demônio novas armas, táticas e modalidades de trapaças.

A maldição de um temperamento demoníaco masculino e uma capacidade maquiavélica para expressá-lo, confronta-se com a benção de uma inteligência capaz, através da aquisição de sabedoria, de afastar os humanos da mácula de cinco milhões de anos do grande primata ancestral. Porém, antes de qualquer mudança, o reconhecimento de tal herança é importante para tomada de consciência a respeito de sua própria situação. Negar sua ancestralidade, agressividade e subjetividade em expressar a agressividade latente não contribuirão com o avanço e desenvolvimento de relações humanas pacíficas. A construção de um mundo harmonioso requer esforço e dedicação para corrigir erros e falhas do passado, mas acima de tudo, coragem para realizá-lo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. VIOLÊNCIA E AGRESSIVIDADE: ANÁLISE E DIFERENCIAÇÃO.....	15
2.1 Categorização de grupo e violência	17
2.2 A perspectiva evolucionista e o comportamento agressivo	18
2.3 Psicologia das coalizões	22
3. ETIOLOGIA DA AGRESSIVIDADE	25
3.1 Definições e níveis de análise	25
3.2 Perspectivas teóricas clássicas sobre a agressão	25
4. VIOLÊNCIA E CATEGORIAS DE GÊNEROS	29
4.1 Violência de gênero.....	30
4.2 Violência intergeracional	32
5. FATORES RELACIONADOS À AGRESSIVIDADE.....	33
5.1 Fatores biológicos, sociais e ambientais	33
5.2 Os fatores genéticos e influências externas.....	34
5.3 Alterações neurológicas relacionadas ao comportamento agressivo	35
5.3.1) Disfunções do lobo frontal.....	35
5.3.2) Disfunções em lobo temporal	36
5.3.3) Alterações dos neurotransmissores	36
5.3.4) Hormonais.....	37
5.3.5) Nutricionais.....	37
5.3.6) Intoxicações	37
5.3.7) Gênero.....	37

5.4 Fatores socioambientais	38
5.5 Interações biológico-ambientais.....	40
6. DESVIOS NO COMPORTAMENTO SOCIAL	41
7. DA AGRESSIVIDADE À VIOLÊNCIA	41
7.1 Agressividade Infantil	44
7.2. Agressividade intraespecífica.....	45
8. EMOÇÕES NA ORDEM DOS PRIMATAS	48
9. EXPLORANDO O MUNDO DOS CHIMPANZÉS	49
9.1. Sexualidade e promiscuidade	50
9.2. Sociabilidade	55
9.3. Paralelos	59
9.4. Comportamentos de chimpanzés.....	59
10. O MACHO DEMONÍACO.....	62
10.1 O paraíso perdido	63
10.2 A máquina do tempo e raízes	68
10.3 Ataques.....	68
10.4. Temperamento.....	70
11. A VIOLÊNCIA NO RELACIONAMENTO	72
12. ASPECTOS DA VIOLÊNCIA	74
12.1 Tendência Biológica.....	74
12.2 Tendência Sociológica	75
12.3 Tendência Bio-psico-social	76
13. UMA HERANÇA MALDITA.....	77
13.1 Estupro entre orangotangos.....	77
13.2 Surras de chimpanzés	79

13.3 Infanticídio entre gorilas	80
14. RELAÇÕES SOCIAIS.....	81
15. HERANÇAS	83
16. FUGINDO DO LEGADO HEREDITÁRIO.....	86
17. DOMANDO O DEMÔNIO	89
18. CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
19. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	96

1. INTRODUÇÃO

Ao ligar a televisão, ler o jornal, ouvir o rádio, ou mesmo numa conversa despreocupada, inevitavelmente um tema aflora: os atos de violência e agressividade que assolam o cotidiano. Por que esta temática se tornou tão presente e constante em nossa sociedade? Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, os crimes domésticos cresceram 61,4% entre 2000 e 2010. Segundo a pesquisa, realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a morte e agressão dentro de casa teoricamente não têm relação com crime organizado, relações econômicas e políticas, sendo essencialmente fruto das próprias relações interpessoais.

Graças à mídia as manifestações de violência invadem os lares de forma explícita com assaltos, estupros, assassinatos, conflitos de interesse entre indivíduos e países, ideologias e crenças, times de futebol; genocídios, formação de gangues e milícias, guerrilhas, guerras e disputas em geral. Também ocorre na variante doméstica contra mulher, crianças e idosos, podendo ainda se manifestar como preconceitos, estigmas sociais, desprezos, bullying, discriminações dentre outros.

A agressão entre seres humanos vem sendo estudada por várias áreas das ciências como a sociologia, biologia, antropologia, filosofia, ciências sociais, dentre outras, todas com um foco específico de observação e hipóteses sobre o tema. Algumas mais amplas e outras mais específicas, usando desde alterações metabólicas e cognitivas para explicar as origens do comportamento agressivo (TEDESCHI & FELSON, 1994). Porém todas possuem um ponto em comum, ou seja, a abrangência de seu objeto de estudo, que se estende das famílias à sociedade, da infância à velhice, do lazer ao trabalho, da rua à intimidade.

Pesquisadores das diversas áreas que tangem as relações sociais têm se concentrado neste tema, investigando principalmente a sua natureza (GOMIDE, 1997). Afinal, seria algo inato, expresso com base no código genético? Uma herança da qual não se pode abrir mão? Ou seria aprendido ao longo do desenvolvimento? No entanto, não é uma questão que pode ser respondida de forma simplista, visto a complexidade e extensão dos comportamentos violentos.

De acordo com Wilson, (1998), há inúmeras formas de agressão, como a que surge pela disputa por território, para impor dominação, sexual, como forma de disciplinar, agressividade como forma de aviso, agressões morais, de predação ou anti-predação.

Para compreender o fenômeno da agressão diferentes perspectivas teóricas têm sido empregadas, como a proposta de Seleção Natural de Charles Darwin e a psicanálise de Sigmund Freud. Tomando-as como base, novas abordagens foram apresentadas, destacando-se o behaviorismo, a aprendizagem social e a etologia.

O termo causalidade surge para orientar o estudo da agressão, pois é inevitável perguntar-se como surge, qual causa de tal comportamento. Para os seres vivos as causas podem ser proximais ou distais. As proximais dizem respeito ao próprio indivíduo, aos seus aspectos psicológicos e bioquímicos. As causas distais ou histórico-evolutivas buscam explicar por que os indivíduos, como conjunto, são de certa forma e não de outras tantas possíveis (MAYR, 1998). Porém a falta de diferenciação entre os níveis de análises destas causas e a grande confusão das explicações psicológicas de determinados comportamentos (ALESSI, 1992), tornam-se um impasse.

De forma geral a Ciência se ocupa das questões do tipo “como”, empregando as causas proximais para seu estudo. Por exemplo, em casos de agressão física entre adolescentes, descrevem-se as interações imediatas entre os membros do grupo, priorizando as causas proximais, busca-se a origem de tal comportamento nos processos ontogenéticos (LEHNER, 1996). Já na investigação das causas distais, o questionamento se direciona ao “porque” (ALCOCK, 1998), o qual pode ser respondido por meio da história dos processos psicobiológicos, que por definição, é a evolução darwiniana (LUMSDEN, 1988).

Por meio de revisão bibliográfica, ao longo do trabalho este tema será abordado de forma mais ampla, buscando-se uma melhor compreensão sobre o tema, suas causas e consequências sociais, evolutivas, entre outras. Para tanto, esta temática será apresentada de forma imparcial, livre da tentativa de encontrar uma resposta às questões pertinentes ao tema. Abordando o comportamento agressivo no reino Animal em geral, com enfoque nos grandes primatas, incluindo o homem.

No mundo animal existem relatos de agressividade e violência, mas no homem a associação destas tendências aliadas ao desenvolvimento técnico-científico alcançado tem gerado consequências catastróficas. O poderio destrutivo humano coloca em risco não apenas sua própria espécie, mas todo o meio ambiente que o cerca.

Ao se falar em agressão e violência, embora pareçam ser semelhantes, são termos que precisam ser melhor definidos, pois não ilustram o mesmo fenômeno. Agressão (do latim *aggressionem*) indica a disposição para agredir, para o encadeamento de condutas hostis e destrutivas (FERREIRA, 1999). Significa ainda ataque à integridade física ou moral de alguém ou ato de hostilidade e provocação (HOUAISS, VILLAR & FRANCO, 2001).

Violência (do latim *violentia*) refere-se à qualidade de violento, quem atua com força, com grande ímpeto, valendo-se da ação violenta, opressão ou tirania, ainda qualquer força contra a vontade, liberdade ou resistência da pessoa ou coisa. Também pode significar constrangimento físico ou moral exercido sobre uma pessoa para obrigá-la a submeter-se à vontade de outrem (FERREIRA, 1999). Violento, por sua vez, é um adjetivo que indica aquilo que ocorre com uma

força extrema ou uma enorme intensidade (HOUAISS ET AL., 2001).

Na procura por um termo mais adequado, os etólogos sugeriram a diferenciação entre comportamento predatório e comportamento agonístico. O Comportamento predatório representa as situações de ataque entre animais de diferentes espécies, relação presa/predador. O comportamento agonístico engloba as situações de lutas e ameaças entre os membros de uma mesma espécie (LORENZ, 1966).

Em relação às Ciências Humanas a distinção entre agressão premeditada e impulsiva remonta há pelo menos dois séculos, atualizando-se nos conceitos de agressão instrumental e reativa, ou afetiva. Como será visto posteriormente, esta distinção embora comumente empregada (GEEN, 1998), não representa um consenso entre os pesquisadores da área (BUSHMAN & ANDERSON, 2001).

A obra “Agressão” de Konrad Lorenz, (1966), ainda é referência para as publicações recentes, visto ter sido fruto de minuciosa pesquisa sobre o comportamento agressivo, realizada por meio da observação do comportamento animal. Uma obra influenciada pela teoria evolucionista (PINHO, 2005), na visão de Lorenz a agressividade nada mais é do que um instinto, como qualquer outro, sendo essencial à preservação da vida, organização social e sobrevivência da espécie. Pode-se dizer então, que em condições de “equilíbrio” há uma tendência à paz, porém perturbações, como a escassez de comida ou ameaças ao território, as quais afetem tal equilíbrio, podem induzir o comportamento agressivo.

Perguntas como: Qual a função adaptativa do comportamento agressivo? Quais suas causas proximais? Como tal comportamento se desenvolve ao longo da ontogênese (desenvolvimento do indivíduo)? E como a agressividade se desenvolveu ao longo da história do indivíduo (filogênese), intrigam etólogos no geral, sendo o foco das obras de Dawkins, (1999); Goodenough, McGuire e Wallace, (1993); Krebs e Davies, (1981); Tinbergen, (1966).

Lorenz considera em sua obra diversos desencadeadores da agressividade, a qual, em certos contextos, seria vital à sobrevivência do indivíduo, bem como da espécie. Em “Agressão” (LORENZ, 1966), Lorenz relembra que naturalmente o homem possui poucas armas de defesa e ataque, como presas e garras, e não é provido de mecanismos inibitórios para comportamentos agressivos. Assim, pode-se constatar que o desenvolvimento, por exemplo, de armas de fogo, facas e etc., maximizam a capacidade agressiva do agressor, dotando-lhe da capacidade de atacar à distância, diminuindo o contato do agressor com sinais apresentados pela vítima que poderiam ser utilizados para inibir comportamentos que poderiam ter consequências fatais (LORENZ, 1966).

A Etologia clássica considera que apesar do impulso agressivo ser “uma herança”, comum a todas as espécies, há probabilidade de que tal impulso agressivo possa ser atenuado ou mesmo inibido.

A idéia de um “impulso” gerador de uma “energia agressiva” assemelha-se bastante à visão psicanalítica freudiana, englobando inclusive o conceito de catarse (WATSON & PENG, 1992). Uma das possibilidades apresentadas por esta teoria é a de que o impulso agressivo possa ser direcionado para atividades socialmente aceitas, sendo revertida em comportamento em prol da sociedade.

Por exemplo, uma pessoa que é forçada a inibir a expressão da raiva contra um chefe ou outra pessoa do convívio, pode acumular a raiva e conseqüentemente tornar-se um agressor em potencial. Esta mesma pessoa poderia evitar agredir o chefe ou outra pessoa que se assemelhe a ele (um comportamento inadequado) dissipando a energia agressiva através da prática de um esporte no qual possa agredir um objeto ou lutar com outra pessoa seguindo regras específicas para tal contexto (artes marciais, boxe, etc.). Neste caso, a energia agressiva acumulada estaria sendo redirecionada e desprendida de modo socialmente aceito.

Desta forma, não só pelas contribuições teóricas, mas também pelo aparato metodológico, a Psicologia Evolucionista e a Etologia trazem contribuições frequentes para a compreensão tanto de causas proximais quanto de causas distais do comportamento agressivo humano (BUSS & SHACKELFORD, 1997; CAMARGO & MENDES, 2003; PINHO, 2005).

Existem atualmente cento e noventa e três espécies de macacos e símios. Cento e noventa e duas delas têm o corpo coberto de pelos. A única exceção é um símio pelado que a si próprio se cognominou *Homo sapiens*. (MORRIS, 1967).

É impossível diante das modernas análises de DNA negar a ancestralidade do homem a partir de um primata, o qual também deu origem à linhagem dos chimpanzés e bonobos. Muitos teóricos no passado cogitavam esta possibilidade, mas caíam no descrédito, afinal como seria possível que um “animal” fosse ancestral de um ser tão “desenvolvido” intelectualmente quanto o homem.

Fósseis desenterrados na Etiópia indicam que há mais de quatro milhões de anos andou por terras africanas um ancestral bípede dos humanos, com a cabeça semelhante a um chimpanzé. Nos laboratórios pelo mundo chegou-se a conclusão de que os chimpanzés estão mais próximos, geneticamente, do homem do que dos gorilas. Estudos comportamentais em laboratório aproximam o comportamento dos chimpanzés ao do humano, visto darem tapinhas na cabeça um do outro para demonstrar afeição, beijar-se e abraçar-se, também passam pela menopausa, sofrem por seus bebês mortos, carregando-os durante dias ou semanas. São capazes de fazer somas, de comunicar-se com

sinais, manipular ferramentas, colaborar entre si, comumente trocam comida por favores sexuais, e também nutrem ressentimentos.

A sociedade dos chimpanzés é estruturada de forma muito semelhante à humana. Seu conjunto social compartilha uma área comunitária, os machos vivem nos grupos onde nasceram e as fêmeas mudam para grupos vizinhos ao tornarem-se adolescentes. A área é defendida e ampliada com violência por grupos de machos aparentados, obedecendo à linhagem paterna.

O que chama atenção na comparação entre essas duas sociedades é o fato de que muito poucos animais vivem em comunidades onde as ligações são através dos machos pela linhagem paterna. Existe um sistema de agressão territorial intensa, originada por machos, com incursões mortíferas em busca de oponentes vulneráveis para atacar e matar. Das quatro mil espécies de mamíferos, esse conjunto de comportamentos só é encontrado em humanos e chimpanzés.

2. VIOLÊNCIA E AGRESSIVIDADE: ANÁLISE E DIFERENCIAÇÃO

Freud, (1920), entende que instinto é “um impulso inerente à vida orgânica”. A agressividade, sendo um instinto, não é desejada; ao contrário, é um ato natural no indivíduo quando sua sobrevivência está sendo ameaçada. Portanto, é praticada como defesa para conservar a vida ou integridade do ser, bem como para saciar suas necessidades vitais. Por isso, para Freud não existe instinto violento e sim instinto agressivo, presente tanto nos homens como nos animais.

Costa, (1986), estabelece a diferença entre agressividade e violência, pontuando que na primeira existe o fator necessidade, enquanto que a segunda é permeada pela gratuidade de sua expressão, isto é, não está vinculada à defesa do agressor nem à manutenção de seu bem-estar ou desenvolvimento, como ocorre na agressividade. A violência gera em sua vítima um desprazer desnecessário, violando o direito da mesma de ocupar um lugar no meio social, ferindo sua identidade, bem como as regras estabelecidas.

A violência é fruto de um desejo de destruir ou, como afirma Costa, é o emprego desejado da agressividade. Sendo uma manifestação da vontade, a violência é exclusivamente humana, porque só os homens desejam. Os animais não desejam; eles somente necessitam, ou seja, seu caminho tem uma determinação exclusivamente biológica.

Gaiarsa, (1993), concorda com o fato de que a violência é um fenômeno exclusivo das relações humanas. Já a agressividade, para esse autor, é “a primeira manifestação do instinto de conservação, de sobrevivência ou de autodefesa”, sendo então positiva por ser indispensável para o homem satisfazer suas necessidades e se defender das ameaças e obstáculos à sua sobrevivência e

desenvolvimento. Quando essa agressividade torna-se excessiva e desorganizada, configura-se a violência. Salienta também que a agressão está presente nas diversas camadas da vida, como no trabalho, na conquista e na defesa de seus direitos e ideais, não devendo, portanto, ser reprimida.

No confronto dos termos agressividade e violência, Gaiarsa discute ainda o conceito de crueldade, tentando diferenciá-lo em relação aos outros dois. Define a crueldade como sendo o prazer de violentar o objeto, ou seja, como sendo a expressão máxima de violência. Neste sentido, somos levados a concluir que crueldade não difere qualitativamente de violência. Para se entender a crueldade, o autor acima citado faz um breve estudo sobre a origem da caça praticada pelo homem primitivo como meio de sobrevivência e obtenção de alimento. Afirma que os bons caçadores da Pré-história gozavam de prestígio social dentro de seu grupo e eram elevados à condição de heróis porque alimentavam a todos. A partir daí, a valorização da agressividade tornou-se evidente nos grupos primitivos, transformando o melhor caçador e, conseqüentemente, possuidor de maior astúcia e agressividade, em líder do grupo, inaugurando um novo modelo a ser imitado pelos demais.

Deste modo, o herói da caça passou a lutar pela preservação do poder obtido empregando também a violência na manutenção de sua liderança. Pode-se supor que o nascimento dos modelos violentos de poder e de resolução de conflitos utilizados até hoje tenha ocorrido nesses tempos pré-históricos. O autor acredita que também a crueldade humana tenha suas raízes na caça primitiva, uma vez que os métodos antigos de caça eram extremamente brutais, semelhantes à praticada pelos animais ferozes, porém com uma diferença: na caça humana, havia o prazer de capturar a presa e o orgulho de ser recebido como herói pelo seu grupo.

Portanto, encontra-se a expressão máxima do desejo, componente essencial da violência, ou, no caso, da crueldade: na caça praticada pelos animais, só existe a necessidade, na humana outras intenções estão envolvidas. Além disso, o próprio ato de retalhar o animal, muitas vezes ainda vivo, era sentido como algo prazeroso, por representar uma conquista. Mais tarde, na passagem da caça imediata para o armazenamento de bens e a acumulação de excedentes, o homem primitivo teria descoberto nesta nova prática uma poderosa forma de domínio e poder, além das lutas e roubos efetuados pelos grupos que não possuíam reservas.

A caça teria inaugurado a divisão social entre dominados e dominadores e, a partir daí, uma espécie de darwinismo econômico e social se instaurou, onde sociedades mais aptas tiveram o privilégio de sobreviver às mais submissas. Instaurou-se também a figura do tirano e do poder centralizado.

A dominação muitas vezes veio permeada de crueldade, de prazer de torturar, de fazer sofrer o mais fraco e submisso, numa cadeia de violência autossustentada, cujo ciclo de poder e domínio

passa pelo processo de retroalimentação, isto é, a massa oprimida sustenta os opressores. Assim, modelos violentos de Estado e de relações humanas foram ao longo do tempo instituídos, passando por adaptações e atualizações conforme o contexto histórico e social.

Violência seria um estado perverso da agressividade. Partindo deste conceito, convém fazer referência à importante obra de Bergeret, (1990), que fala em “violência fundamental”, entendendo-a como sendo aquela disposição natural, primitiva do ser humano a lutar pela sua sobrevivência, pela qual o homem seria levado a dominar, subjugar ou mesmo destruir o outro, em função da “lei da sobrevivência”, cujo veredicto é “ou eu ou ele”. A violência seria uma expressão patológica de um impulso agressivo desproporcionado (FACHINI, 1992), sendo um fenômeno exclusivamente humano (COSTA, 1986; GAIARSA, 1993).

Os fenômenos violência e agressividade não devem ser confundidos principalmente no âmbito das relações sociais, pois se pode incorrer no erro de se considerar a violência como um fato espontâneo e presumível do ser humano. O que se pode concluir é que apenas a agressividade pode ser aceita como forma do ser humano se auto preservar, defender-se e buscar a satisfação de suas necessidades, o que não deve ser uma função da violência, uma vez que esta advém de uma desorganização patológica da agressividade, não sendo natural e, portanto, não podendo ser aceita. Apesar disto, o que se pode observar é que a violência sempre foi utilizada, desde os tempos mais remotos, como método de resolver conflitos e satisfazer as mais diversas ambições, tornando-se um acontecimento banal. O que leva a pensar que apesar de todo desenvolvimento histórico e social, pouco mudou na dinâmica das relações entre os homens, em se tratando de comportamento violento.

A experiência violenta primordial é um equívoco ainda muito difundido, e que não deixa de apoiar a tese da naturalidade da violência. Sendo assim, pode-se concluir que a violência é contemporânea ao desejo do homem e não um alicerce de sua natureza biológica, cultural e social.

2.1 Categorização de grupo e violência

O porquê da expressão de violência no ser humano sempre está em pauta nas ciências? A psicologia estuda como os processos individuais podem desencadear manifestações de atração, hostilidade e agressão em situações grupais (BREWER & KRAMER, 1985). Tal evidência está relacionada aos elevados índices que indicam o comportamento agressivo atualmente (LESSA, 2004). A violência tem sido encarada como problema de saúde pública tanto nacional como internacionalmente (PINO & WERLANG, 2006). Nos Estados Unidos a violência interpessoal é a

principal causa de mortes entre adultos jovens (CORNWELL ET AL., 1995). No Brasil, mais de cinquenta mil pessoas morreram vítimas de agressão só no ano de 2003 (SOUZA & LIMA, 2007).

Diante das estatísticas sobre violência no cenário global surgem sentimentos de medo e insegurança na população, trazendo à temática maior interesse na elucidação dos problemas de segurança.

Agressão física, preconceito, agressão verbal e conflitos entre grupos, como a guerra, são formas conhecidas de violência que fazem parte do repertório comportamental humano. Essa última é considerada a forma de violência mais contundente já que nenhuma outra modalidade apresenta um número tão expressivo de mortos. Ruanda, Kosovo e o Iraque são exemplos contemporâneos desse quadro, com mais de um milhão de mortos, somados os três conflitos. Além disso, só no século XX, mais de 160 milhões de pessoas morreram em decorrência de guerras, do genocídio e da opressão política (DE WAAL, 2007).

As causas deste problema são geralmente atribuídas às questões contemporâneas, como influências sociais, culturais e à disparidade econômica na população. A forte ênfase nessa perspectiva mantém a esperança de que os índices de violência possam ser atenuados (MINAYO, 1994). O ser humano persiste em realizar atos violentos de maneira descontrolada, baseando-se em definições internas que lhe garantem o direito a exercer contra outro toda sua ira.

Outra linhagem de pesquisadores aponta para influência filogenética no comportamento agressivo, sugerindo que este comportamento pode ser parte integrante de nossa herança genética. Conflitos, violência e guerra fazem parte da história do ser humano, sendo tão antigos quanto à própria sociedade, estando presentes em todas as culturas, acabam sendo consideradas como uma característica universal humana (QUEIROZ, 2009). Tooby e Cosmides, (1988), argumentam que a violência é um fenômeno que acompanha o homem desde o surgimento da espécie, constituindo um elemento natural da vida em sociedade.

2.2 A perspectiva evolucionista e o comportamento agressivo

A psicologia evolucionista é uma abordagem psicológica que usa conhecimentos da biologia evolutiva em pesquisas cujo intuito é investigar a estrutura da mente humana (BARKOW, COSMIDES, & TOOBY, 1992; COSMIDES & TOOBY, 1997). Seu objetivo é provar que as estruturas psicológicas e físicas desenvolveram-se por meio do processo de seleção natural. As características do homem moderno surgiram ao longo do passado evolutivo, aproximadamente durante as últimas mil a dez mil gerações (HAGEN, 2002; IZAR, 2009). O ambiente onde os

ancestrais humanos viviam era marcado por situações limítrofes, onde apenas os mais adaptados sobreviviam e poderiam transmitir seus genes. Os mecanismos psicológicos surgidos no decorrer desse processo possibilitaram aos ancestrais encontrar a melhor saída para resolver problemas reprodutivos, tornando mais provável que eles deixassem um maior número de descendentes (BARKOW ET AL.,1992; COSMIDES & TOOBY, 1997; TOOBY, COSMIDES, & PRICE,2006).

O homem moderno vive em contextos mais confortáveis e controlados, mas seus cérebros reproduzem características adaptadas às características do passado evolutivo. Entre elas estão o comportamento cooperativo, a escolha de parceiros, a linguagem, o processo de categorização de grupos e o comportamento violento em alguns contextos (BARKOW ET AL.,1992). Se essas características estão presentes até os dias de hoje, é porque, provavelmente, os benefícios acarretados àqueles que as apresentaram promoveram uma vantagem evolutiva.

Essas conjecturas podem explicar uma ampla variedade de padrões comportamentais humanos, inclusive os socialmente não desejáveis como o comportamento violento. Há evidências, obtidas através de estudos paleontológicos, estudos comparativos com outros primatas antropóides e por estudos com sociedades tribais que vivem como caçadores-coletores, de que os ancestrais humanos agrediam outros da sua espécie em situações de conflitos (WRANGHAN & PETERSON, 1998).

Pesquisas osteológicas têm fornecido as evidências de que tais antepassados entravam em conflitos. Marcas de golpes encontradas em ossos confirmam que houve episódios de agressão física desde a época dos *Australopithecus* (LESSA, 2004). As ossadas mostram ferimentos causados por projéteis ou por golpes produzidos por instrumentos rombudos. As frequentes lesões existentes nas ossadas de membros das sociedades antigas apresentam padrões semelhantes aos encontrados nas populações mais modernas, mostrando uma continuidade do comportamento violento no decorrer do tempo.

Isso pode ser um indício de que havia conflitos violentos no passado evolutivo. Lessa, (2004), argumenta que desde o passado mais remoto, o homem tenta lidar com conflitos de interesses, poderes, valores, hábitos, mudanças e emoções inerentes ao ato de conviver. Evidências históricas também são fortes indícios de que o gênero *Homo* apresenta comportamento violento. Os livros de história estão repletos de relatos de conflitos bélicos entre diferentes etnias dando a impressão de que não parece ter havido espaço de tempo sem a existência de guerra em algum lugar deste planeta.

Tooby e Cosmides, (1988), argumentam que mesmo as sociedades de caçadores-coletores possivelmente competiam por alimentos, territórios e parceiras sexuais com os membros das coalizões vizinhas e conseqüentemente entravam em conflitos. Além disso, informações colhidas

em praticamente todas as sociedades humanas parecem assegurar que em nenhuma delas se desconhece algum tipo de ação violenta (QUEIROZ, 2009).

Nas sociedades tribais modernas as evidências mostram que eles estão em um constante estado de guerra. Dois terços dos caçadores-coletores modernos estão em um estado quase permanente de conflito tribal e cerca de 90% vão para a guerra pelo menos uma vez por ano. A taxa de mortes por guerras nessas populações é de 0,5% por ano, o que equivaleria a dois bilhões de pessoas morrendo durante o século XX. Mesmo entre populações tidas como pacíficas por pesquisas antropológicas encontraram-se indícios das mais diversas manifestações de violência (WRANGHAM & PETERSON, 1998).

Em muitas sociedades atuais de caçadores-coletores, o comportamento agressivo não só é executado frequentemente como também é incentivado. Isso acontece, por exemplo, entre os Ianomâmis. Na Venezuela, os grupos atacam tribos rivais por causa de disputas territoriais ou por discussões aparentemente sem importância e, por fim, promovem emboscadas, geralmente, levando a homicídios. Os assassinos com mais mortes no seu histórico recebem status hierárquico destacado entre os membros da tribo e têm seu comportamento enaltecido pelos outros indivíduos (WRANGHAM & PETERSON, 1998).

Etólogos vêm se empenhando na compreensão do comportamento de primatas não humanos. A idéia é que a ancestralidade comum recente permite estudar os comportamentos desses últimos como forma de entender o passado evolutivo do homem. Assim, esses estudos fornecem boas pistas sobre a história filogenética do comportamento violento. Pesquisas usando métodos de observação com chimpanzés têm chegado à conclusão de que a guerra não é uma característica inerente do homem (MANSON & WRANGHAM, 1991).

Nos grupos de chimpanzés têm sido observados atos violentos, conflitos de poder entre machos, incluindo disputas sangrentas e mesmo assassinatos. (WRANGHAM & PETERSON, 1998). Algumas evidências sugerem que esses animais, além de tudo, são capazes de planejar emboscadas contra coalizões rivais (DE WAAL, 2007), o que indica a presença de uma grande capacidade de raciocínio lógico.

Os chimpanzés caminham por entre as copas das árvores, silenciosamente, até chegar aos limites do território vizinho e atacam rapidamente sem possibilitar reação de suas vítimas. Eles, simplesmente, exterminam os membros das coalizões vizinhas de forma semelhante a que os homens fazem com seus inimigos, em circunstâncias de guerra (WRANGHAM & PETERSON, 1998). As semelhanças podem indicar a disseminação da resposta violenta nas duas espécies (MANSON & WRANGHAM, 1991). É possível que um ancestral comum a ambas tenha difundido essa característica. Assim, o comportamento agressivo pode ter sido um atributo naturalmente

selecionado no ambiente ancestral por ter beneficiado os sujeitos que o apresentavam. Mas vale salientar que, assim, como o ser humano se comporta violentamente em alguns contextos, ele também pode apresentar comportamento altruísta e empatia em outros contextos (DE WAAL, 2007).

Wilson e Daly, (1985) utilizam explicações evolucionistas sobre o “comportamento agressivo” nas sociedades humanas contemporâneas. Eles mostram que os homens estão mais predispostos a cometer comportamento violento, agressão e até mesmo homicídio. Eles se envolvem em conflitos, matam e são vítimas de assassinato com maior frequência do que as mulheres. Seus estudos ainda indicam que homens jovens se envolvem com maior frequência em conflitos e situações de risco do que homens mais velhos, tendência que eles intitularam de “síndrome do macho jovem”.

O período crítico para manifestação do comportamento violento coincide com a maturidade sexual do ser humano. Os jovens parecem se auto-afirmar através do envolvimento em situações hostis e de risco. Nesse período, competir por maior status dentro do seu grupo aumenta a possibilidade de relacionamento sexual, pois, apesar do elevado custo trazido pelo risco de ferimentos ou até mesmo de morte, os benefícios podem superá-los (WILSON & DALY, 1985).

A violência humana sofre a influência de variáveis biológicas e sociais na sua manifestação, assim como uma grande parte do repertório comportamental humano. Se o ser humano apresenta alguma tendência para manifestar um comportamento específico ele também necessita, na mesma proporção, de um meio propício para sua manifestação. Estudos recentes de Wilson, Daly e Vasdev, (2001), mostram que o fator mais importante no envolvimento de jovens machos em violência é a desigualdade social. Essa informação é dada através de análises pelo índice Gini de desigualdade de renda. Nesse índice o “0” representa a igualdade absoluta (todos com a mesma renda) e “1” representa a desigualdade absoluta (uma pessoa ganha tudo). Esses pesquisadores encontraram uma correlação positiva entre o índice Gini e taxas de assassinatos. Dessa forma, quanto maior o índice Gini em uma dada população, maior a taxa de homicídio.

2.3 Psicologia das coalizões

Cosmides, Tooby e Kurzban, (2003), defendem a idéia de que a agressão coletiva é resultante de funções psicológicas responsáveis pela formação de alianças e coalizões, ou seja, alguns processos cognitivos complexos geram respostas emocionais e comportamentais direcionadas aos aliados e rivais ao se deparar com situações de hostilidade (TOOBY & COSMIDES, 1997). Pesquisas sobre etnocentrismo mostram que, diante de situações de conflitos de interesse entre alianças distintas, mecanismos psicológicos parecem se ativar aumentando a coesão grupal e a hostilidade ao grupo adversário. Os sujeitos tendem a ver o próprio grupo como superior e seus valores como universais, e ver o grupo de fora como inferior (HAMMOND & AXELROD, 2006).

O ser humano tende a manter uma visão de mundo na qual o seu próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são avaliados através dos seus valores, modelos e definições do que é a existência (ROCHA, 1984). Como consequência, esse fenômeno psicológico promove a cooperação entre os membros de uma coalizão e a hostilidade e a agressão direcionada aos membros de fora do grupo (BREWER, 1999; BREWER & KRAMER, 1985; KURZBAN, TOOBY & COSMIDES, 2001).

A hipótese é de que um mecanismo denominado de “Nós *versus* Eles” incite seres a se organizar em grupos e classificar os indivíduos como pertencentes ou não ao grupo de referência. Hammond e Axelrod, (2006), argumentam que os psicólogos evolucionistas mostram que essa é uma tendência universal. Para eles, se o comportamento se manifesta repetidamente por uma espécie é porque provavelmente tem uma base adaptativa (TOOBY & COSMIDES, 1988).

Os seres ancestrais provavelmente se depararam com situações nas quais precisaram competir por recursos escassos com outros grupos de sua espécie. Ao se agrupar e apresentar algum grau de comportamento agressivo nesses contextos específicos, vantagens adaptativas foram geradas fazendo com que esse atributo se disseminasse para as gerações posteriores, estando presente até a atualidade (BARKOW ET AL.,1992). O discernimento entre amigos e inimigos acontece ao se categorizar sujeitos em “Nós *versus* Eles”. Vale salientar o argumento de Queiroz, (2009), ao afirmar que postular a base inata para o comportamento agressivo faz sentido apenas em termos de probabilidade de que essa postura se manifestará em alguns ambientes específicos e não em todos os ambientes.

É muito simples e por vezes automático fazer a separação entre aliados e rivais. Qualquer um que chegue e não se alinhe ao senso predominante em um grupo, ou se afine com as opiniões e pensamentos vigentes é imediatamente qualificado de “estranho”, opositor e é rejeitado. Aquele que

se identifica é bem vindo, visto como aliado e acolhido como igual. As características sociais, culturais e até as características fenotípicas servem como marcos referenciais (COSMIDES ET AL., 2003), sendo usadas para discriminar pertinência ou não a determinado referencial. Diferenças entre membros de um grupo tendem a ser minimizadas, enquanto que diferenças intergrupo permanecem muito evidentes e ressaltadas (TAYLOR, FISKE, ETCOFF, & RUDERMAN, 1978).

Esse processo é seguido de percepções negativas e de sentimentos de hostilidade voltados para os rivais. Tajfel, (1982), argumenta, por exemplo, que as consequências geradas pela interação entre grupos provocam uma antecipação da natureza da interação. Assim, os sujeitos podem sentir aversão instantânea pelos adversários em situação de competição e formam uma opinião desfavorável sobre eles, agindo de modo a negar-lhe recompensas mesmo que isso seja oneroso para o seu próprio grupo. Informações pejorativas podem ser espalhadas, diminuindo a possibilidade de cooperação entre grupos. Adjetivos como, egoístas, traiçoeiros, maus, manipuladores, dissimulados e falsos são normalmente empregados para descrever os rivais.

Diante do conflito, o cérebro humano interpreta os cooperadores como aliados e os competidores como opositores, gerando um fenômeno chamado confiança despersonalizada. A identificação dos membros como pertencentes a sua coalizão promove uma confiança mútua e conseqüentemente o altruísmo condicional. Assim, as pessoas agem de forma cooperativa em função de sua associação ao grupo e independente das características de cada um (BREWER, 2001). Em situações de conflito, estereótipos podem promover avaliações distorcidas sobre as características e reputações dos membros de grupos rivais aumentando ainda mais a hostilidade já direcionada a eles.

De maneira geral, as interpretações do comportamento dos adversários são preconceituosas, errôneas e levam a julgamentos incorretos, partindo do princípio da inferioridade do adversário. Parece vantajoso que membros de uma coalizão foquem nas características negativas dos adversários, usando-as como combustível para a manutenção dos conflitos. Há citações de que as variáveis sociais podem precipitar o comportamento opositor. Condições econômicas desfavoráveis, calor e ruídos incômodos, por exemplo, podem gerar violência e conflitos entre grupos, no entanto não a determinam mecanicamente (MCCLAIN, 1993; QUEIROZ, 2009).

O potencial de conflito pode ser multiplicado à medida que o grupo cresce, não somente pelo número adicional de participantes, mas também pela possibilidade da formação de facções e coalizões dentro do grupo inicial. Todo esse processo, no entanto, só é possível se há um grupo coeso que possa partilhar esforços com o intuito de obter um denominador comum. Por isso, viver coletivamente depende de compartilhar um ambiente onde o altruísmo recíproco mantenha as relações entre os indivíduos. Choi e Bowles, (2007), argumentam que o altruísmo dentro de uma

coalizão pode ter levado a vitórias em conflitos, dando acesso a recursos escassos, o que evidentemente, contribuiu para o aumento da aptidão de seus membros. Os indivíduos de um mesmo grupo tendem a permanecer coesos e contrários ao grupo rival. Incitações à cooperação são dirigidas ao grupo de pertinência e visam aumentar a coesão do grupo, tornando-o mais forte na competição contra outros grupos. (YAMAMOTO, 2008).

Nesse aspecto a cooperação é um importante requisito na manutenção das relações sociais (ALENCAR, 2008). Por muitas vezes, os indivíduos até mesmo se colocam em risco para ajudar seus aliados. Apesar de aparentemente isso implicar em custos para o cooperador e benefícios para quem recebe a ajuda (MACEDO, 2007), o comportamento altruísta pode gerar possíveis recompensas futuras para o doador. Se essa estratégia comportamental pode gerar benefícios individuais mútuos, eles promovem vantagens evolutivas.

A Psicologia Evolucionista defende que essas características e mecanismos foram, provavelmente, moldados no nosso passado evolutivo. O aparato mental humano segrega o mundo em categorias, e a partir daí, maximiza os seus benefícios evolutivos, cooperando ou competindo. Todas essas descobertas são expressões de uma psicologia subjacente de formação de alianças e coalizões: um conjunto de programas neurocognitivos típicos da espécie que evoluiu para regular a cooperação dentro do grupo e o conflito entre coalizões rivais no ambiente de adaptação (BARKOW ET AL., 1992; COSMIDES ET AL., 2003; KURZBAN ET AL., 2001; TOOBY ET AL., 2006).

Diante do que foi exposto pode-se ter a impressão que o ser humano é um animal violento que não consegue controlar seus “instintos mais primitivos” e que é capaz de cometer homicídios em nome de benefícios evolutivos. O animal humano é capaz de cometer atos violentos diante de alguns contextos sociais e essa capacidade pode ter conferido, ao longo da evolução humana, algum tipo de vantagem para os indivíduos que a expressavam. Mas na mesma proporção, sabe-se que o ser humano comporta-se de maneira extremamente benevolente, se o ambiente assim o permitir.

O cérebro humano é capaz de gerar emoções, comportamentos e processar informações. No entanto, essas atividades são reguladas de modo que se possa maximizar a aptidão, ou seja, garantir a sobrevivência e proporcionar a reprodução.

Os mecanismos psicológicos indicam o comportamento mais apropriado segundo as circunstâncias ambientais (COSMIDES & TOOBY, 1997). Isso significa que nossos mecanismos psicológicos devem avaliar adequadamente qual a melhor conduta a ser adotada diante de alguns estímulos específicos, seja esta uma conduta hostil ou uma conduta gentil.

Enquanto primata, o homem expressa violência. O maquinário neuropsicológico responde com sentimentos hostis diante de alguns estímulos aversivos. Mas também há mecanismos que

possibilitam escolher outras alternativas. Associar os ideais evolucionistas às condutas agressivas costuma assustar, por dar a entender que tal conduta não é passível de controle ou atenuação. Porém, o ser humano possui mecanismos psicológicos que lhe possibilita a destruição, mas também é dotado de um arsenal que lhe permite condutas gentis. A abordagem da Psicologia Evolucionista pode levar a um entendimento cada vez maior da condição existencial humana e possibilitar o desenvolvimento de estratégias mais eficazes para o tratamento dos problemas humanos.

3. ETIOLOGIA DA AGRESSIVIDADE

3.1 Definições e níveis de análise

Como já foi dito anteriormente, a causalidade pode ser explicada pelas causas proximais e pelas causas distais ou histórico-evolutivas. De modo geral, há muita confusão nas explicações do comportamento humano justamente pela falta de diferenciação nas análises e suas origens (ALESSI, 1992).

As análises dos fenômenos humanos devem ser realizadas de forma múltipla, buscando-se uma alternativa integradora para a explicação da agressão que inclua diferentes níveis de análises e, ao mesmo tempo, mantenha clareza sobre o tipo de explicação que está sendo empregado.

Segundo Niehoff, (1999), agressão é um comportamento adaptativo entendido como a utilização de força física ou verbal em reação a uma percepção de ameaça. Por sua vez, violência é um comportamento não adaptativo, que consiste da agressão direcionada ao alvo errado, no lugar errado, no tempo errado e com a intensidade errada.

O comportamento agressivo é uma categoria que engloba atos que variam de acordo com as manifestações típicas para cada idade, severidade e escolha do oponente ou vítima (LOEBER & HAY, 1997). Distintamente, violência é uma característica de algumas formas de agressão com o objetivo de causar dano extremo (ANDERSON & BUSHMAN, 2002) entre indivíduos de uma espécie em particular: os seres humanos.

3.2 Perspectivas teóricas clássicas sobre a agressão

Muito tem sido feito no intuito de alcançar-se uma melhor compreensão do fenômeno agressão, dentre muitas obras, aparecem as de Charles Darwin, e a psicanálise de Sigmund Freud.

Em seu livro *"A expressão das emoções no homem e nos animais"*, de 1872, Darwin provocou impacto na sociedade ao afirmar que o comportamento humano é controlado pelos mesmos mecanismos que governam o comportamento dos demais organismos.

Em meados de 1930 e 1940 um grupo de cientistas, autodenominados etologistas, como Niko Tinbergen, Konrad Lorenz e Karl Von Frisch, comprometidos com as ciências, trabalhavam para expandir a complexidade do modelo biológico, mostrando que os instintos, ou seja, as rotinas e sub-rotinas comportamentais, apresentavam um componente genético que poderia ser "dissecado" pelos métodos tradicionais da biologia: existiam genes que regulavam os ritmos da vida, a memória e o esquecimento, bem como os modos de identificar parceiros sexuais.

Assim, um instinto seria diferente de um reflexo, o qual é uma simples resposta dada instantaneamente pelo organismo a algum estímulo, sem o envolvimento de um centro cerebral. Os instintos tornam-se mais complexos à medida que o sistema nervoso de uma espécie também se sofisticava.

Existem muitas críticas à aplicação do termo instinto no que se refere às influências biológicas no comportamento agressivo em seres humanos. Um exemplo de simplificação é o "instinto da agressão", que foi descrito por Lorenz, (1966), não como um princípio diabólico que tem por finalidade a destruição e a morte, mas como um contribuinte da preservação e organização da vida. Dentre todas as lutas entre espécies diferentes, a função preservadora é ainda mais evidente na agressão intraespecífica. Para Lorenz, as funções básicas do comportamento agressivo animal são reguladas pelos instintos de hierarquia, territorialidade e defesa da prole. Eles irão agir ou serão suprimidos, de acordo com a situação na qual o animal se encontra.

A agressividade não está limitada ao campo de estudo da Etologia. De acordo com Freud a crueldade seria um traço normal da infância, pois a trava que limita a pulsão de dominação, e faz com que a criança se detenha diante da dor do próximo, se desenvolveria tardiamente. Com isso, Freud cita que a agressividade começa a se formar junto ao desenvolvimento do indivíduo.

Em *O ego e o id* (1923/1989), Freud fala sobre duas classes de pulsões: Eros, ou pulsão de vida e Thanatos, ou pulsão de morte. O primeiro abrange o conjunto das pulsões que criam ou mantêm a unidade (pulsões sexuais e pulsões de auto-conservação). Contrapondo-se às pulsões de vida, estão as pulsões de morte, que visam a redução completa das tensões. Essa pulsão está voltada inicialmente para o interior e tende à autodestruição. Secundariamente se dirigiria para o exterior, manifestando-se então sob a forma da pulsão de agressão ou de destruição. A pulsão de morte torna-se pulsão de agressão quando é desviada para o mundo externo, fazendo-se notar através da agressividade e destrutividade.

Freud acreditava na necessidade de atividades sociais que servissem como válvula de escape

para toda a energia armazenada, ponto de vista compartilhado por etólogos como Lorenz. Em O mal-estar na civilização (1930/1989), Freud assinala que a agressão é o maior impedimento à civilização. A inclinação que os homens têm para a agressão constitui o fator que perturba os relacionamentos com o próximo. “Em consequência dessa hostilidade primária dos seres humanos, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de desintegração”. Por outro lado, afirma que sem a agressão o homem não se sente confortável.

A frustração produz energia agressiva e esta por sua vez instiga o comportamento agressivo (MILLER, SEARS, MOWRER, DOOB, & DOLLARD, 1941). Porém a frustração não irá conduzir inevitavelmente à ocorrência da agressão: “frustração produz instigação a um número de diferentes tipos de resposta, um dos quais é a instigação de alguma forma de agressão”. A manifestação de um ato agressivo vai depender, entre outras coisas, da posição hierárquica ocupada pela instigação à agressão. Já a intensidade da resposta irá variar de acordo com diversos fatores: a força com que se tenta chegar a um objetivo, o valor atribuído a este e o grau de interferência.

Sob outro ângulo, a agressividade não depende de impulsos internos nem é provocada pela frustração. Albert Bandura, (1973), desenvolveu a teoria da aprendizagem social, segundo a qual a maior causa da agressão é o incentivo e as recompensas oferecidas pelo ato. A pessoa frente a uma situação pesa os benefícios e os custos potenciais em expressar um comportamento agressivo. Caso os benefícios sejam maiores, ela optará pela agressão a fim de atingir os seus objetivos.

Bandura não concorda com a existência de um impulso inato de agressão diante de um estímulo aversivo (TEDESCHI & FELSON, 1994). Afirma que os atos extremamente violentos não podem ser espontâneos, precisam ser aprendidos e treinados para que sejam executados. Este aprendizado ocorre lentamente e requer modelos que os pratiquem, que sirvam de exemplo, como a família, a sociedade ou os ídolos, os quais demonstram se as ações trarão recompensas ou punições.

A reação agressiva pode ser provocada por estímulos aversivos, os quais podem atuar no afloramento da propensão inata de atacar impulsivamente a fonte de tal estímulo. O indivíduo irá expressar menos agressividade logo após ter dado uma resposta agressiva - pois o objetivo de agredir foi atingido, mas isto não o impedirá de ser mais agressivo da próxima vez em que for estimulado (BERKOWITZ, 1984).

O componente raiva atua não como determinante da resposta violenta, mas como um facilitador desta. Berkowitz aborda outro aspecto do comportamento agressivo: a agressão instrumental. Ao invés de uma reação trata-se aqui de um comportamento apreendido com o objetivo de alcançar recompensas e evitar punições. Embora o sistema de agressão instrumental estabeleça-se a partir do sistema anterior, é o sistema de agressão reativa impulsiva mais significativo na compreensão da agressão em humanos (TEDESCHI & FELSON, 1994).

Huesmann, (1998), apresenta a idéia de script mental, o qual sugere ao indivíduo que eventos que aconteceram num determinado ambiente podem se repetir, gerando estratégias de como agir quando ocorrerem essas repetições, quais os resultados mais prováveis de seus comportamentos. Por isso, fantasias e expectativas sobre a agressão estão fortemente correlacionadas com a expressão de muitos tipos de comportamento agressivo em ambos os sexos. Estas cognições se desenvolvem na infância e, uma vez cristalizadas, tornam-se resistentes à mudança (HUESMANN, MOISE, PODOLSKI & ERON, 1997).

No modelo de Huesmann, 1998, o processamento de informação social envolve a percepção de hostilidade frente a situações ambíguas. Por exemplo, crianças agressivas são mais propensas a interpretar atos ambíguos praticados por outros como hostis, ainda que estes não o sejam. Há também aquisição, permanência e recuperação de scripts e esquemas mentais para o comportamento social (BECK & FREEMAN, 1993). As primeiras experiências de aprendizado de uma criança têm um papel fundamental na aquisição destes esquemas, os quais são compostos pela interação de diferenças biológicas e ambientais, e moldarão tanto o mecanismo do processamento cognitivo, como o comportamento apresentado pela pessoa.

Por milhares de gerações a vida na Terra tem se caracterizado por perigo e ameaça de agressão inter e intraespecífica: um mundo brutal e imprevisível ao qual animais e ainda muitos seres humanos estão expostos. Para a compreensão efetiva da agressão intraespecífica é necessário uma ampliação do nível de análise: ao invés de incluir somente as experiências passadas do indivíduo, é fundamental refletir sobre a história evolutiva e social da espécie. Nessa perspectiva histórica, problemas típicos consistiam em encontrar parceiros, caçar animais, criar crianças, negociar com amigos e se defender contra agressões do meio físico e também os de outros elementos. Aqueles cujos circuitos neuronais eram melhores desenhados para resolver esses problemas deixaram mais filhos, dos quais nós descendemos (COSMIDES & TOOBY, 1997).

Organizamo-nos socialmente com tamanha complexidade que pouco sofremos agressões de outras espécies. Entretanto, não conseguimos diminuir a agressão dentro da nossa espécie: os homens permanecem sendo os maiores predadores de outros humanos vulneráveis, preferencialmente mulheres e crianças (PERRY, 1997).

Pode-se concluir que a agressão foi um comportamento bastante funcional dentro da nossa história evolutiva, como o é entre muitas outras espécies. O que não quer dizer que exista um gene para agressão que responda pelas diferenças individuais. Considerando a complexidade do comportamento agressivo parece improvável que apenas um único gene seja responsável pela expressão do mesmo (KLOET, KORTE, ROTS & KRUK, 1996; FERRIS, 1996).

Um modelo de determinações biológicas não afirma determinações genéticas. Conforme

esclarece Wright, (1995), somente acreditando na poderosa influência do ambiente familiar, social e cultural, os teóricos por meio da abordagem evolucionista podem distinguir a variação no comportamento humano, entre indivíduos e entre grupos, sem concluir que a explicação encontra-se toda na variação genética.

A epigênese, processo interativo entre os genes e o ambiente durante o desenvolvimento, pode ser utilizada para compreender o desenvolvimento cognitivo: a informação adquirida durante a socialização contribui para a formação da mente e seus conteúdos, mas a informação contida nos genes traça os limites desse desenvolvimento (LUMSDEN, 1988).

Essa disposição para a agressão é um aspecto constitutivo da natureza humana (PERRY, 1997), seja ela definida como um conjunto especializado de circuitos neuronais (COSMIDES & TOOBY, 1997), ou como regras epigenéticas de transmissão genético-cultural (LUMSDEN, 1988).

Contudo, os indivíduos não agredem por causa de sua biologia, embora possuam um aparato perceptual e motor para proceder assim. São as experiências sociais ao longo do desenvolvimento os determinantes da cognição, bem como do substrato neural que possibilita o processamento das informações. E são justamente essas experiências que vão direcionar o organismo para interpretar as informações ambientais como potencialmente ameaçadoras e se comportar de forma mais ou menos agressiva. Desta maneira, a agressão é tanto uma consequência da neuroadaptação aos fatores psicossociais e ambientais, quanto uma consequência dos efeitos biológicos no desenvolvimento psicossocial (GRISSO, 1996).

4. VIOLÊNCIA E CATEGORIAS DE GÊNEROS

A violência, em suas formas destrutivas, visa o outro para destruí-lo, atingindo a humanidade como um todo. Este fenômeno é uma herança comum, historicamente, a todas as classes sociais, culturas e sociedades e, portanto, um fenômeno intrínseco ao processo civilizatório, constituindo-se enquanto elemento estrutural que participa da própria organização das sociedades, manifestando-se de diversas formas. A violência consiste em todo ato de violência de gênero que resulte em qualquer ação física, sexual ou psicológica, incluindo a ameaça.

No que tange às denominações violência doméstica e violência familiar, a Lei Maria da Penha, no seu Art. 5º, considera a violência no âmbito doméstico como aquela compreendida como espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as

esporadicamente agregadas, e no âmbito da família, como aquela compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são, ou se consideram, aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa. A Lei ainda faz referência à violência conjugal como aquela que se dá em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independente de coabitação.

Nesta perspectiva, por ser o primeiro sistema com o qual o indivíduo interage, a família consiste do microssistema no qual cada membro tem uma posição e um papel socialmente definido, que reflete sua organização estrutural e funcional. A idéia da família remete a um espaço de afetividade, harmonia e proteção de seus membros. Todavia, estudos demonstram que homens que violentam suas companheiras sofreram violência desde a infância, presenciando a agressão entre os pais e, até mesmo, sofrendo violência física, o que caracteriza a violência intergeracional.

Percebe-se que a família vivida, diferentemente da família idealizada, vem se constituindo em cenários de relações violentas. A vivência da violência familiar interfere na construção da identidade masculina, haja vista que os homens tendem a reproduzi-la nas relações sociais, em especial nas relações com suas companheiras e filhos. De uma forma geral as famílias encontram-se permeadas por relações desiguais de poder.

4.1 Violência de gênero

Gênero é um conceito das Ciências Sociais que surge enquanto referencial teórico para análise e compreensão da desigualdade entre o que é atribuído à mulher e ao homem. Assim sendo, os papéis de gênero nos são ensinados como próprios da condição de ser homem ou mulher, configurando-se enquanto uma imagem idealizada do masculino e do feminino, de modo que não percebemos sua produção e reprodução social.

A família moderna reproduz a desigualdade social existente no que se refere às expectativas geradas sobre o comportamento de homens e mulheres. Sendo assim, esperam-se das mulheres delicadeza, sensibilidade, passividade, subordinação e obediência. E, devido a sua condição biológica de engravidar e amamentar, a sociedade também delegou à mulher o cuidado com o marido, o lar e os filhos sendo, inclusive, responsabilizada por qualquer coisa de errado que aconteça.

Vários estudos confirmam esta percepção, atribuindo à mulher-mãe a responsabilidade, não

só pela educação, alimentação, mas também pela violência sofrida pelos filhos. Por sua vez, os homens estão relacionados ao espaço público, a papéis como provedor e chefe da casa, à virilidade, coragem e agressividade.

Entretanto, é de fundamental importância compreender que a construção da violência no âmbito doméstico não tem relação com as diferenças biológicas entre homens e mulheres. Esses papéis sociais são, na realidade, reforçados por culturas patriarcais reproduzidas na família. Nesse modelo de família, os atributos e os papéis de gênero valorizam o homem em detrimento da mulher, legitimando, por um lado, a dominação do homem e por outro, a inferioridade da mulher. Nesta perspectiva, a mulher é destituída de autonomia e do direito de decidir, inclusive sobre o seu próprio corpo.

A introdução da categoria gênero foi fundamental para perceber as relações de violência no espaço familiar, uma vez que esta categoria possibilita compreender os papéis socialmente pré-definidos para homens e mulheres, como perpetradores de relações hierárquicas desiguais.

Só no final da década de 60 do século XX, a partir de estudos sobre as relações familiares, o papel tradicional da mulher na família e a condição feminina na sociedade, é que a violência doméstica passa a ter visibilidade como um problema social e de saúde, tornando-se uma categoria política de reivindicação feminista que não respeita fronteira, não só de gênero, como também de idade, classe social, raça/etnia, religião e grau de escolaridade.

As mulheres passam, então, a questionar os papéis que lhes são atribuídos pela condição de serem mulheres, na sua maioria desqualificados, opressivos, sem *status* e responsáveis pelo seu enclausuramento no âmbito doméstico. Essa organização política de mulheres exige igualdade de direitos entre homens e mulheres e se constitui através do Movimento de Mulheres, a partir dos anos 70.

Hoje, percebe-se uma evolução da visão da sociedade referente à participação da mulher no mercado de trabalho, de modo que a população feminina vem ocupando posições sociais antes exclusivas do homem. Todavia, embora ocupem espaços de trabalho no mundo do público, as mulheres continuam assumindo as responsabilidades do trabalho doméstico, uma vez que passam a ter dupla jornada de trabalho. Além disso, continuam sofrendo abusos por parte dos homens, por meio de assédio sexual e moral, por exemplo.

4.2 Violência intergeracional

As relações familiares são permeadas por relações de poder, nas quais as mulheres e crianças obedecem ao homem, tido como autoridade máxima no núcleo familiar. Assim, o poder do homem é socialmente legitimado, seja no papel de esposo ou de pai. Essa imposição normativa constrói relações familiares permeadas pelo medo, de modo que qualquer desvio dos padrões naturalizados, de família poderá desencadear conflitos. A maioria dos casos de violência contra crianças e adolescentes é marcada por relações interpessoais assimétricas e hierárquicas. A violência física ocorre no processo de disciplinamento. Contudo, pais que utilizam a punição como medida disciplinar mostram para seus filhos que a violência consiste numa forma apropriada para resolver seus conflitos.

Pode-se falar, portanto, da violência intergeracional, uma vez que, como não foram aprendidos outros modelos de relações familiares, homens e mulheres tendem a reproduzir a história de violência vivenciada ainda quando crianças ou adolescentes. Enquanto instituição social básica que determina o desenvolvimento do indivíduo, a família, a depender da forma como estrutura o processo de socialização e educação, pode ao mesmo tempo ser fator de proteção ou de risco.

Embora as relações interpessoais de violência estivessem presentes no cotidiano da relação familiar, esta sempre esteve socialmente invisível por conta da autoridade outorgada ao masculino e cristalizada na estrutura familiar. Ainda que a família não cumprisse seu papel de sociabilidade e afetividade, a naturalização do direito de punir a mulher e os filhos, ambos considerados de eterna propriedade masculina, afastava as possibilidades de intervenções de poder por parte de outras figuras de autoridade.

Desta forma, a família era considerada um espaço sagrado, acima do poder do Estado, e desvinculada das transformações políticas e econômicas. Todavia, pais que exercem abuso do poder disciplinar e coercivo, violam os direitos essenciais das crianças, uma vez que a vivência de violência doméstica representa transgressão do poder de proteção do adulto e coisificação da infância. Desta forma, nega-se o direito garantido a partir de 1988, quando as crianças e adolescentes passam a ser considerados sujeitos de direito, o que também se faz presente no Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990. Este reconhece inclusive que a criança pode ser vítima de violência doméstica, portanto requer proteção do Estado.

É possível perceber que somente por estudos sobre a temática família é que se revela o caráter intergeracional da violência doméstica, podendo se reconhecer este fenômeno enquanto ato moralmente condenável, justificando a partir daí, a intervenção do Estado. Nesta perspectiva, a

violência se configura enquanto um processo de dominação e demonstração de poder que emerge da dinâmica familiar, trazendo repercussão para toda família que a compartilha.

5. FATORES RELACIONADOS À AGRESSIVIDADE

5.1 Fatores biológicos, sociais e ambientais

A violência é considerada um problema de saúde pública pela Organização Mundial da Saúde (OMS) através da resolução 49.25, de 1996, e seus índices têm aumentado, tendo como as principais vítimas os indivíduos jovens, mulheres e crianças. A OMS define violência como “o uso intencional de força física, poder ou ameaça contra si mesmo, terceiros ou uma comunidade que pode resultar em ferimento, morte, dano psicológico e prejuízos em geral”. Por sua vez, a agressividade pode ser definida como a produção de um comportamento que visa causar dano físico ou psíquico.

No Brasil, a violência ressalta como segunda causa de mortes, perdendo apenas para doenças do aparelho cardiocirculatório, com destaque para homicídios e acidentes de trânsito. Além dos homicídios, outras formas de violência fazem parte da rotina da nossa sociedade: violência contra o parceiro, abuso sexual na infância e adolescência, envolvimento precoce com álcool e drogas, sequestros, tráfico de drogas e violência contra idosos.

Diante deste cenário é de vital importância o estudo dos fatores que desencadeiam o comportamento agressivo, buscando encontrar medidas para sua inibição, promovendo a proteção do indivíduo, do grupo social e do meio o que os cerca.

Muitas pesquisas focam sobre aspectos socioambientais relacionados à agressividade. Indicativos de que a desigualdade social, a pobreza e uma estrutura familiar deficiente seriam as explicações para o comportamento agressivo e criminal sempre foram muito aceitos. Contudo, elucidações dos mecanismos genéticos e neurofisiológicos utilizados nos estudos da neurociência forneceram subsídios de que os fatores sociais e ambientais não poderiam ser exclusivos para explicar o desenvolvimento do comportamento violento e antissocial. O que de fato ocorre é a interação entre fatores biológicos e socioambientais na modulação do comportamento violento.

5.2 Os fatores genéticos e influências externas

Estudos genéticos com gêmeos e indivíduos adotados têm encontrado substratos genéticos relacionados ao desenvolvimento de comportamento agressivo, antissocial e violento. Aproximadamente 50% de variância nos fenótipos antissociais são resultantes de fatores genéticos.

Existem associações entre complicações no período pré-natal e durante o parto e o desenvolvimento de problemas comportamentais na infância. Os principais fatores relacionados são: exposição materna durante a gravidez a álcool, tabaco e cocaína, desnutrição materna e hipóxia no parto. Brennan et al., (1999), realizaram estudo longitudinal prospectivo com uma amostra de 2.127 filhos (homens) de mulheres que fumaram tabaco durante o terceiro trimestre de gestação e na vida adulta apresentaram detenção por crimes violentos e não violentos.

Concluíram que a exposição ao tabaco ainda no útero é um fator de risco significativo para o desenvolvimento de comportamento antissocial e violento. Orlebeke et al., (1997), em um estudo longitudinal prospectivo com gêmeos filhos de 467 mães que fumaram durante a gestação, comparados com 898 gêmeos filhos de mães que não fumaram durante a gestação, observaram que o tabagismo durante a gestação está associado à externalização dos problemas (oposição, agressividade e hiperatividade) de forma significativa. Estudos em animais relacionaram a exposição no útero ao tabaco, a danos no sistema noradrenérgico, redução nos níveis de dopamina e serotonina, redução na glicose cerebral e a lesões em gânglios basais, córtex cerebral e cerebelar.

A exposição fetal ao álcool pode causar danos em várias estruturas cerebrais, inclusive no corpo caloso, cuja lesão vem sendo associada a comportamento violento. Roebuck et al., (1999), avaliaram dois grupos de crianças em um estudo de caso-controle, um grupo havia sido exposto pesadamente ao álcool no período intrauterino e o segundo não havia sido exposto ao álcool. As crianças expostas ao álcool na gravidez apresentaram, com maior frequência, prejuízos significativos na cognição e também no funcionamento psicossocial, tais como prejuízos nas habilidades sociais, aumento da hostilidade, impulsividade e da labilidade emocional, além de maior envolvimento em delinquência.

Delaney-Black et al., (2000), avaliaram o impacto da exposição fetal à cocaína associando esta ao aumento dos níveis de delinquência. Em estudo longitudinal prospectivo com 201 crianças expostas à cocaína e 270 crianças não expostas concluíram que as primeiras apresentavam reações de externalização mais intensas e comportamento delinquente, sendo a vulnerabilidade maior em meninos. A cocaína afeta os sistemas monoaminérgicos.

A hipóxia no útero ou durante o parto pode lesar diversas estruturas cerebrais e o hipocampo parece ser o mais sensível, estando relacionado ao controle do comportamento agressivo.

Complicações no parto estão sendo relacionadas a comportamento violento no adulto quando associada ao ambiente hostil na infância (rejeição materna precoce, por exemplo). Desnutrição materna, com pobre ingestão de proteínas no primeiro e segundo mês foi associada a comportamento antissocial na fase adulta. Anormalidades físicas menores ao nascer sugerem desenvolvimento neuronal insatisfatório e podem estar associadas com delinquência e comportamento violento de crianças e adolescentes.

Liu et al., (2005), conduziram um estudo longitudinal prospectivo que avaliou a relação entre desnutrição até os 3 anos de idade e comportamento agressivo aos 8, 11 e 17 anos, numa coorte de 1.795 nascimentos (entre estes 353 desnutridos aos 3 anos de idade). Observou que houve uma relação direta entre o grau de desnutrição, externalização do comportamento agressivo e hiperatividade, também relacionado à redução do quociente de inteligência.

5.3 Alterações neurológicas relacionadas ao comportamento agressivo

5.3.1) Disfunções do lobo frontal

O lobo frontal está relacionado à capacidade de tomar decisões, planejar, dar sequência, continuidade e coerência aos atos através do tempo, monitorar, avaliar e ajustar o comportamento, de acordo com motivadores internos e externos, modular o afeto e controlar o comportamento do indivíduo. Atinge a maturidade completa no final da adolescência. A região pré-frontal está relacionada ao controle e regulação das emoções, reações e impulsos gerados no sistema límbico. Lesões em áreas pré-frontais prejudicam o controle de áreas subcorticais, aumentando reações emocionais negativas e comportamentos violentos.

Teorias neuropsicopatológicas estabelecem uma relação entre danos em áreas pré-frontais, suas conexões com áreas cerebrais subcorticais e em áreas temporais associadas a estruturas límbicas ao comportamento agressivo. Esse estaria relacionado a déficits de função executiva como atenção, concentração, memória e processos mentais superiores, interpretações errôneas a estímulos e eventos externos, e incapacidade de regulação dos impulsos. Pacientes com lesões frontais apresentam menor capacidade de controle emocional e de julgamento do impacto dos seus comportamentos. Apresentam dificuldade de empatia e de avaliação crítica de seus comportamentos disfuncionais, com tendência à repetição do mesmo.

Lesões pré-frontais ventrais e orbitais relacionam-se a desinibição, aumento da impulsividade e predisposição aumentada para comportamentos violentos. Quanto mais precoce a lesão, maior o impacto sobre o controle interno. Lesões traumáticas por traumatismo crânio-encefálico, sobretudo em regiões frontais, estão associadas em adultos e em crianças a um aumento do comportamento agressivo. Estudos de neuroimagem estrutural e funcional encontraram redução do metabolismo da glicose e da atividade na região pré-frontal de agressores e também redução da substância cinzenta pré-frontal em antissociais de até 11% quando comparada aos controles.

5.3.2) Disfunções em lobo temporal

As lesões de lobo temporal, porção medial, área onde estão as estruturas do sistema límbico, estão relacionadas a episódios de descontrole episódico dos impulsos, caracterizados por raiva extrema não provocada, e a comportamentos agressivos mais desorganizados e menos dirigidos. Podem estar presentes déficits mnêmicos e intelectuais, alucinações auditivas e visuais, e prejuízos de linguagem (receptiva), agressividade e pobreza de controle de impulsos.

5.3.3) Alterações dos neurotransmissores

O comportamento agressivo impulsivo está relacionado a um desequilíbrio entre diversos sistemas de neurotransmissores no córtex pré-frontal, sobretudo o sistema serotoninérgico que é responsável pela regulação do sistema dopaminérgico. A transmissão serotoninérgica, nas áreas pré-frontais e no cíngulo anterior, controla emoções e respostas comportamentais; reduções na atividade serotoninérgica estão relacionadas ao comportamento agressivo, principalmente, impulsivo. Indivíduos antissociais apresentam baixos níveis do metabólito da serotonina, e altos níveis do ácido homovanílico no líquido, metabólico da dopamina. Estudos em animais demonstram que aumentos na transmissão dopaminérgica no córtex pré-frontal e no núcleo acumbens aumentam a agressividade. O bloqueio da atividade dopaminérgica em humanos reduz a habilidade de identificação de expressões faciais de raiva e diminuem a agressividade relacionada à impulsividade.

Assim, reduções na atividade serotoninérgica e aumentos na atividade dopaminérgica estão interligados e associados a um maior risco de comportamento violento.

5.3.4) Hormonais

Altos níveis de testosterona estão relacionados a comportamentos agressivos. Mulheres que já cometeram crimes tendem a ficarem mais agressivas na fase menstrual e isso pode estar relacionado aos baixos níveis de progesterona neste período. Altos níveis de cortisol podem estar relacionados a comportamento agressivo e persistente em homens.

5.3.5) Nutricionais

Deficiências nutricionais são fatores de risco para o desenvolvimento de comportamento agressivo. Em estudos animais, dietas pobres em triptofano foram associadas a maiores índices de comportamento agressivo. A deficiência de zinco e/ou ferro (a deficiência de ferro pode reduzir a transmissão dopaminérgica) está relacionada a um aumento no comportamento agressivo de crianças.

5.3.6) Intoxicações

Intoxicações por metais como chumbo, cobre e zinco predisõem a aumento do comportamento agressivo e violento. Porém, há indícios de que um aumento na disponibilidade de cálcio na dieta de pacientes intoxicados por metais poderia exercer um efeito protetor, embora estes resultados sejam preliminares.

5.3.7) Gênero

O comportamento agressivo é mais frequente no sexo masculino, sobretudo as formas mais graves. Uma das explicações sugeridas para que nas mulheres as formas mais agressivas de comportamento não se manifestem tem como bases fatores protetores biológicos, tais como maior tamanho do corpo caloso, com melhor comunicação inter-hemisférica, melhor habilidade verbal e mais rápido amadurecimento de regiões frontais, facilitando o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais para resolução de problemas interpessoais. Além das diferenças biológicas entre os gêneros, há de se considerar que os homens são mais expostos a fatores de risco ambientais.

5.4 Fatores socioambientais

Farrington et al., (1998), identificaram como principais estimulantes sociais do comportamento agressivo e violento a pobreza, criminalidade na família, criação precária, reprovação escolar, déficit de atenção e hiperatividade e comportamento antissocial na infância. No Brasil, Schraiber et al., (2006), avaliaram os principais determinantes socioambientais do comportamento agressivo. Concluíram que desigualdades socioeconômicas, baixos salários, baixa renda familiar, ausência de políticas públicas integradas e condizentes com as necessidades da população em relação à saúde, educação, moradia e segurança, a prioridade no desenvolvimento econômico em detrimento do social e intenso apelo ao consumo, conflitando com o empobrecimento do país, estão relacionados a um aumento no risco de comportamento extremamente agressivo, levando inclusive ao homicídio.

Do ponto de vista socioambiental, indivíduos mais agressivos apresentam déficits no processamento das informações sociais, na habilidade de codificar informações, interpretar e considerar riscos e benefícios de suas ações. Segundo teorias socioambientais, a violência e a agressividade seriam aprendidas. De acordo com a teoria da aprendizagem social, as crianças aprendem valores e normas do grupo social ao qual pertencem, através de suas próprias vivências e testemunhos do comportamento do seu grupo social. Se os seus comportamentos forem recompensados ou punidos de forma adequada, se a criança tem exemplos positivos dos pais e não testemunham conflitos familiares, ela conseguirá desenvolver cognições e habilidades sociais que lhe permitirão interpretar dados sociais, conduzindo-a a um comportamento adequado e não violento. Segundo a teoria da aprendizagem social os principais fatores de risco para transtornos de conduta, agressividade, delinquência e crime são baixos níveis de autocontrole e de autorregulação e exposição a pares delinquentes.

Crianças que são recompensadas ou punidas de forma inconsistente, presenciam conflitos familiares ou têm um dos pais envolvido em crimes, não desenvolvem adequadamente habilidades para soluções de problemas sociais. Os pais são responsáveis pelas primeiras informações que permitem o desenvolvimento de habilidades sociais; crianças de pais negligentes, que oferecem disciplina errática, que têm conflitos entre si, ou que cometem crimes, envolvem-se precocemente em comportamento criminal, que está por sua vez relacionado à manutenção do comportamento ao longo do tempo.

Maus-tratos na infância como rejeição materna, violência de qualquer forma, pais negligentes, perdas repetidas do cuidador primário, disciplina severa ou inconsistente, abuso sexual e físico, são fatores de risco para o desenvolvimento de comportamento violento na infância e, por

sua vez, este comportamento é preditivo de comportamento ofensivo, agressivo e antissocial em adultos.

Teorias do desenvolvimento que enfatizam o impacto de experiências precoces como o rompimento do apego da criança com a figura parental, sugerem que maus-tratos precoces podem ser mais fortes desencadeadores de comportamento agressivo posterior do que maus-tratos mais tardios. O testemunho de violência parental mostra-se um fator de risco para que jovens se envolvam em relações amorosas violentas. As crianças expostas à violência utilizam-se da mesma para resolver seus conflitos. Vítimas de abuso sexual têm duas vezes mais chances de experimentar ao menos um episódio violento no relacionamento amoroso.

Adolescentes que convivem com pares delinquentes apresentam maior probabilidade de terem comportamentos delinquentes. O baixo nível de autocontrole e alta impulsividade, que podem ser mediados por aspectos genéticos e ambientais, fazem com que se aproximem desses grupos e sejam rejeitados de grupos pró-sociais, devido a sua pobreza verbal e ao pequeno repertório de soluções de problemas sociais. Adolescentes com pouco apego maternal ou com pais ausentes, pouco engajados, pouco conectados emocionalmente ou pais muito permissivos, apresentam com maior frequência comportamentos de delinquência, uso drogas, álcool e envolvimento em relações conturbadas.

Outro aspecto importante na compreensão do comportamento violento, conforme a teoria da desintegração social, é a falência das instituições sociais e da comunidade para prover materiais relacionados às necessidades básicas, reconhecimento social e integridade física. A integração social se dá em três dimensões: socioestrutural, com acesso a bens materiais e culturais, institucional e socioemocional. Quanto mais integrado socialmente, maior a aceitação das regras e leis sociais. A probabilidade e a intensidade do comportamento violento aumentam na medida em que o sujeito experimenta o medo de desintegração, o que faz com que a habilidade para controlar o comportamento violento diminua. A falta de reconhecimento social pode ser compensada por práticas violentas, as quais diminuem sentimentos de fraqueza e aumentam a autoestima.

A violência passa a ser aplicada como um meio de restaurar a justiça ou adquirir respeito e afirmação de identidade. O estresse emocional dos pais pode desintegrar a família, influenciando na socialização das crianças, aumentando sentimentos de frustração e insegurança e as tensões e conflitos. Essas crianças já crescem com autoimagem negativa, o que aumenta suas tendências agressivas.

5.5 Interações biológico-ambientais

O desenvolvimento de habilidades sociais resulta de interações entre desenvolvimento e maturação biológica e vivências ambientais. A aquisição das habilidades cognitivas sociais é influenciada por déficits nos lobos frontais, comunicação inter-hemisférica, socialização com os pais e pares e habilidade verbal. Indivíduos agressivos e antissociais são impulsivos, não pensam antes de agir, têm dificuldade de abstração, déficits na resolução de problemas cognitivos interpessoais, são egocêntricos, pouco empáticos e têm dificuldade em perceber que outras pessoas podem pensar ou perceber de forma diferente da deles.

Esses déficits cognitivos podem colocar o indivíduo em situação de desvantagem social e torná-lo mais susceptível a respostas agressivas e envolvimento com crimes. Como o ambiente pode extinguir ou recompensar determinados comportamentos, por meio da aprendizagem em um ambiente estimulante, indivíduos com vulnerabilidade biológica ao desenvolvimento do comportamento agressivo e antissocial podem adquirir comportamentos mais adaptativos.

Fatores genéticos interagem com fatores ambientais na produção do comportamento agressivo. Apenas o polimorfismo genético não é suficiente para explicar o desenvolvimento de um comportamento, mas poderia aumentar a probabilidade do desenvolvimento de determinados comportamentos. Como já mencionado, estudos avaliando o impacto do polimorfismo do gene MAOA demonstraram que o efeito genético no comportamento só se manifestava na presença de maus-tratos na infância.

Ferguson, (2008), desenvolveu um modelo para o comportamento antissocial, no qual fatores genéticos e influências ambientais, como exposição à violência familiar, interagem no desenvolvimento de uma personalidade propensa a comportamentos violentos extremos. Postula que os seres humanos possuem um sistema de controle de impulsos nos lobos frontais que inibe a expressão de comportamentos agressivos. Falhas nesse sistema são fortemente influenciadas por fatores genéticos, assim, indivíduos predispostos geneticamente podem responder aos estímulos do meio hostil, passando a exteriorizar comportamentos agressivos.

O autocontrole e regulação estão relacionados a fatores genéticos e sociais. As crianças orientadas e educadas em ambientes mais favoráveis adquirem níveis maiores de autocontrole. Pode-se concluir que fatores biológicos e ambientais agem tanto de forma independente como combinada no desenvolvimento do comportamento antissocial e agressivo. Um ambiente de risco pode maximizar déficits biológicos; já ambientes protetores podem atenuar esses mesmos déficits.

Pode-se de modo geral dizer que o comportamento agressivo é multifatorial. Estudos evidenciam que fatores biológicos, socioambientais e a interação entre eles podem estar implicados

diretamente no desenvolvimento do comportamento agressivo, violento e antissocial.

6. DESVIOS NO COMPORTAMENTO SOCIAL

Estamos habituados a encarar a violência como um ato enlouquecido, uma transgressão de regras, normas e leis criadas e aceitas por uma comunidade. Violência, em nosso imaginário, está permanentemente associada à marginalidade, a atos físicos de abuso (assalto, assassinato, etc.), ou à ruptura das normas e leis. Nosso mito, como aponta Chauí, (1980), é o de uma sociedade não violenta, cordial e sem preconceitos, com episódios violentos, sempre referidos a mecanismos de exclusão social, onde nós, como agentes, não nos incluímos.

Mas o que dizer da exceção que está se transformando em norma? Como entender o ato agressivo, violento, delinquente e antissocial, em uma perspectiva sócio psicanalítica? Segundo Ridley, (2000), os seres humanos têm alguns instintos que fomentam o bem comum e outros que favorecem o comportamento egoísta e antissocial.

A guerra de modo geral é uma invenção tipicamente humana, usada como ferramenta para controle populacional ou também em decorrência de culturas específicas, como a invenção de armas ou ideologias de superioridade. A guerra baseia-se mais em cálculos do que em instintos, sendo um instrumento político, ou de modo genérico, ela seria o produto das condições sociais.

7. DA AGRESSIVIDADE À VIOLÊNCIA

A questão da agressividade no ser humano suscita, desde Freud, uma situação paradoxal: todos admitem que a agressividade exista no ser humano, mas recusam-se a admiti-la e estudá-la como algo inerente a si mesmo.

Poucas pessoas admitem serem cruéis em atos e pensamentos. Existe um trabalho civilizatório que educa os seres a camuflar ou suprimir a vertente agressividade de sua fisiologia, preço alto a ser pago em nome da civilização, até porque não há como extirpar a agressividade do ser humano. Quando ela não parece de forma explícita, aparece de forma implícita, voltando-se contra o próprio indivíduo que a negou.

O homem é intrinsecamente mau e destrutivo, tendo de ser contido em seus desejos por

forças civilizatórias, sem o que estaria condenado ao modo de viver impulsivo próprio dos povos primitivos (FREUD, 1930). Esta era uma das mais difundidas representações da sociologia emergente na década de 1930, tendo o evolucionismo e a perspectiva etnocêntrica da civilização como matriz comum. Freud localiza o maior problema da civilização na agressividade constitucional do homem.

Segundo Freud, (1933), é um princípio geral que os conflitos de interesses entre os indivíduos sejam resolvidos com o uso de violência. É isto que se passa em todo o reino animal, do qual o homem não tem motivo para se excluir. Tanto para Freud, (1930), assim como para Ridley, (2000), é a sociedade que gera, mas que também restringe a expressão da agressividade individual, mesmo que jamais a extinga.

Segundo Ridley, (2000), é uma regra da evolução, à qual estamos longe de ser imunes, que quanto mais cooperativas são as sociedades, mais violentas são as guerras entre elas. Os humanos estão entre as criaturas mais sociais do planeta, mas também as mais beligerantes.

São os instintos agressivos que tornam difícil a vida do homem em comunidade e ameaçam sua sobrevivência. A restrição à agressividade do indivíduo é o primeiro e talvez o mais severo sacrifício que dele exige a sociedade. A tendência das sociedades humanas a se fragmentar em grupos rivais fez com que o homem se tornasse exageradamente propício aos preconceitos e às disputas genocidas.

Para Costa, (1986), o caráter específico da violência é o desejo do mal, humilhar, fazer o outro sofrer. O ato violento porta a marca de um desejo, o emprego deliberado da agressividade. Não há, portanto, violência instintiva, porque falar de violência é falar de uma intenção de destruir.

A agressividade, ao contrário da violência, inscreve-se dentro do próprio processo de construção da subjetividade, uma vez que seu movimento ajuda a organizar o labirinto identificatório de cada sujeito. Como aponta Vilhena, (2002), o fato de ser constitutiva não significa a validade ou legitimidade de seus movimentos.

Enquanto a agressividade institui o outro em um lugar de autoridade e investido de certo valor, a violência promove a desqualificação deste valor, anulando este outro. A ampliação dos mecanismos narcísicos potencializa os mecanismos de impotência e desamparo constitutivos do sujeito, dificultando as práticas de solidariedade social. Seus efeitos acentuam as reações de segregação, o antagonismo e o ódio em relação ao diferente, tornando maiores e insuportáveis às pequenas diferenças entre o sujeito e o outro. Por isso, na violência, ou no ato de fazer o outro sofrer, o laço social não se faz presente.

É interessante relacionar as idéias de Winnicott, (1987), com as de Ridley, (2000),

observando animais e seres humanos adultos vistos em sociedade e não bebês percebe-se que a família é a parte social do homem que permanece fora do egoísmo humano, pois nela não se precisa reconhecer ou retribuir ao próximo as atitudes vistas como generosas. Está implícito que a família suporta o indivíduo e ele a defenderá em detrimento do grupo maior.

Assim, os filhotes confiam na caridade da mãe e não precisam conquistá-la com atos de bondade. Irmãos e irmãs não sentem a necessidade de retribuir cada ato generoso. Mas indivíduos sem vínculo de parentesco têm aguda consciência das dívidas sociais (RIDLEY, 2000).

A agressividade pode tomar diferentes caminhos de acordo com as respostas ambientais (WINNICOTT, 2000). Tudo indica que nos casos atuais de expressão da agressividade nas sociedades esteja havendo uma falha básica da família na contenção dos impulsos agressivos. A tendência antissocial, que seria normal até nos bons lares, está se transformando rapidamente em destrutividade, violência e delinquência. (MAIA, 2002).

O sujeito violentado sabe que foi submetido à coerção e dor desnecessárias ao seu crescimento. O sofrimento que viveu não teve uma contrapartida de aprendizagem, ou de qualquer gratificação: foi imposto e o reduziu, através do puro medo, a uma criatura fraca, que obedece a outra criatura supostamente poderosa.

A agressividade que cria o mundo, e também cria a destrutividade, não pode ser categorizada como saúde e doença e, sim, como um deslizar entre saúde e doença. A agressividade destrói dependendo dos olhos de quem a vê. Assim como a agressividade que cria dependendo do olhar de quem vê criação naquilo que seria somente um movimento a esmo.

O que o ser humano busca é um modo de vida que o faça se “sentir vivo” e “estar bem”. É isto que ele tenta construir ao longo de sua existência. Seja uma resposta a um ambiente suficientemente bom, ou a um não tão suficientemente bom, ou até mesmo a um ambiente muito ruim, a agressividade será usada como estratégia de sobrevivência possível e viável. Usando o princípio da seleção natural, o mais “forte”, estabelecido por meio da violência, perpetuará, e o mais “fraco”, sobrepujado pelo dominador, extinguir-se-á.

A agressividade é uma característica comportamental típica dos animais. No caso do ser humano, este tipo de comportamento é influenciado tanto por fatores biológicos como socioculturais, e pode acarretar sérios problemas tanto para sujeitos agressores como para as vítimas. Conhecer os fatores evolutivos e ontogenéticos que influenciam a agressividade humana é extremamente relevante não só para a compreensão teórica deste comportamento, como também para tomada de medidas de prevenção.

7.1 Agressividade Infantil

Dados de uma pesquisa estatística realizada na década de 1980 no Brasil mostraram que a violência já era, naquela década, a segunda maior causa de óbito no país. Da mortalidade geral, 15,3% envolviam episódios violentos (LESSA, 2004). Sabe-se também que a violência é a segunda maior causa de mortalidade no mundo moderno, sendo que entre adolescentes, das cinco principais causas de mortes, três estão relacionadas com a violência: ferimento, homicídio e suicídio (ROSENBERG & FENLEY, 1991).

Contudo, este não é um problema apenas dos países subdesenvolvidos, ou que tenha passado a ser relevante apenas com o surgimento das grandes metrópoles. Não se trata ainda de um problema limitado em algum intervalo de tempo específico da história. Um estudo com perspectiva paleoepidemiológica observou o padrão e a distribuição de marcas de golpes e outras agressões físicas evidenciadas em material arqueológico de ancestrais do homem moderno, mostrando a agressão intraespecífica como um fenômeno intrínseco da própria história da humanidade (LESSA, 2004).

O próprio histórico de guerras presentes no contexto de surgimento e desenvolvimento das grandes nações, desde o velho mundo até as colonizações mais recentes, dispõe de documentos suficientes para ressaltar a força deste argumento. Apesar do fenômeno não ter origem na modernidade, a sua compreensão ainda envolve a carência de respostas às perguntas que desafiam os pesquisadores. Mais do que um fenômeno comportamental típico, o comportamento agressivo em excesso nos tempos modernos tornou-se um problema de grande impacto social e de interesse para a saúde pública.

Trabalhos recentes sobre fatores de risco que levam à vitimização e agressão de crianças e adolescentes têm chamado atenção para o fato do comportamento agressivo apresentado na infância poder ser um fator de peso para a previsão de problemas comportamentais que aparecem na adolescência e na vida adulta (GOMIDE, 2000; WATSON *ET AL*, 2005). O trabalho de Watson e Peng (1992) destacou fatores ambientais como punição física, exposição à mídia televisiva e o brincar com armas de brinquedo, como determinantes na previsão de comportamentos agressivos de crianças.

Há um sólido embasamento para a afirmação de que estudos do comportamento de crianças são relevantes e podem dispor conhecimento importante para a atuação de pais, educadores e cientistas interessados na prevenção de desequilíbrios comportamentais relacionados ao comportamento agressivo e que venham a aparecer ao longo do desenvolvimento.

É importante advertir sobre a multivariabilidade de fatores ligados ao comportamento

agressivo, sendo a interligação de variáveis um fator determinante para compreensão da agressividade, muito mais poderoso do que a observação de variáveis isoladas (GENTILE, LINDER & WALSH, 2003). Por exemplo, crianças punidas de forma abusiva pelos pais, expostas a modelos violentos na mídia e que brincam com armas de brinquedo, tendem a apresentar maior participação em conflitos envolvendo agressão física (WATSON & PENG, 1992).

Cientistas partem da similaridade genética entre humanos e chimpanzés, pois as semelhanças na história de seleção ao longo da filogênese de ambas as espécies podem ter deixado um legado genético com predisposições a maior agressividade dos machos do que das fêmeas, tanto em chimpanzés quanto nos humanos. Isso explicaria os motivos pelos quais homens se engajam em maior número de episódios violentos do que mulheres e têm um histórico de guerras entre sociedades rivais.

Segundo Wrangham e Peterson, (1996), o problema é que os machos são demoníacos em níveis inconscientes e irracionais. A motivação de um chimpanzé macho que desafia seu rival não é que ele prevê mais acasalamentos, melhor comida ou uma vida longa. Estas recompensas explicam por que a seleção sexual favoreceu o desejo por poder, mas a razão imediata do seu viés pelo status é mais simples, mais profunda, e menos sujeita às variações do contexto. É simplesmente um artifício para impor dominação dos outros. Segundo os escritores quando um chimpanzé macho desafia o outro para uma luta, vencer é um fim em si mesmo, e que para o homem isso parece valer da mesma forma.

A tendência masculina a agredir mais do que as mulheres seria consequência de tal legado genético, resultado de uma seleção sexual ocorrida ao longo de cinco ou seis milhões de anos. Esse processo de seleção sexual teria modelado o cérebro humano masculino para se tornar capaz, inclusive, de premeditar a violência não provocada (WRANGHAM E PETERSON, 1996).

7.2. Agressividade intraespecífica

A agressividade intraespecífica é um comportamento adaptativo que pode trazer vantagens no estabelecimento de hierarquias sociais, acesso a sítios alimentares, conquista de parceiro sexual e defesa da prole (KREBS & DAVIES, 1995). A natureza agressiva de muitos organismos foi evolutivamente moldada e contribui de modo significativo para a sobrevivência individual e mesmo da própria espécie. No entanto, a agressão está muitas vezes associada à condição de estresse, o que pode contribuir para diminuição do desempenho individual (MOBERG, 1999).

Segundo Moberg & Mench, (2000), o bem estar pode ser indicado pelo desempenho em termos de crescimento e aproveitamento alimentar, funções que são comprometidas quando o animal passa por situações de estresse. Assim, as interações sociais e os encontros agonísticos podem alterar as condições da homeostase, proporcionando condições que alteram o bem estar do indivíduo.

Observando os peixes coloridos em recifes de corais da Flórida, Konrad Lorenz fez uma descoberta bastante interessante. Quando se tratava de peixes vistosos, com cores de reclame, era totalmente impossível conservar em ambiente com dimensões limitadas, como um aquário, mais de um indivíduo da mesma espécie.

Vários peixes, mas apenas um de cada espécie, podiam coabitar pacificamente um mesmo espaço. Tanto no mar quanto no aquário a coexistência de dois indivíduos de uma mesma espécie colorida ocorria, tranquilamente, apenas em peixes em permanente estado conjugal, do contrário, os indivíduos mostravam-se mais agressivos com os membros de sua própria espécie. Desta maneira, o princípio de “semelhante repele semelhante” ocorre entre estes indivíduos, porém no mar, havendo a possibilidade de fuga pela ausência de limitação física, não há efusão de sangue, o peixe vencido tem possibilidade de se retirar do território do vencedor.

Em aquários onde tal fuga não é possível, na maioria das vezes, o vencedor se não mata imediatamente seu opositor, colocar-se-á como fator limitante ao seu desenvolvimento, intimidando o mais fraco por meio de constantes ataques, fazendo com que se desenvolva muito mais lentamente, terminando por entrar em estado de inanição, culminando em sua morte.

Na natureza a guerra é onipresente. Comportamentos e armas ofensivas ou defensivas postas a seu serviço atingiram tal perfeição que parece natural atribuí-los à seleção natural, agindo pelo interesse da espécie. A expressão luta pela vida, tipicamente utilizada e mal interpretada, faz pensar numa disputa entre espécies diferentes, mas realmente, a luta idealizada por Darwin, a qual poderia fazer progredir a evolução, é em primeiro plano uma concorrência entre parentes chegados.

Evidentemente existem lutas entre espécies diferentes, onde a função conservadora da espécie é muito mais declarada do que entre indivíduos da mesma espécie. A influência recíproca de uma ave de rapina sobre sua presa pode fornecer um exemplo de adaptação devido à pressão seletiva, assim como a rapidez dos ungulados desenvolve nos grandes felinos que os perseguem, uma grande possibilidade de salto e a presença de patas fortemente constituídas. De maneira recíproca, estas aquisições provocam em suas presas, sentidos cada vez mais apurados e patas cada vez mais velozes.

Algo importante a se ressaltar é que nunca no combate entre o que “come e o que é comido” termina no extermínio de uma das partes. Estabelece-se sempre um estado de equilíbrio

perfeitamente suportável, sem o qual os leões teriam morrido de fome muito antes de terem devorado o último casal de antílopes ou de zebras, capazes de procriar. O que ameaça de modo imediato a existência de uma espécie não é o adversário que dela se alimenta, mas sim, o concorrente da mesma espécie.

A analogia com as profissões humanas ilustra o que ocorre na natureza, pois se numa determinada região médicos, comerciantes e mecânicos pretenderem obter seu sustento, farão bem em instalar-se o mais longe possível dos outros, evitando a concorrência direta. O perigo de que numa parte do biótopo disponível, uma população demasiado densa de uma só espécie de animais esgote todos os recursos alimentares é eliminado de modo simples e eficiente se esses animais sentirem repugnância uns pelos outros.

Deste modo, o papel mais importante da agressão intraespecífica é a conservação da espécie. Com o comportamento agressivo, indivíduos conseguem eliminar seus rivais, adquirindo o controle do meio e dos recursos disponíveis, eis uma das razões de tal comportamento ter se perpetuado ao longo do processo de seleção natural. Assim, a mais importante função desse tipo de agressão é garantir a repartição regular de animais da mesma espécie num determinado território, onde os combates entre rivais também favorecem, por meio de seleção natural, que os mais fortes e melhores combatentes sejam selecionados.

A seleção favorecida por este comportamento combativo produziu defensores de bandos, rebanhos e famílias, particularmente robustos e valentes. Esta função que a defesa do grupo exerce no interesse da espécie conduziu, de maneira inversa, ao favorecimento da seleção de combatentes impiedosos, considerados impressionantes, como os enormes bisontes ou os machos de determinadas espécies de babuínos, onde cada vez que o grupo é atacado, rodeiam seus membros mais fracos de um corajoso cinturão defensivo.

A agressão intraespecífica ao contrário de um princípio diabólico, destruidor, é na verdade uma parte essencial da organização dos instintos, em vista da proteção a vida. Por razões não muito óbvias, a mutação e a seleção natural, agentes responsáveis pelo desenvolvimento de todas as árvores genealógicas, escolheram precisamente o rebento mais rude e duro da agressão intraespecífica, para darem as flores da amizade e do amor.

8. EMOÇÕES NA ORDEM DOS PRIMATAS

Apesar da evidente singularidade do comportamento humano, esse indivíduo ainda é um animal que sofre ação da seleção natural, sendo fruto da evolução biológica. A comparação entre o homem e os outros animais é importante para estabelecer o contexto no qual podemos colocar de modo mais adequado as especificidades do comportamento humano. A evolução do homem e dos fundamentos biológicos de sua cultura constitui uma preocupação importante da Antropologia.

É possível separar os homens dos demais animais em função da consciência, do raciocínio, da linguagem e do instrumental simbólico culturalmente construído, porém as emoções são comuns entre homens e animais. É difícil deixar de reconhecer que animais, especialmente os mamíferos, sentem raiva, medo, alegria, satisfação, ciúmes e desapontamento, desenvolvem relações afetivas com outros animais, inclusive com os próprios humanos. As semelhanças comportamentais não se reduzem à dimensão emotiva, porém esta pode ser observada de maneira imediata, pois quando surgem podem ser comunicadas independentemente da razão e consciência.

Darwin afirmava que as emoções formam a base inicial da compreensão entre portadores de culturas diversas. Não é prudente subestimar as emoções, afinal o que seria a vida sem alegrias e tristezas, raiva, amor e ódio?

Os seres humanos não se movem exclusivamente no universo rarefeito da razão e dos sistemas simbólicos. Ao contrário, o comportamento humano brota de um espesso caldo emocional que permeia sua vida social, sendo responsável tanto pelas atitudes mais nobres, quanto pelos problemas mais dolorosos enfrentados, cotidianamente, nas sociedades humanas.

Os chimpanzés são genética e evolutivamente os parentes mais próximos dos humanos, possuindo características muito semelhantes em diversos aspectos. Abordar a questão das semelhanças e diferenças entre humanos e chimpanzés da perspectiva do comportamento emocional esbarra na dificuldade de encontrar uma definição científica adequada das emoções e uma classificação consensual. Algo característico das emoções reconhecido desde Aristóteles é o fato de não emergirem da consciência, sendo raramente controladas conscientemente. Outra característica importante é sua expressão corporal automática e involuntária, o que torna difícil ocultá-las ou disfarçá-las.

As emoções são processos determinados biologicamente e dependem de mecanismos estabelecidos de modo inato, formulados ao longo da história evolutiva, sendo parte do conjunto de estruturas que regulam e representam estados corporais, acionados automaticamente sem uma reflexão consciente. Emoções podem ser provocadas por estímulos internos ou externos. Com relação aos estímulos externos é preciso reconhecer, mesmo para os animais, a existência de uma

variação considerável dos tipos de estímulos que podem induzir uma emoção e a forma da ação que eles desencadeiam, a qual será selecionada em função da experiência individual ou social, não dependendo assim apenas de condicionantes genéticos, mas também do aprendizado. Simplificando, tem-se que sentimentos e consciência dependem do substrato emocional.

Animais sociais tendem a apresentar, quando confinados artificialmente, comportamentos patológicos em seu desenvolvimento emocional incluindo impotência, angústia, depressão, passividade e alheamento.

O amor constitui uma preocupação básica e um problema permanente para homens e mulheres, adultos e crianças de todas as sociedades humanas. Como palavra da linguagem comum o termo é bastante impreciso, sendo utilizado em diferentes contextos, com significações variáveis. Chimpanzés, como todas as demais espécies, não tem conhecimento do chamado amor espiritual, o qual surge de elaborações simbólicas, características dos seres humanos. Entretanto, o amor entre pais, mães e filhos, o amor ao próximo ou sociabilidade e o amor relacionado à sexualidade estão presentes nas sociedades chimpanzés, sendo as diferenças tão importantes quanto as semelhanças.

9. EXPLORANDO O MUNDO DOS CHIMPANZÉS

Os chamados primatas antropóides incluem os homens (*Homo sapiens*), os chimpanzés (*Pan troglodytes*), bonobos (*Pan paniscus*), gorilas (*Gorilla gorila*), orangotangos (*Pongo pygmaeus*) e gibões (*Hylobates lar*). Os chimpanzés são extremamente próximos aos humanos, compartilhando mais de 95% da bagagem genética. A diferença entre os chimpanzés e humanos é menor do que a existente entre eles e os gorilas. A literatura recente tem separado, como espécie diversa, os bonobos, nos quais além de diferenças estatísticas na proporção dos membros inferiores e superiores e menor dimorfismo sexual, podem ser detectadas diferenças comportamentais significativas; as quais incluem atividade sexual mais intensa, menor agressividade, dominância menos marcada por parte dos machos e grupos maiores.

Chimpanzés são animais sociais e vivem em grupos relativamente estáveis de 30 indivíduos em média, que podem variar de 10 até mais de 100, e incluem jovens, subadultos e adultos de ambos os sexos. As relações entre membros de um mesmo grupo são bastante intensas, podendo ser caracterizadas como altamente emocionais. Os chimpanzés estão constantemente se comunicando uns com os outros, através de vocalizações, posturas corporais, expressões faciais e contato físico como agressões e carícias. São os mais barulhentos dentre os primatas, comumente tomados por

explosões emocionais em qualquer idade e sexo, algo semelhante ao comportamento de crianças mal-educadas.

Existe forte dominação dos machos sobre as fêmeas, e machos imaturos são dominados pelos adultos de ambos os sexos. Entre os machos adultos, o alfa lidera o grupo. A hierarquia entre os machos não é permanente nem pacífica, sua vida social consiste em reafirmar ou contestar posições de dominação, através de demonstrações de agressividade e submissão. Há também uma hierarquia entre as fêmeas, menos clara e competitiva. A organização dos grupos inclui um complexo processo de fusão-fissão, com subdivisões e reuniões de grupos associadas à procura de alimentos, onde as preferências afetivas e relações de parentesco interferem diretamente.

A competição por posições na hierarquia envolve alianças e coalizões igualmente marcadas por relações interpessoais. A vida grupal constitui-se de diferentes machos adultos, sendo encontrada entre outras espécies de primatas, mas não nos demais antropóides não humanos. Gibões, por exemplo, vivem em pequenos grupos formados por um casal e seus filhos imaturos. Orangotangos são animais solitários que se aproximam apenas durante o cio, para uma breve convivência; os pequenos grupos existentes consistem em uma fêmea com suas crias imaturas. Gorilas apresentam variações na composição dos grupos: a maior parte deles inclui apenas um macho adulto com diversas fêmeas e filhotes imaturos, formando um harém, mas há também bandos que incluem até quatro machos adultos.

Por meio do exposto é possível iniciar a análise das semelhanças e diferenças entre humanos e chimpanzés em relação ao comportamento amoroso, começando pela sexualidade, a qual possui bases instintivas e envolve alta carga emocional.

9.1. Sexualidade e promiscuidade

Entre os primatas, em especial os bonobos, observa-se o grande interesse por sexo, com grande espectro de atividades eróticas, diferentes posições de cópula, masturbação e carícias hetero e homoeróticas. Assim, o contato sexual é muito constante e altamente difundido em sua sociedade. Entre bonobos não existem barreiras sexuais entre sexos diferentes nem entre idades ou grau de parentesco.

Com relação aos chimpanzés duas características fundamentais organizam sua sexualidade, e ambas diferem dos padrões humanos. Em primeiro lugar, como em praticamente todos os animais sexuais, com exceção do homem, o acasalamento é controlado por ciclos periódicos de fertilidade e infertilidade das fêmeas, ou seja, ocorrem períodos de cio com duração limitada. Nesses períodos

as fêmeas ficam simultaneamente atraentes para os machos, e receptivas às relações sexuais. Fora desses períodos, as relações entre machos e fêmeas são, em grande parte, assexuadas, embora as diferenças de gênero permaneçam.

Em muitas espécies esses ciclos costumam ser anuais e regulados por períodos de maior abundância de alimentos, de forma que todas as fêmeas entram no cio mais ou menos ao mesmo tempo, e a atividade sexual de machos e fêmeas fica restrita a um período muito breve do ano. Não é isso que ocorre com os chimpanzés e outros primatas. Não existe uma sazonalidade coletiva nos períodos de cio das fêmeas, as quais apresentam ciclos individuais de fertilidade, interrompidos pela gravidez e amamentação. Isso significa que embora as fêmeas individualmente estejam indisponíveis para relações sexuais, a existência de múltiplas fêmeas num mesmo bando garante que haja alguma no cio, proporcionando aos machos, múltiplas oportunidades de relacionamento sexual durante todo o ano.

O cio das fêmeas é marcado por um inchaço muito visível da parte externa dos órgãos sexuais, que adquirem um colorido rosa intenso. Quanto maior o inchaço, que é mais pronunciado nas fêmeas plenamente adultas e férteis, maior será sua atratividade para os machos. O tipo de periodização do cio das fêmeas e os padrões de acesso dos machos às fêmeas no cio constituem, para os animais sociais, um elemento fundamental de organização dos grupos. Uma forte tendência ao monopólio de fêmeas por parte de um macho dominante impede a existência de grupos sociais amplos.

Utilizando de forma metafórica conceitos que se aplicam mais propriamente a seres humanos, pode-se dizer que esse monopólio impede a existência de “sociedades” e restringe o grupo a “famílias”. No caso dos gibões, por exemplo, entre os quais os grupos abrangem apenas um par adulto e sua prole imatura, a estrutura é semelhante a uma “família monogâmica”. Nesse tipo de organização, a oportunidade de atividade sexual é muito restrita, tanto para machos como para fêmeas, pois é interrompida pelos longos períodos de gravidez e amamentação.

Entre algumas espécies de mamíferos existe outro tipo de organização, semelhante ao que ocorre entre gorilas: há um único macho adulto dominante e diversas fêmeas e suas crias. Esses agrupamentos são maiores, formando uma única “família poligínica”, onde as oportunidades de relação sexual para os machos são mais frequentes.

A constituição de grupos grandes ou sociedades, onde ocorre a coexistência de machos e fêmeas adultos de forma relativamente permanente, depende da quebra do monopólio do acesso sexual às fêmeas por um único macho dominante. A solução para a sociedade chimpanzé fundamenta-se na promiscuidade, que oferece a todos os machos do grupo oportunidades para o exercício da sexualidade, pois uma fêmea no cio estará disposta a copular com diversos machos.

Desta maneira, a promiscuidade é certamente uma característica extremamente interessante da vida social dos chimpanzés.

A promiscuidade não é nem irrestrita e nem igualitária, sendo em grande parte limitada aos membros do grupo. Relações sexuais fora do grupo, embora ocorram, são objetos de repressão agressiva por parte dos membros do bando. As relações entre grupos são hostis e violentas, associadas às tentativas de preservar ou aumentar o número de fêmeas do bando. Sob este ângulo, a sexualidade demonstra-se um elemento fundamental na constituição e manutenção de grupos estáveis.

Machos dominantes garantem acesso privilegiado às fêmeas por meio de demonstrações agressivas de poder e autoridade. É comum o escambo de alimento por favores sexuais. Mas apesar de seus esforços, machos dominantes raramente conseguem monopolizar uma ou duas fêmeas. Em virtude da presença de outros machos a competição torna-se acirrada, garantindo às fêmeas possibilidades de encontros amorosos diversificados, inclusive com machos de outros grupos.

Durante o período do cio as fêmeas copulam diversas vezes por dia. Com bases nos dados coletados por de Waal, (1989), decorrentes de 15 anos de observações sistemáticas e controladas na colônia do zoológico de Arnhem, indicam que durante o período do cio as fêmeas copulam uma média de seis vezes por dia. Fêmeas adolescentes ainda não férteis demonstram um entusiasmo copulativo muito maior: uma média de dez vezes por dia, fato relacionado à tomada de iniciativa feminina ao se oferecerem aos machos. As fêmeas adultas raramente tomam a iniciativa que, nestes casos, é predominantemente masculina (DE WAAL, 1989).

A cópula é muito breve, por volta de quinze segundos, chegando ao máximo de um minuto, podendo, entretanto se repetir algumas vezes após breves intervalos. Em especial as fêmeas jovens costumam gritar ao chegarem ao orgasmo, mas os machos apenas emitem grunhidos rítmicos. Ao final da cópula os parceiros se separam.

A presença de uma fêmea no cio provoca grande agitação no grupo, prova de que a sexualidade tem grande importância na vida social desses primatas. O interesse pelo sexo não se restringe aos adultos, manifestando-se muito precocemente. A partir de dois anos, filhotes de ambos os sexos ficam extremamente excitados quando observam o ato sexual dos adultos e interferem ativamente e barulhentamente, quer tentando impedi-lo quer, mais frequentemente, tentando participar dele (GOODALL, 1988).

Tanto chimpanzés como seres humanos apresentam comportamentos sexuais bastante flexíveis, onde o grau de entusiasmo por sexo, especialmente entre as fêmeas ganha destaque. Enquanto algumas apresentam um comportamento que na espécie humana poderia ser caracterizado

como ninfomaníaco, outras parecem rezear os machos e cruzam com muito menos frequência. Há também preferências sexuais que não impedem a promiscuidade, mas estabelecem relações mais próximas e mais duradouras entre um par específico.

Como entre muitos outros primatas, a masturbação também ocorre e é um tipo de comportamento particularmente difundido entre os bonobos de ambos os sexos, mas especialmente entre as fêmeas. Entre os bonobos, as relações homossexuais entre fêmeas são comuns: fêmeas no cio se abraçam e esfregam horizontalmente os genitais, parecendo obter grande satisfação com este ato. Entre eles os contatos genitais entre machos também ocorrer apenas em momentos onde é preciso apaziguar os ânimos, ou mesmo um gesto de solidariedade, pois são breves, não produzem ejaculação e ocorrem em situações de tensão grupal. Aliás, a forma mais comum de contato genital entre os machos consiste em esfregarem rapidamente os traseiros, sem contato entre os pênis (DE WAAL, 1997).

A observação do comportamento sexual dos chimpanzés parece não deixar dúvida de que, entre eles, o sexo é uma atividade altamente emocional, um interesse constante e desempenha importante função de relacionamento, promovendo e expressando relações afetivas. A apresentação do traseiro, característica das fêmeas no cio, ao aceitarem ou convidarem um macho à atividade sexual, também ocorre entre machos e fêmeas, indistintamente, para demonstrar submissão perante um macho dominante. Portanto, sexo ou mais precisamente contatos genitais não se restringem a uma atividade de procriação nem envolvem necessariamente a cópula (HASHIMOTO & FURUICHI, 1994).

Algo interessante de ser citado é a deformação que ocorre em cativeiro, na privação das pulsões sexuais, não só a masturbação se torna habitual e mesmo compulsiva, como se manifestam também outras anomalias como impotência, frigidez, estupro e infanticídio ou rejeição das crias pela mãe. Comportamentos observados nos humanos reprimidos sexualmente, segundo Freud, seriam semelhantes aos enfrentados por primatas reprimidos sexualmente.

As condições de vida do homem assemelham-se mais a de animais em jardim zoológico do que a de animais vivendo em seu ambiente natural. Isso comprova que o instinto sexual é flexível em termos de sua manifestação e depende da experiência social tanto entre chimpanzés como entre seres humanos. A diferença mais importante reside no fato de que chimpanzés, como os animais em geral, não elaboram julgamentos morais em relação à sexualidade.

A promiscuidade está associada na sociedade chimpanzé ao fato de não se estabelecerem parcerias permanentes, estáveis e muito menos exclusivas entre machos e fêmeas. Entre humanos o sexo e a reprodução são organizados nas sociedades de forma a estabelecer parcerias, relativamente permanentes entre homens e mulheres, fortalecidas por uma divisão social do trabalho. As parcerias

sexuais humanas são estabelecidas por diferentes formas de casamento, invenção cultural imposta, que tem por base um instinto inato promíscuo. Talvez essa seja a explicação para o adultério, que apesar de condenado em todas as culturas, parecer constituir uma espécie de tentação permanente e passatempo favorito para homens e mulheres no conjunto das sociedades humanas, uma parte de sua herança compartilhada com seus parentes próximos.

Não é possível extrapolar os padrões sexuais de uma espécie para outra, mas existem indicações que tornam essa hipótese plausível. Dentre elas há o fato da promiscuidade ser tão clara entre os chimpanzés, e também viável aos demais primatas. Desta forma, pode-se afirmar que o casamento, parceria sexual estável que ocorre nas sociedades humanas, é um fenômeno propriamente cultural, sem fundamentação biológica. O que teria conduzido a humanidade a trilhar este caminho tão particular de investir no casamento e no estabelecimento de parcerias sexuais estáveis e as implicações deste caminho?

A ausência do cio, ou seja, a capacidade das fêmeas humanas manterem relações sexuais independentemente do ciclo reprodutivo é uma das respostas possíveis. Parece ter ocorrido uma adaptação evolutiva no sentido de facilitar a formação de parcerias permanentes. O cio e a interrupção da sexualidade durante a gravidez e a amamentação, como ocorre entre os chimpanzés, tornam a fêmea indisponível para as relações sexuais durante um período muito prolongado, o que provavelmente criaria tensões dificilmente suportáveis para o parceiro masculino e para o grupo no caso de restrição da sexualidade a parceiros permanentes; quando outras fêmeas entrassem no cio a parceria estável dificilmente seria mantida a não ser com a poliginia.

Mesmo que as mulheres sejam fisicamente capazes de ter um filho por ano, não poderiam arcar com a carga de cuidados envolvidos na maternidade se, como as mães chimpanzés, tivessem que prover sozinhas às suas próprias necessidades e também das crias. Portanto, as sociedades humanas desenvolveram mecanismos culturais para aumentar o espaçamento das gestações. Contudo, a taxa reprodutiva humana tende a ser superior a dos chimpanzés, o que deve estar relacionado à extraordinária expansão da espécie pelo mundo, e ao sucesso evolutivo.

As relações entre mãe e cria nas sociedades de chimpanzés são muito estreitas durante o prolongado período do aleitamento, e tendem a se prolongar por toda a vida. Mãe e seus filhos de diferentes idades formam coalizões que podem ser cruciais na disputa da chefia e nos conflitos internos de qualquer natureza. Os laços fraternos persistem mesmo após a morte da mãe como alianças privilegiadas entre machos (GOODALL, 1965). Existem protolinhas maternas dentro do grupo, muitas vezes hostis entre si. Jane Goodall documentou casos de infanticídio perpetrados por membros de uma protolinha em relação a filhotes de outras fêmeas. Essas observações introduzem a constatação de uma nova dinâmica na vida social dos chimpanzés, demonstrando uma

possível importância da consanguinidade na instituição de alianças.

9.2. Sociabilidade

É bastante aceito e pouquíssimo questionado o fato do homem ser um animal social, e a obviedade da questão reside no fato de que ele não sobrevive sem sua cultura, caracterizada pela vida social, de tal forma que a Antropologia raramente se volta ao questionamento das origens dessa sociabilidade, mas foca a origem e evolução do comportamento humano cultural humano, que o distingue dos demais animais.

Contudo, o homem não é o único animal social. A emergência da vida social está associada a mecanismos de proteção contra predadores, mas não emerge esporadicamente na natureza, como decorrência de um cálculo de custo-benefício que leve alguns animais de uma espécie a se associarem espontaneamente e outros não.

A vida em grupo aparece sempre como característica de uma espécie em seu conjunto e é própria de algumas e não de outras. Trata-se, portanto de um padrão geneticamente estabelecido, as espécies sociais são “programadas” por seus genes para a vida em grupo. No *Homo sapiens* dois mecanismos parecem essenciais nessa programação, os que evitam a dispersão dos indivíduos e os que promovem vínculos entre os membros do grupo.

Os potenciais hereditários, aprendizado e vida social, integram-se entre os chimpanzés, pois estímulos não provocam necessariamente reações automáticas, mas permitem respostas flexíveis, influenciadas pela experiência individual e social. De fato, chimpanzés possuem uma vida social particularmente intensa e complexa, não são como insetos nos quais a vida social é totalmente programada geneticamente. Ao contrário, o comportamento grupal não elimina a imprevisibilidade e a incerteza. Chimpanzés também não são animais pacíficos e altruístas, nem o grupo é uma realidade que implique na negação da individualidade e da variabilidade.

Chimpanzés são, simultânea ou alternadamente, amáveis, carinhosos, afetivos, agressivos, egoístas e mesmo calculistas. Nenhum é igual aos demais e a vida social é construída tanto sobre a solidariedade quanto sobre a rivalidade, havendo complexa luta por poder. Sob muitos aspectos são semelhantes aos seres humanos. Existe uma grande complexidade de mecanismos que contribuem na organização da vida grupal dos chimpanzés, dentre eles a hierarquia, a sexualidade, a promiscuidade, as relações entre mães e filhos e a consanguinidade.

Um aspecto fundamental da personalidade chimpanzé que parece constituir uma das bases de seu comportamento social é o intenso interesse e curiosidade que demonstram em relação uns

aos outros, estando permanentemente atentos a quem está fazendo o quê, onde e com quem, sendo nesse aspecto extremamente semelhantes ao homem. Exemplo desse interesse pela vida alheia ocorre em reuniões sociais, bares, restaurantes, festas onde mais de dois terços das conversas é dedicada à discussão de sentimentos pessoais e ao “quem está fazendo o quê com quem”. Soma-se a isso o fato de que a grande maioria das produções culturais escritas e os programas de rádio e televisão estarem voltadas para a vida dos outros, sejam os personagens reais ou fictícios.

A sede das pessoas pelos detalhes da vida particular de outros indivíduos é insaciável. Os chimpanzés, que não podem falar sobre os outros, têm que se contentar com observações de primeira mão. Esse tipo de observação do comportamento alheio por parte dos chimpanzés está longe de ser objetivo e desinteressado, apoia-se sobre um permanente fundo emotivo que envolve desde mera curiosidade, passando por cobiça, ciúme, medo, desconfiança, prepotência, submissão, cautela, alegria, prazer e expectativa de ajuda, chegando à solidariedade desinteressada.

O interesse pelo que os outros estão fazendo baliza um constante ajustamento do comportamento em relação uns aos outros e implica complexos processos mentais que envolvem a previsão da reação dos parceiros ao comportamento do sujeito, isto é, a autoconsciência, a capacidade de identificação com o outro e a memória de relações passadas. Dessa forma, o desenvolvimento da inteligência humana parece estar muito associado à adaptação para a vida em grupo.

As estratégias de acasalamento e a formação de coalizões na disputa pelo poder constituem os melhores exemplos dessa complexidade, a qual inclui a capacidade de disfarçar as próprias intenções. E essa capacidade não é demonstrada apenas em relação a outros chimpanzés, mas incluem as demais espécies com as quais convivem.

Uma experiência comum para comprovar a esperteza dos chimpanzés consiste no pesquisador esconder uma fruta de tal modo que apenas um dos membros de um grupo confinado em outro lugar possa observá-lo. Quando todos os chimpanzés são soltos no terreiro onde está a fruta, aquele que detém a informação disfarça e não demonstra nenhum interesse pelo local onde o cobiçado prêmio está escondido. Mas, assim que os demais se afastam, corre para desenterrá-la e comê-la sem ter que disputá-la com os outros.

Claramente ocorreu um complexo processo que envolveu a previsão do comportamento dos demais e uma avaliação das reações possíveis ao comportamento do sujeito e um ajustamento deste comportamento de acordo com as previsões. Isso demonstra também que a base da vida social não se assenta sobre o altruísmo. A ajuda a companheiros em dificuldades, por exemplo, não é automática, parece decorrer, pelo menos em parte, de um cálculo de custo-benefício de tal forma que não se pode contar com ela incondicionalmente. Além disso, chimpanzés raramente

compartilham comida ou cooperam para sua obtenção. As exceções quanto à doação de comida envolvem mães para com filhos pequenos e machos para com fêmeas que estejam cortejando.

Embora a vida social dos chimpanzés não seja um modelo de altruísmo amoroso, a ampla documentação existente não deixa dúvidas quanto à existência de relações afetivas entre membros de um grupo que se exteriorizam, por exemplo, em manifestações de alegria quando um companheiro, afastado durante algum tempo, retorna à companhia dos outros; ao desconforto e preocupação que exibem quando se vêem sozinhos; e à busca frenética com a qual se empenham em juntar-se ao grupo.

Em laboratório um animal isolado demonstra mais ansiedade, quando comparado em relação à presença de outro animal. A presença de um grupo, por menor que seja seu tamanho, parece representar um elemento essencial à segurança individual, sendo uma extensão dos vínculos existentes entre mães e bebês. Desta forma, a proximidade com outros indivíduos é muito importante.

Entre os mamíferos que normalmente têm partos múltiplos, os irmãos da mesma ninhada brincam uns com os outros. Mães com filhos pequenos costumam procurar a companhia umas das outras, o que promove a formação de grupos de brincadeira. Pequenos chimpanzés costumam brincar em grupos de 4 a 5 horas por dia. As brincadeiras envolvem muito contato físico e incluem exploração do ambiente, lutas e perseguições acrobáticas através das árvores. Como acontece com crianças humanas, a companhia de parceiros parece estimular aventuras mais ousadas. Adolescentes e mesmo adultos também brincam com filhotes especialmente se forem filhos de sua mãe, e adolescentes também brincam uns com os outros e formam grupos de convivência.

A sociabilidade entre os chimpanzés não é indiscriminada. Chimpanzés, especialmente fêmeas, mantêm relações preferenciais de longa duração com indivíduos específicos, procurando a companhia do parceiro, criando amizades, que se exteriorizam por meio da convivência mais frequente, no apoio contra agressões por parte de outros membros do grupo ou em caso de perigo externo, e desempenham papel fundamental nas coalizões que são tão importantes nas disputas por posições na hierarquia.

Mesmo que um chimpanzé não socorra um companheiro que esteja, por exemplo, sendo atacado por um macho dominante, o medo do macho é maior do que sua solidariedade, nem por isto ele deixa de se manifestar através de grande desassossego e gritos de protestos. Assim que o ataque termina, o companheiro se aproxima da vítima para confortá-la.

Tanto chimpanzés como seres humanos podem estar geneticamente programados para desenvolver relações afetivas, as quais se baseiam num sistema complexo de comunicação. As vocalizações que constituem um modo fundamental de comunicação, e como os chimpanzés são

extremamente barulhentos, com diferentes tipos de gritos e grunhidos, podem expressar mensagens diferenciais: perigo e pedidos de socorro, alegria, raiva, queixas, solicitações e solidariedade. Igualmente importantes são as expressões corporais e faciais, as quais parecem abranger uma amplitude de significados pelo menos tão grande quanto as vocalizações. É por essa razão que eles são tão bons figurantes em documentários e em filmes de ficção.

A alegria ao encontrar um companheiro se expressa por meio de abraços e “beijos”. A aproximação com intenções amistosas se manifesta na mão estendida, com a palma para cima, que é tocada ou “beijada” pelo parceiro. Machos derrotados numa disputa manifestam intensa perturbação através de gritos e só se acalmam quando o vencedor os toca com a mão, em palmadinhas carinhosas.

Mas na expressão e consolidação dos laços afetivos, na pacificação de indivíduos raivosos e no consolo de companheiros frustrados ou derrotados, há uma forma de contato corporal extremamente importante, que consiste no tipo de comportamento designado em inglês como *grooming*, que envolve a minuciosa inspeção da pele e do pelo para remoção de sujeiras e parasitas. O *grooming* se assemelha ao “cafuné”. Esse tipo de contato é uma atividade absorvente nos primatas em geral e chega a ocupar um quarto do tempo em que estão acordados.

É frequente observar esse cuidado com o pelo envolvendo mães e seus filhos: ocorre entre adultos, tanto machos como fêmeas; independentemente de sexo. Machos adultos passam grande parte do tempo, quando não estão buscando alimentos, catando-se uns aos outros, o que parece consolidar a solidariedade grupal e a formação de coalizões de machos na disputa pelo poder. Esse comportamento é também frequente entre machos e fêmeas no cio e constitui, de fato, uma atividade extremamente absorvente para todos os chimpanzés.

O *grooming* tem funções higiênicas, sendo essencial para a manutenção da pelagem. Mas a motivação não é, obviamente, uma preocupação com a higiene. Ele envolve um intenso prazer corporal tranquilizante para os animais. A importância do contato corporal entre os chimpanzés sugere uma comparação com as demonstrações amorosas entre seres humanos.

9.3. Paralelos

A observação do comportamento emocional dos chimpanzés demonstra a existência de paralelismos inegáveis com a vida psíquica humana, que podem ser extremamente relevantes tanto para a teoria analítica como para a antropologia.

Apesar dos riscos inerentes de antropomorfismo ou de projeções em pesquisas sobre o comportamento de animais, inferências subjetivas não devem ser por isso, inteiramente deslegitimadas. Interpretações subjetivas ocorrem por causa do processo evolutivo que une os humanos aos demais animais em termos de ascendência comum e esta continuidade fundamenta uma possibilidade de comunicação emocional entre seres humanos e outros animais, a qual certamente faz parte do equipamento psíquico antropeide.

A melhor comprovação disso reside não apenas no fato da previsibilidade do comportamento de chimpanzés, mas na surpreendente descoberta de que eles podem prever o humano também, interpretar corretamente suas intenções e se comunicar. Mais ainda, as relações afetivas que pesquisadores estabelecem com os chimpanzés têm como contrapartida as relações afetivas que eles desenvolvem em relação aos seres humanos.

Se existe alguma dúvida da semelhança entre humanos e chimpanzés, desconfiando-se do antropomorfismo, eles próprios parecem ter certeza de serem semelhantes ao homem, de poderem ser entendidos, de se comunicarem e compreenderem, e ainda e mais surpreendentemente, amarem seu irmão “macaco pelado”.

9.4. Comportamentos de chimpanzés

Desde a década de 1960, a produção dos pesquisadores dedicados ao estudo do comportamento de grandes símios, particularmente os chimpanzés, nossos parentes mais próximos (FOUTS; MILLS, 1998), os tem levado a afirmar, para espanto e surpresa de muitos cientistas sociais, que diferentes grupos de chimpanzés possuem “culturas” (MCGREW, 2004; WRANGHAM ET AL., 2001; WHITEN ET AL., 1999), reproduzem “tradições” (NISHIDA, 1987), lutam por “poder” (DE WAAL, 2000) e têm um tipo de inteligência cujo desenvolvimento é profundamente dependente de sua vida em grupo (DUNBAR, 1997).

Dentre os vínculos “fortes” identificados entre os chimpanzés, há dois que se destacam. Aqueles estabelecidos entre machos adultos em sua luta para obter e manter o poder (DE WAAL, 2007) e os vínculos constituídos entre fêmeas e seus filhotes (HRDY, 2001). Pesquisas realizadas

sobre animais confinados e sobre animais que vivem em seus *habitats* nativos têm indicado que entre os chimpanzés os vínculos estabelecidos entre um filhote e sua mãe e entre os filhotes nascidos de uma mesma mãe não são apenas extremamente fortes, mas também bastante duradouros, estendendo-se por toda a vida, inclusive quando os filhotes tornam-se adultos. Segundo Goodall, (1986), entre chimpanzés, os vínculos entre mães e filhotes são visivelmente os mais fortes e estáveis.

Goodall observou, entre os chimpanzés de Gombe, que variações nos comportamentos das mães frente a seus filhotes têm repercussões sobre a constituição de seu comportamento e que o *status* das mães é repassado aos seus filhos. Há também muitos registros de brincadeiras e cuidados entre os filhotes de mesma mãe (GOODALL, 1986). Considerando os intervalos de aproximadamente cinco anos entre cada gestação de chimpanzé, que geralmente produz um único bebê, o que ocorre é que o irmão ou irmã mais velhos já são completamente independentes, do ponto de vista da sobrevivência, quando nasce o caçula, e assim podem contribuir nos inúmeros cuidados com o frágil recém-nascido (HRDY, 2001).

Os fortes vínculos entre machos chimpanzés, aparentados ou não, de uma mesma comunidade estão fundados na luta pelo poder, que está relacionado com a posição de macho alfa ou um de seus aliados mais próximos (DE WAAL, 2007) e manifestam-se nas práticas de *grooming*, em coalizões fundadas em interesses ou conflitos, na constituição de grupos para caçar e partilhar carne e na formação de patrulhas para controlar as fronteiras de seu território (MITANI; MERRIWETHER; ZHANG, 2000).

Os machos chimpanzés são atores predominantes das trocas nos grupos, e as trocas não são apenas seletivas, mas também recíprocas, o que indica a existência de alianças que concorrem para a dinâmica de formação do *status* no interior do grupo, lembrando que altas posições sociais significam mais oportunidades sexuais para os machos.

Ainda na década de 1960 passaram a circular, entre os primatólogos, concepções distintas acerca das formas de participação de machos e fêmeas nos grupos. Uma delas, a mais bem aceita, orientava-se pelo princípio de que os machos seriam filopátricos, ou seja, permaneceriam por toda a vida no grupo em que nasceram, e que as fêmeas tenderiam à dispersão, deixariam seu grupo durante a adolescência, geralmente durante o estro, quando são muito atraentes e potencialmente muito bem aceitas, tornando-se assim membros de outros grupos (MITANI; WATTS; MULLER, 2002).

Segundo essa perspectiva, apresentam-se dois conjuntos de elementos para discussão na relação entre sexo e dinâmica do grupo. O primeiro compreende a influência das diferenças entre sexos, o comportamento associado ao sexo e seus desdobramentos sobre a organização do grupo. O

segundo implica a observação das relações entre parentes e não parentes (chimpanzés que possuem vínculos de sangue ou não), a partir da relação fundamental mãe-filhote.

Mais recentemente, os dados coletados por Frans De Waal, (2007), fizeram-no afirmar que enquanto as fêmeas chimpanzés esforçam-se por evitar conflitos, os machos são mais predispostos aos enfrentamentos. Em contrapartida, os machos adotam comportamentos para reatar as interações com muito mais frequência do que as fêmeas, que se mantêm distantes dos membros do grupo com os quais se desentenderam. Segundo De Waal, isso está relacionado à participação dos machos nos grupos de poder que se modificam, reagrupam-se e, às vezes, exigem alianças entre inimigos. O conflito entre fêmeas, por sua vez, estabelece uma relação de desconfiança e afastamento, considerando, inclusive que, quando tem um recém-nascido, a fêmea e seu pequeno bebê estão, sob certa perspectiva, numa situação de fragilidade e precisam garantir que estejam cercados apenas por membros de confiança (GOODALL, 1986; HRDY, 2001).

O primatólogo Frans de Waal quando fez um retrospecto das relações sobre os genes e ideias circulantes na mídia, na política ou no cinema em uma mesma época. Observando, por exemplo, que a primeira cena de *2001 – uma odisseia no espaço* de Stanley Kubric carrega a ideia de que a violência é benéfica do mesmo modo que a chamada hipótese “fora da África”, segundo a qual o ser humano só alcançou seu atual *status* por meio da prática de genocídios.

Na mesma época em que Ronald Reagan e Margaret Thatcher pregavam que a ganância era benéfica à sociedade, à economia e certamente àqueles com qualquer razão para serem gananciosos, biólogos publicaram livros que apoiavam tais idéias. O gene egoísta, de Richard Dawkins(1976), ensinava que, como a evolução ajuda quem se ajuda, o egoísmo devia ser visto como uma força indutora de mudança, e não uma falha que nos arrasta ladeira abaixo. O homem pode ser um primata perverso, mas isso é explicável e benéfico para o mundo. (DE WAAL, 2007).

Desde a crítica ao evolucionismo social e ao darwinismo cultural, estabelecido definitivamente no pós-guerra e que vigorou até o período entre 1960 e 1970 (WEINER, 2001), era consenso em todo o meio científico, dentro e fora das ciências sociais, que o comportamento humano possuía características exclusivas e só poderia ser satisfatoriamente explicado pelas ciências sociais.

Entretanto, isso tem mudado nos últimos 50 anos, e tanto pesquisadores orientados pelas biociências reivindicam o direito de explorar os fenômenos socioculturais, quanto estudiosos dedicados ao comportamento de seres não humanos proclamam a existência de formas não humanas de comportamento, típicas em outras espécies, adquiridas pela experiência, pelo contato de filhotes com adultos e pela participação em grupos caracterizados por intensas interações.

O princípio segundo o qual somos todos primatas e, por isso, possuímos mais semelhanças

do que diferenças tem adquirido cada vez mais consistência e mais sentido à medida que avançam as pesquisas. Acumulam-se elementos que comprovam que os humanos não apenas se parecem com seus parentes mais próximos, mas comportam-se de modo semelhante a eles em relação a muitos aspectos.

Grandes primatas, por exemplo, foram observados analisando possibilidades para escolher as alternativas mais adequadas dentre as opções que possuíam (DE WAAL, 2007), podem aprender por imitação (TOMASELLO, 2003), que é, aliás, a primeira conduta cognitiva das crianças humanas (DE WAAL, 2007), e podem ensinar o que aprenderam aos mais jovens (FOUTS; MILLS, 1998). Em outras palavras, são seres inteligentes, cujo aprendizado está diretamente relacionado à vida em grupo e que aprendem por experiência própria ou pelo repasse de experiências de outros.

Observa-se que, à medida que as pesquisas genéticas avançam na direção de demonstrar a grande semelhança entre o DNA humano e chimpanzé (GOODMAN, 1999) e pesquisas em paleoantropologia indicam que aspectos ecológicos e anatômicos reforçam os indícios acerca da origem dos chimpanzés e dos primeiros homínídeos a partir de um ancestral comum (WRANGHAM; PETERSON, 2004), pesquisadores dedicados ao estudo do comportamento de chimpanzés levantam dados e questões que procuram sustentar a existência de uma continuidade entre primatas superiores e humanos, não apenas no plano do que é anatômico ou fisiológico, mas também com relação às capacidades herdadas em relação àquilo que é aprendido, adquirido por experiência, inventado e ensinado aos outros.

10. O MACHO DEMONÍACO

Dentre todas as manifestações de violência, o ato de matar indivíduos da própria espécie, foi a razão dos escritores Richard Wrangham e Dale Peterson buscarem as origens profundas da violência humana, seguindo as linhas da ascendência humana, recuando ao tempo anterior à separação dessa espécie da dos primatas da floresta tropical úmida, cinco ou seis milhões de anos atrás, os quais não só eram ancestrais dos humanos como, também parte da linhagem genética atualmente representada pelas quatro espécies modernas de primatas: orangotangos, gorilas, chimpanzés e os bonobos. Tal busca visava encontrar os padrões de comportamento que forneceriam as pistas para este mistério profundo e perturbador da espécie humana.

Richard Wrangham, inglês, professor de Antropologia em Harvard, desenvolveu pesquisas de campo sobre chimpanzés e outros mamíferos na África, o que resultou 4 livros e mais de 80

artigos publicados. Como conselheiro da MacArthur Foundation, dirige o projeto Kibale sobre chimpanzés na região ocidental de Uganda. Dale Peterson é pesquisador especializado em primatas, escritor de livros científicos, e professor da Tufts University.

O resultado deste trabalho, vinte e sete anos de análises de comportamento em campo e em cativeiro, foi compilado no livro “O macho demoníaco”, do qual será apresentada uma breve descrição dos tópicos mais significativos.

10.1 O paraíso perdido

No começo da tarde de 7 de janeiro de 1974, no Parque Nacional de Gombe, Tanzânia, um grupo de oito chimpanzés se deslocava de forma decidida para o sul, na direção dos limites de seu território. Formavam o grupo de combate, sete machos - seis adultos e um adolescente, e uma fêmea. Havia o macho predominante que liderava o bando.

Enquanto caminhavam, ouviam à sua volta chamados da comunidade vizinha, mas não berravam nem gritavam em resposta, ao contrário, mantinham um silêncio inusitado. Ao chegarem à faixa limítrofe de seu território não pararam, continuaram avançando determinada e silenciosamente pelo território dos vizinhos.

Perto do limite dos territórios, Godi, um macho comum, adulto jovem e membro da comunidade vizinha, estava sozinho numa árvore comendo placidamente. Quando viu os oito intrusos perto de sua árvore, deu um salto e correu, mas seus perseguidores correram atrás dele. O líder do bando o agarrou por uma perna, desequilibrado foi ao chão, onde ficou preso, tendo sobre ele Humphrey, o líder do bando. Godi permaneceu imobilizado enquanto os outros machos o atacavam, excitadíssimos, gritando e golpeando, desferindo mordidas, murros e pontapés. A fêmea ficou dando voltas em torno do ataque, gritando de excitação. O ataque durou dez minutos, e foi assistido de perto pelo assistente de campo Hillali Matama, do centro de pesquisas de Jane Goodall, em Gombe.

O bando, ainda alucinado de excitação, abandonou Godi, que permaneceu deitado na lama, e os atacantes penetraram rapidamente para o interior de seu território. A vítima ergueu-se lentamente, berrando de medo e sofrimento, ficou olhando seus algozes irem embora. A cara, o corpo e membros tinham ferimentos horríveis, estava seriamente machucado, sangrando por dezenas de talhos, cortes e perfurações. Nunca mais foi visto. Pode ter vivido por mais alguns dias, talvez semanas, mas certamente morreu.

Este ataque foi uma estréia. Sem dúvida não era a primeira vez que chimpanzés faziam

ataques ao território de um vizinho, um inimigo em potencial, mas foi a primeira vez que se pode registrar um ataque mortífero no meio de chimpanzés, o que levou a questionamentos no círculo de observadores de chimpanzés, pois os cientistas achavam que somente os humanos iam deliberadamente atrás de membros de sua própria espécie para matá-los. Na mentalidade humana, a violência estaria arraigada na alma humana, revestindo apenas a humanidade, vindo a ser fruto de sua cultura e razão, como se pelo pecado original, os homens fossem naturalmente dotados deste estranho hábito de matar e ferir, indiscriminadamente, os de sua própria espécie.

O ocorrido com Godi era uma indicação de que os chimpanzés podem ser uma segunda espécie que mata seus semelhantes de modo deliberado, e o que mais chama a atenção, é o fato de que nenhuma outra espécie é mais intimamente aparentada com o humano que os chimpanzés. Qual o significado disto? A matança humana estaria enraizada na história pré-humana? Ou a morte de Godi teria sido uma aberração, uma expressão desatinada de insanidade temporária do bando de primatas?

Os ataques mortíferos não foram o único tipo de comportamento sinistro que emergiu nesses anos de pesquisa de campo sobre chimpanzés. Os cientistas também começaram a notar exemplos de violência sexual.

Uma fêmea de chimpanzé normalmente não é muito seletiva quando se trata de sexo. Ela acha a maioria dos machos atraentes, ou pelo menos tolerável. Contudo, ela não gosta de cruzar com seus irmãos pelo lado materno, mesmo quando eles a cortejam, agitando os ramos de uma árvore, olhando-a fixamente e assumindo posturas orgulhosas, a fêmea chimpanzé repele seus irmãos.

Geralmente a relutância da fêmea em cruzar com seu irmão encerra o assunto. Porém, de vez em quando um macho não aceita a rejeição. Ela resiste e o evita. Ele fica enraivecido, sai atrás dela, empregando seu maior tamanho e força superior, bate nela. A fêmea grita, foge e se esconde. Ele a encontra e ataca novamente, dando-lhe murros e pancadas, prende-a no chão e não há nada que ela possa fazer. No fundo da floresta, ocorre um estupro.

As primeiras cenas de chimpanzés em estado selvagem foram as suaves imagens apresentadas por Jane Goodall (1986), no início dos anos 60, cinco milhões de anos depois que nossas espécies se separaram. Seus gestos humanos e rostos cheios de vida os tornavam reais como indivíduos. Seus relacionamentos firmes os faziam parecer conhecidos. Qualquer humano poderia se comparar com eles e com o que faziam - coisas extraordinárias, parecidas com as atitudes humanas, como uma estranha recordação da ancestralidade compartilhada.

O bando de atacantes e a vítima solitária, por volta de 1970, pertenciam a mesma comunidade. A partir de 1970, começou-se a perceber uma divisão norte-sul desta comunidade, que

se tornou evidente a partir de 1971. No curso deste ano, oito machos adultos formaram o grupo norte, e sete machos formavam o grupo do sul, os quais começaram a se encontrar cada vez menos. Quando ocorria de se encontrarem, um clima de tensão se instalava. Assim, em 1973, havia duas comunidades: a inicial norte, de Kasekela, e a nova facção sulista de Kahama. Um a um, os machos de Kahama desapareceram, até que em 1977, o único defensor solitário era um adolescente chamado Sniff, com cerca de 17 anos.

Sniff, que nos anos 60 tinha brincado, ainda criança com os machos de Kasekela, foi apanhado em 11 de novembro. Seis machos de Kasekela, gritando, latindo de excitação, esmurraram, agarraram e morderam sua vítima furiosamente, ferindo-o na boca, testa, nariz e costas, quebrando-lhe uma perna. Um dos machos golpeava Sniff repetidamente no nariz. Enquanto os machos o esmurravam, um outro macho agarrou Sniff pelo pescoço e bebeu o sangue que lhe escorria pela cara. Sniff foi visto um dia depois, mutilado e quase incapaz de se mover. Depois disto não foi mais visto, sendo dado como morto.

Do grupo de Kahama, a divisão sul da comunidade original de chimpanzés, restou apenas três fêmeas e seus filhotes, após a morte do último dos machos do grupo. Mandy e Wanda desapareceram, o mesmo ocorreu com seus filhotes. Madam Bee, a terceira fêmea, e suas filhas, foram espancadas por machos de Kasekela. Quatro meses depois de Madam Bee ter sido morta, suas duas filhas haviam se juntado ao grupo de Kasekela. No final de 1977, o grupo de Kahama não existia mais.

Os atacantes conheciam suas vítimas. Em apenas 7 anos, uma comunidade havia se dividido em duas facções, onde uma levou a outra à extinção. O que os machos de Kasekela fizeram foi muito mais do que defesa de território. Os novos episódios de violência revelavam emoções fortíssimas, normalmente ocultas, atitudes sociais que podiam se transformar com facilidade extraordinária e repugnante, como o ocorrido com o grupo de chimpanzés de Kasekela, que exterminou o grupo de Kahama, amigos anteriormente. Depois de terem destruído a comunidade de Kahama, os chimpanzés de Kasekela expandiram seu território para o interior de Kahama.

Nos anos seguintes, por toda a África, espalharam-se relatos de patrulhas de fronteira, ataques violentos contra estranhos e choques furiosos entre equipes de machos de comunidades vizinhas. Assim a violência letal passou a ser vista como característica dos chimpanzés por todo território africano, sendo um padrão de comportamento de toda espécie. Perante os relatos de ataques em várias regiões da África, constatou-se que a violência que rodeia e ameaça as comunidades de chimpanzés é tão extrema, que estar no lugar errado, no momento errado, junto ao grupo errado, pode significar morte.

O primata assassino sempre fez parte da cultura popular. Tarzã teve que escapar dos

primatas maus, King Kong era um monstro assassino parecido com um gorila. Entretanto, antes das observações feitas em Kahama, poucos biólogos levavam a idéia tão a sério. A razão era simples. Havia tão poucas provas de animais que matavam membros de sua própria espécie que os biólogos costumavam pensar que os animais só matavam uns aos outros quando algo dava errado - um acidente, talvez, ou uma superpopulação que não era natural em jardins zoológicos. Essa noção se encaixava com as teorias então em vigor, que o comportamento animal tinha sido formatado pela evolução visando o bem comum. A seleção natural darwiniana era um filtro que supostamente eliminava a violência assassina. Até meados de 1970, para os cientistas, primatas assassinos, assim como assassinos de qualquer espécie animal, não passavam de fantasias romanescas.

Assim, o comportamento humano parecia muito destoante dos outros animais. Matar era evidentemente um resultado típico da guerra humana, e de algum modo os humanos haviam violado as regras da natureza. Contudo, a guerra vinha de algum lugar, podendo ser, por exemplo, fruto da evolução de cérebros espertos o suficiente, para pensar em utilizar ferramentas como armas, como sustentou Konrad Lorenz em seu famoso livro *On Agression*, publicado em 1963.

Qualquer que tenha sido sua origem, de forma generalizada, a guerra era vista como uma característica da exclusivamente humana. Guerrear significava ser humano e estar distanciado da natureza. Todavia, as matanças em Kahama deram credibilidade à idéia de que as tendências guerreiras do homem, recuando ao passado pré-humano, descaracteriza tal exclusividade guerreira.

Nos anos 70, mesma década dos acontecimentos em Kahama, surgiu uma nova teoria evolucionista, denominada teoria da aptidão abrangente, sociobiologia ou, mais genericamente, ecologia comportamental, a qual revolucionou o pensamento darwiniano com sua insistente explicação definitiva do comportamento de qualquer indivíduo, considerando que apenas o comportamento tende a maximizar o êxito genético: passando os genes desse indivíduo para gerações subsequentes.

A nova teoria, ao contrário, é atualmente a concepção mais aceita nas ciências biológicas, pois explica muito bem o comportamento animal; de modo geral, explica o princípio pelo qual o comportamento evoluiu a fim de servir a fins egoístas, e a idéia que os humanos poderiam ter sido privilegiados pela seleção natural a fim de que se odiassem e matassem seus inimigos tornou-se inteiramente razoável, ainda que de maneira trágica.

Os animais não chegam perto de ser tão violentos quanto os humanos. Por que então, esse comportamento tão intensamente violento evoluiu em particular na linhagem humana? Por que matar o inimigo em vez de expulsá-lo? Por que torturar e mutilar? Por que esses padrões se repetem com chimpanzés?

Como os chimpanzés e os humanos são parentes mais próximos uns dos outros, essas

questões trazem implicações extraordinárias, ainda mais porque estudos da ancestralidade original dos humanos, que se desenvolvem com maior intensidade à medida que vamos chegando ao final do século, está aproximando chimpanzés e humanos mais do que se imaginava. Três espetaculares descobertas recentes relacionadas ao relacionamento chimpanzés e humanos apontam na mesma direção: no passado, há cerca de cinco milhões de anos, em que os ancestrais dos chimpanzés e os ancestrais dos humanos não podiam ser distinguidos entre si.

Em primeiro lugar, fósseis desenterrados na Etiópia indicam que há mais ou menos quatro ou cinco milhões de anos andou pelas terras africanas um ancestral bípede dos humanos que tinha a cabeça impressionantemente parecida com a do chimpanzé moderno.

Em segundo lugar, em laboratórios do mundo inteiro, ao longo da última década, somam-se evidências de que os chimpanzés e os humanos estão geneticamente mais próximos, do que chimpanzés estão de gorilas, apesar de sua grande semelhança física.

Por último, os estudos sobre o comportamento dos chimpanzés estão produzindo numerosos paralelos, cada vez mais nítidos, com o comportamento humano. Não é só o fato de que esses primatas dão tapinhas nas cabeças uns dos outros para demonstrar afeição, que se beijam e se abraçam, tem menopausa, expressam sofrimento por seus bebês mortos, carregando-os durante dias ou semanas. Sua capacidade de fazer somas, de se comunicar por meio de sinais com as mãos, seu emprego de ferramentas, seu senso de colaboração ou o hábito de barganhar em troca de favores sexuais.

Não. O conjunto mais impressionante relacionado ao comportamento de chimpanzés é a natureza de suas sociedades. O mundo social dos chimpanzés é um conjunto de indivíduos que compartilham uma área comunitária, a qual é defendida e, às vezes ampliada com grade violência, com potencial mortífero, por bandos de machos aparentados entre si pela linhagem paterna.

O que torna esse mundo social tão extraordinário é a comparação. Poucos animais vivem em comunidades, onde as ligações sociais ocorrem através dos machos, pela linhagem paterna, nas quais as fêmeas reduzem os riscos de cruzamentos consanguíneos transferindo-se para grupos vizinhos a fim de se acasalarem. E só se tem conhecimento de duas outras espécies animais que o fazem segundo um sistema de agressão territorial intensa, originada pelos machos, inclusive com incursões mortíferas em comunidades vizinhas em busca de inimigos vulneráveis para atacar e matar.

Das quatro mil espécies de mamíferos que existem, e dos 10 milhões ou mais de espécies de outros animais, esse conjunto de comportamentos só é visto em chimpanzés e humanos.

10.2 A máquina do tempo e raízes

De acordo com análises moleculares de DNA mitocondrial de interpretações de fósseis, o primeiro grupo a se diferenciar foi o dos orangotangos, na faixa de 10 a 16 milhões de anos. Em seguida houve a separação dos gorilas, mas ainda mantiveram semelhanças com chimpanzés, exceto pelo tamanho. O ancestral dos homens e chimpanzés, o primata da floresta úmida se afastou da mesma linhagem a cerca de 5 milhões de anos: por forças das mudanças ambientais causadas pela transição do Mioceno para o Plioceno, onde longas secas e o recuo das florestas, fizeram com que restassem apenas poucas ilhas de florestas úmidas para aqueles primatas.

Para evitar a extinção, alguns grupos de primatas de florestas úmidas foram obrigados a migrar de suas bases equatoriais para latitudes mais altas. Houve profundas modificações para tanto:

- adoção da postura bípede: com a qual passaram a ir muito mais longe e mais depressa que os primatas de florestas úmidas
- mudança da alimentação: ao invés de frutas e sementes, passaram a se alimentar de raízes, que armazenavam água e carboidratos.

A seleção natural favoreceu a rápida mudança na nova linhagem de primatas do campo, os quais retiveram sua capacidade de trepar em árvores até que alguns deles se tornaram os primeiros humanos e continuaram a coletar frutos e sementes das árvores quando os pomares eram produtivos.

Uma linhagem abandonou as velhas adaptações dos primatas para subir em árvores por volta de 2 milhões de anos, mesma época em que começaram a confeccionar ferramentas de pedra e adotar carne em sua nutrição. Há 1,8 milhão de anos seus cérebros começaram a se expandir na direção do tamanho humano. O domínio do fogo veio em 1,5 milhão de anos. A linguagem surgiu a 150 mil anos e a agricultura a 10 mil anos. A pólvora foi descoberta a cerca de mil anos e os veículos modernos a um século atrás.

10.3 Ataques

O fato de chimpanzés e humanos matarem membros de grupos vizinhos de suas próprias espécies é uma surpreendente exceção à regra normal entre os animais. Acrescente-se o íntimo relacionamento genético entre esses primatas, humanos e chimpanzés, e surgirá a possibilidade de que a agressão entre grupos nessas duas espécies possivelmente tenha uma origem comum. Há

indícios de que a violência entre chimpanzés precedeu e abriu caminho para a guerra humana, tornando os humanos modernos os atordoados sobreviventes de um hábito continuado, de 5 milhões de anos, de agressão mortífera.

Antes de se analisar as provas de agressão fornecidas pelos chimpanzés, naturalmente tinha-se a guerra como atividade tipicamente humana, uma ferramenta prática para controlar a densidade populacional, ou mesmo, como decorrência de práticas culturais específicas, tais como a invenção das armas ou ideologias de superioridade. É possível enfatizar que a guerra se baseia em cálculos mais do que instintos, e que ela é um instrumento político. Com base numa análise mais genérica, a guerra é produto das relações sociais. Até mesmo com as provas dos chimpanzés, os “instintos cegos” de “hostilidade” animal parecem muito distanciados dos cálculos sofisticados e complexidades rituais que certamente se situam no cerne da guerra humana.

Nenhuma sociedade humana oferece melhor oportunidade de comparação nesse contexto do que os ianomâmis, um grupo de 20 mil pessoas, que vive no sul da Venezuela e norte do Brasil, nas terras baixas da bacia Amazônica.

Os ianomâmis servem de ponte imaginária não porque sejam fósseis vivos, mas porque ficam protegidos da influência das políticas modernas, e apresentam constante estado de guerra, sem se submeter a qualquer lei, Estado ou obrigação externa. Cada aldeia vive isoladamente, cravada na floresta, vendo seus vizinhos como inimigos potenciais, bandidos traiçoeiros e ferrenhos, que podem invadir seu território e usurpar sua terra.

Os índios ianomâmis da Serra das Surucucus, em Roraima, estão se aniquilando. A baixa é “patrocinada” e atende aos interesses de garimpeiros. De olho nas áreas de mineração das terras indígenas, eles fornecem armas de fogo aos índios há mais de duas décadas, contribuindo para a intensificação de conflitos intercomunitários, característicos da etnia. O sistema de agressões entre os ianomâmis é sociocultural. Está relacionado às relações de parentesco, à ocupação do espaço e à definição de unidades sociais.

As aldeias em média possuem 90 membros aparentados entre si pela linhagem paterna. Quando uma aldeia chega a 300 pessoas, qualquer pequena irritação leva a uma querela, depois uma briga, e finalmente uma cisão completa, surgindo duas aldeias a partir de uma original. As duas novas aldeias, talvez separadas por um pequeno rio, um trecho pantanoso ou pedaço de selva, inicialmente se mantêm amistosas. Com o tempo, porém, essa amizade vai diminuindo, cresce a tensão, e a guerra acaba por se tornar inevitável e as duas aldeias se afastam. Tal processo lembra a separação das comunidades de chimpanzés de Kasekela e de Kahama.

10.4. Temperamento

Não é muito difícil chegar-se a conclusão de que nem na História, muito menos atualmente pelo mundo existam provas de sociedades verdadeiramente pacíficas. A teoria de que os chimpanzés e humanos tem padrões semelhantes de violência se baseia em mais do que alegações da violência humana universal. Ela depende de algo mais específico, ou seja, da noção de que os seres humanos do gênero masculino, em particular, são sistematicamente violentos. Violentos por temperamento, o elemento emocional da personalidade. Essa noção do macho violento parece razoável a quem tenha familiaridade com estatísticas de crimes, algo que explica porque é impossível encontrar o paraíso na Terra.

A maioria das sociedades pelo mundo afora impede por completo a participação das mulheres em guerras, geralmente até em planejamentos e debates sobre o tema. De modo geral, facilmente se pode explicar a ausência de mulheres guerreiras entre os povos tradicionais que usavam armas primitivas. Os homens são em média 11,5 centímetros mais altos que as mulheres, portam sobre uma estrutura de ossos mais densos, uma proporção maior de músculos sobre tecido adiposo. As armas modernas, com base em explosão química, tendem a eliminar as diferenças físicas humanas, mas as armas primitivas tinham o efeito oposto. Assim, mulheres guerreiras eram raras, pelo menos em parte, por serem menos eficazes que os homens.

Durante a guerra de independência de Israel, de 1947 a 1949, dos 4 mil combatentes mortos, quase 3% eram mulheres. Sem dúvida, existem mulheres guerreiras. Mas são sempre mulheres que servem num exército de homens, combatendo em guerras de homens.

Afastando-se da guerra entre comunidades e voltando-se para questões de crimes em comunidades, encontra-se o mesmo padrão relacionado ao gênero. Mulheres dificilmente cometem assassinatos, assaltos a bancos, praticam atos de terrorismo, participam de sequestros, raramente encontram-se mulheres gângster, estupradoras etc. Certamente existem criminosas de todos os tipos e tamanhos, porém a tendência global consiste no gênero da população criminosa ser predominantemente masculino.

Os crimes do sexo masculino se especializaram em crimes violentos. Os Estados Unidos, por exemplo, a possibilidade de que um homem cometa assassinato é nove vezes maior do que uma mulher; de 78 a um que ele cometa estupro com grande brutalidade, de 10 a um que cometa agressão com lesão corporal grave. Ao todo, a probabilidade de que homens norte-americanos cometam crimes violentos é oito vezes maior em relação às mulheres. Nos Estados Unidos, as mulheres superam os homens em apenas duas categorias de crimes. A primeira, o fato de ser um pouco mais comum que as adolescentes sejam detidas por fugir de casa, e a segunda, é que há o

dobro de prisões por prostituição de mulheres.

Os homens ficaram como são exatamente por viverem numa sociedade patriarcal, enquanto as mulheres são frustradas e deturpadas pela mesma experiência cultural. A desigualdade entre sexos em favor dos homens se acha institucionalizada em todos os níveis. O historiador britânico Roy Porter, 1986, argumenta que a violência sexual, o estupro, está diretamente associada ao patriarcado judaico-cristão. Segundo o autor, a cultura ocidental, dominada por homens, é essencialmente violenta, e essa ideologia expressa-se por meio da dominação militarizada de outras sociedades, numa militarização paralela contra a mulher. Em tais condições, a mente ocidental possui vasto reservatório cultural de agressão falocêntrica dirigida contra mulher.

Em seu livro “Das Mutterrecht”, o Direito da Mãe, Johann Jakob Bachofen, em 1861, cita que por meio da presença materna, a humanidade pode ser retirada da barbárie sombria, possibilitando o estabelecimento do comércio, da cultura e da civilização. Friedrich Engels influenciado pelos pensamentos de Bachofen, na obra “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”, postulou que antes de serem atormentados pela civilização, os humanos viveram num estado de felicidade comunitária, assinalada por uma promiscuidade alegre e plena igualdade dos sexos. Entretanto, a invenção da domesticação dos animais levou à acumulação da propriedade privada pelos homens.

Com a propriedade em mãos, veio o desejo masculino pela herança sistemática, levando os homens a controlarem a sexualidade das mulheres, como meio de deixar clara a paternidade. Por outras palavras, como detinham propriedades, os homens queriam ter certeza de que eram seus verdadeiros herdeiros, e assim, a propriedade privada levou diretamente à subordinação das mulheres, “à derrota histórica mundial do feminismo”. Citando um exemplo da dominação patriarcal, na tribo mbuti, da África Central, os homens afirmam que certa dose de surras nas esposas é algo muito bom.

O patriarcado provém da biologia no sentido que surgiu do temperamento dos homens, dos seus esforços de origem evolutiva para controlar as mulheres e, ao mesmo tempo, serem solidários com seus companheiros na competição contra os de fora. O patriarcado existe no mundo todo e na História toda, suas origens podem ser detectadas na vida social dos chimpanzés. Esta manutenção se justifica por servir aos propósitos reprodutivos dos homens que mantêm tal sistema.

Contudo, forças evolutivas certamente também moldaram as mulheres, em suas mentes e corpos, de tal modo que, simultaneamente, contestam e contribuem para o sistema patriarcal. Se todas as mulheres repelissessem seus maridos, contestando-os ativamente, poderiam de fato efetuar mudanças. Mas não fazem. O patriarcado tem origem em primeiro lugar na violência masculina, mas não provém apenas do homem, tendo suas fontes no interesse evolutivo de ambos os sexos.

Cientificamente, não se pode deixar levar pela disjunção falsa, o erro de Glaton, que joga a natureza contra a formação. Verdadeiramente, a condição humana é consequência de ambas. Contudo, o que torna impressionante as semelhanças entre chimpanzés e humanos reside no fato de que o padrão compartilhado por essas duas espécies não se aplica aos demais animais. Em algumas espécies, as fêmeas são mais violentas, em outras os machos não são violentos. De modo que o problema humano não se resolve apenas atribuindo a violência universalmente aos machos.

11. A VIOLÊNCIA NO RELACIONAMENTO

Em setembro de 1980, a maior colônia de chimpanzés em cativeiro compunha-se de quatro machos adultos e nove fêmeas adultas, no Jardim Zoológico da Holanda. Os machos competiam entre si para serem o líder, o alfa. De maneira cíclica, cada um dos machos já tinha sido o alfa, pelo menos uma vez, tendo sido deposto após alianças entre os demais machos. Frans de Waal descreve tal sistema como “Política de Chimpanzés”, tal como a política, podia chegar à violência quando as negociações fracassavam.

Entre julho e agosto de 1980, o alfa era Luit. Seu reinado era instável. Nikkie, o adversário mais moço de Luit. Yeröen, um terceiro macho interessado em ser o líder, buscava aliar-se a Nikkie contra Luit, o que finalmente aconteceu, culminando num ataque feroz dos dois aliados contra o líder atual.

Na noite de 12 de setembro, segundo descrições feitas por Waal, o lugar onde os machos dormiam ficou tinto de sangue. Quando os funcionários do zoológico entraram no recinto, descobriram Luit com ferimentos graves pelo corpo todo, e mesmo após ter passado por cirurgia, acabou morrendo a tarde. No chão da jaula foram encontrados vários artelhos e unhas de Luit, além dos dois testículos. Nikkie não tinha ferimentos, e Yeröen alguns superficiais. Os indícios revelavam que havia ocorrido um ataque continuado contra Luit, no qual Nikkie e Yeröen haviam se juntado num ato, humanamente, denominado assassinato. Nikkie assumiu a liderança.

Orgulho, ideologia ou crença impedem a maioria das pessoas de verem o *Homo sapiens* como apenas outra espécie de primata. Humanos possuem linguagem, religião, moral, cultura, são capazes de debater o que significa ser humano, possuem grandes cérebros.

Deus criou os homens para serem uma espécie separada e distinta das demais espécies naturais. O homem é único. Essa é a ideologia dominante entre os homens. Porém estudos biológicos mostram um quadro mais complicado. É possível que o *sapiens* seja uma espécie única,

mas qualquer outra espécie também o é.

Durante a maior parte de sua evolução como primata, qualquer que fosse “único” era tudo, menos humano. Somente nos últimos 2 milhões de anos atingiram o cérebro suficientemente grande para ser incluso no gênero *Homo*. Por volta de 130 mil anos atingiu-se a humanidade plena. Apenas depois de 35 mil anos eclodiu o registro arqueológico de pinturas em cavernas e ossos lavrados.

Antes de 2 milhões de anos, os antepassados humanos certamente não eram propriamente humanos, eram ainda primatas dos campos. De 5 a 25 milhões de anos, eram primatas na floresta tropical úmida. Entre 25 e 65 milhões de anos, eram algo mais indefinido, parte de um grupo que deu origem tanto a macacos como a primatas. Independente do período, desde que os primatas existiram, o ancestral humano sempre foi primata.

Entre as características passadas adiante, havia um conjunto de padrões de comportamento agressivo, bastante característico de mamíferos, pois esses defendem ferozmente seus territórios. Os limites territoriais são defendidos primeiro por gritos, se for preciso, por ataques contra o inimigo, por meio de perseguições, enfrentamentos diretos e mordidas, culminado facilmente em mortes. Somente primatas terrestres são capazes de lutar com coordenação. O primata arbóreo tem possibilidades de cooperação limitada pelos galhos que terminam, pelos becos sem saída e pelos caminhos oferecidos pelos galhos. Porém, sejam primatas terrestres ou arbóreos, as lutas territoriais são frequentemente ferozes.

Por mais ferozes e frequentes que sejam, essas agressões são muito diferentes dos ataques mortíferos dos chimpanzés. O objeto dessas lutas por terra ou status é simplesmente a derrota do oponente, a dominação do outro grupo, uma vez tenham desistido, deixa-os ir embora, sem tentar matá-los. Para maioria dos primatas, são os machos que lutam com mais intensidade e frequência do que as fêmeas, acumulando cicatrizes. O objetivo de cada macho é a derrota do rival, não sua morte. Tal fato enfatiza o aspecto estranho de chimpanzés e humanos, que buscam deliberadamente suas vítimas, mutilando e matando seu vizinho impotente, apesar de seus pedidos de clemência. Somente para essas duas espécies a morte do perdedor é uma satisfação indescritível.

Chimpanzés e humanos regularmente matam adultos da sua própria espécie, compartilham de outros males como assassinatos políticos, espancamentos e estupros. O estupro também ocorre em orangotangos, sendo desconhecidos entre a maioria das espécies de primatas. Gorilas machos matam bebês com tanta frequência que a ameaça de morte violenta molda o próprio núcleo de sua sociedade. Esses padrões não exclusivos de primatas, contudo, a intensidade e amplitudes desta violência, fazem aflorar a questão: haveria algo nos primatas que os predispõe de forma especial à violência?

12. ASPECTOS DA VIOLÊNCIA

A questão da violência relacionada à saúde, sendo agente quase epidêmico de severos transtornos ao bem estar das pessoas, tem sido e continuará sendo, um difícil problema médico. Tal dificuldade deve-se ao fato de desafiar os conceitos e métodos até hoje empregados pelos sanitaristas no tratamento de endemias e epidemias. De qualquer forma, a medicina aborda os problemas decorrentes da violência, em suas mais variadas formas, como uma questão patológica determinada por causas externas e internas.

Academicamente, "a violência consiste em ações de pessoas, grupos, classes ou nações que ocasionam a morte de outros seres, ou que afetam prejudicialmente sua integridade física, moral, mental ou espiritual". Para início de discussão está bom esse conceito, embora um dos aspectos mais relevantes esteja, talvez, na angústia, medo, fobia e toda sorte de ansiedades e depressões experimentadas diante da mais remota possibilidade das ações referidas. A violência possui aspectos pluridimensionais, mas para facilitar a abordagem, destacam-se três grandes tendências:

12.1 Tendência Biológica

A primeira tendência estuda a questão sob o enfoque bio-psicológico. Nesse prisma a violência estaria relacionada a componentes biológicos e psicológicos, estando a questão social subordinada às determinações da natureza humana. Nesse caso a violência é vista como um fenômeno de caráter universal, independente de movimentos classistas e históricos, porém atrelada ao ser humano, em sua essência.

Thomas Hobbes (1588 - 1679), filósofo inglês, sugere à primeira vista que a sociedade fomentaria a violência, descrevendo o meio social como um grande campo de luta competitiva entre indivíduos, grupos e nações. Por outro lado, o mesmo Hobbes conclui que a própria luta representa um fenômeno natural humano.

"O homem é governado por suas paixões e tem como direito seu conquistar o que lhe apetece. Como todos os homens seriam dotados de força igual (pois o fisicamente mais fraco pode matar o fisicamente mais forte, lançando mão deste ou daquele recurso), e como as aptidões intelectuais também se igualam, o recurso à violência se generaliza".

Para ele as leis não se originavam de um instinto humano natural, nem de um consentimento universal, mas da razão em busca dos meios de conservação da espécie. Portanto, as leis controlariam a violência fisiologicamente presente na natureza humana. Por esse enfoque a

agressividade humana é entendida como parte do instinto de sobrevivência, tal como o é a forma natural de reação dos animais em certas condições e situações. Em tais circunstâncias o mecanismo instintivo da agressividade dispararia automaticamente nos animais e nos homens, homens que como animais que nunca deixaram de sê-lo, levando-os a atacar outros da mesma espécie.

Segundo essa idéia, a biologia social, os genes humanos reproduzidos de geração em geração, transmitem determinadas formas de reagir em condições ambientais adversas, de forma a garantir a sobrevivência. Essa tendência biológica tem valor na medida em que prioriza os problemas das pessoas em detrimento dos problemas da sociedade. O conflito humano atual seria decorrente da discrepância entre os anseios biológicos, normalmente em busca do prazer, e as possibilidades sociais, geralmente restritas à maioria das pessoas.

As pessoas seriam, segundo esse modelo, sempre incapazes de se adaptar aos ritmos e às mudanças da sociedade. Nesse caso o ser humano tenderia a ser antissocial por natureza, e seu conflito íntimo entre aquilo que quer e aquilo que pode resultaria na tendência em dominar os outros, logo, resultaria na violência.

É na tendência biológica da violência que habitam os conceitos de Personalidade Psicopática, Antissocial, Dissocial, Criminosa. Através dos elementos constitucionais dá-se o diagnóstico de um Transtorno de Conduta para a criança delinquente ou de sociopata para essa criança adulta, ou o diagnóstico de Transtorno Explosivo da Personalidade, por exemplo. Biologicamente existiriam pessoas de bom e de mau caráter, assim como existem os histéricos, os deprimidos, os ansiosos, etc.

12.2 Tendência Sociológica

A outra tendência, a sociológica, tenta explicar a violência como fenômeno social, provocada por alguma conturbação da ordem, quer pela opressão pelos mais fortes, pela rebelião dos oprimidos, pela falência da ordem social, pela omissão do Estado. Nesse enfoque, a chamada "natureza humana" se manifestaria ao sabor das circunstâncias, surgindo a violência como consequência da miséria e da desigualdade sociais.

Segundo essa idéia, um baixo nível de consciência, de liberdade, de consciência de liberdade e responsabilidade acaba acarretando um sentimento de insatisfação permanente que se expressa em confrontação, oposição, alienação e condutas violentas. Essas teorias sociológicas tendem a compreender as condutas violentas como atitudes de sobrevivência de determinadas pessoas ou grupos vitimados pelas contradições sociais. As desigualdades sociais, o contraste

gritante entre os extremos socioeconômicos, as crises de desemprego, a cegueira e insensibilidade social dos privilegiados, enfim, a desigualdade na distribuição dos prazeres que essa vida pode oferecer, levaria os pobres a se rebelarem e agredirem os ricos, ou não pobres.

A violência como revolta dos despossuídos reflete uma explosão colérica da fome de comida e de prazeres, o rancor pela desigualdade de privilégios diante da igualdade cromossômica. Nesse caso, a violência teria sua origem no exterior do sujeito sob a forma de indignação e, uma vez internalizada na consciência, explodiria em agressão contra os demais.

Ao reduzir violência social à imagem do crime e da delinquência, a tendência sociológica encara a população pobre como criminosa em potencial. Mas essa visão é acanhada, pois não leva em conta a violência política, do Estado e da própria cultura. Fazer um aposentado viver com um salário mínimo é igualmente uma forma de violência estatal, por exemplo.

Considerando o aspecto sociológico, a violência seria naturalmente maior nas grandes metrópoles, nas aglomerações de pessoas, nas massas desempregadas, na corrupção das referências familiares e das raízes culturais.

Guardada as devidas proporções, essa violência sociológica poderia se disseminar coletivamente, predispondo um povo contra outro, uma nação contra a outra na medida em que a miséria da primeira fosse entendida como causada pela segunda.

12.3 Tendência Bio-psico-social

O terceiro grupo sintetiza os dois anteriores, ou seja, compatibiliza o biológico com o psicológico e o social; trata-se do enfoque bio-psico-social. Valorizam-se adequadamente as descobertas da biologia, psicologia, genética e neurofisiologia, fundamentais para se compreender o aspecto sócio-filosófico do humano.

Igualmente, valorizam-se os mecanismos que resultam na transformação do biológico pelo social, como apelo da adaptação do biológico às circunstâncias vivenciais, assim como as adequações do psiquismo às exigências existenciais.

Essa terceira tendência, bio-psico-social, não atribui à violência um caráter exclusivamente biológico, nem psicológico ou social, mas sim, uma combinação de todos com peculiaridades próprias de cada um, cultura ou circunstância.

Há uma complementação dinâmica entre o biológico, o psicológico e o social, de sorte que toda atividade humana acaba repercutindo nas relações sociais, culturais e emocionais, afetando tanto a constituição biológica, quanto a consciência humana.

O enfoque bio-psico-social não crê que a violência resulte apenas dos problemas de natureza econômica, como a pobreza, ou política, como a falência do Estado, embora entenda que essas questões sejam muito significativas. Não crê também que o aumento da violência no mundo seja exclusivamente devido ao aumento de sociopatas, psicopatas ou congêneres, embora estes estejam presentes na criminalidade. Muito menos acredita que a violência seja devido aos traumas de pais separados, frustrações e conflitos com a educação infantil ou coisas assim, embora a crise de valores passe por essa questão de desenvolvimento psicológico. O enfoque bio-psico-social avalia todos esses elementos e hoje, mais do que nunca, está corroborada a fórmula: Fenótipo é o produto de genótipo mais a influência do ambiente.

13. UMA HERANÇA MALDITA

13.1 Estupro entre orangotangos

São de longe os menos sociáveis dos primatas. A única unidade social estável é a de pares de mãe-bebê ou tríades de mãe-bebê-filhote. Os filhotes são dependentes da mãe por até 10 anos de idade. O fato de orangotangos machos cometerem estupro com regularidade é um dos segredos mais bem guardados na literatura da zoologia popular, e ainda muito mal entendido.

A ocorrência de estupro como parcela comum do comportamento de uma espécie implica que se trate de uma adaptação evolutiva, suscitando a questão perturbadora de que o estupro humano também possa ser adaptativo. A maioria dos estupros é perpetrada por um tipo de macho que cada vez parece ser uma aberração no mundo dos primatas: um macho adulto aprisionado no corpo de adolescente.

Os orangotangos passam a maior parte do tempo sozinhos, nas altas copas das árvores imensas das florestas tropicais úmidas de Bornéu e Sumatra e, quando se movem, o fazem com muita lentidão.

Quando adolescentes, as orangotangos fêmeas demonstram grande interesse sexual, masturbando-se e tentando dar início à cópula com machos mais velhos, embora esses não demonstrem interesse. Ao terem filhotes, porém esse interesse sexual da orangotango fêmea desaparece quase por completo, provavelmente até que seu ciclo menstrual volte ao normal, o que ocorre mais ou menos dois anos após o parto.

Num casal descontraído, o sexo ocorre de forma lânguida e erótica. O coito pode começar com manipulação oral ou manual dos órgãos genitais. Quando finalmente copulam, os dois ficam de frente, na posição “papai-mamãe”. A fêmea se pendura num galho mais alto, reclinando-se sobre outro mais baixo, copulando em média por 11 minutos, às vezes por meia hora.

Para entender a ocorrência de coação entre orangotangos é necessário apresentar os dois tipos de machos. Machos grandes são enormes, pesam até 90 kg e as fêmeas 40 kg. As fêmeas parecem preferir os grandes. Para atrair as fêmeas produzem chamamentos longos e em alto volume. São barulhentos, agressivos, ostentam marcas específicas de sua macheza adulta. Sua cabeça aumentada com um topo alto de tecido adiposo e alargada com bolsas do mesmo tecido se projetando das bochechas. Barba cheia, cabeça pode ser parcialmente calva.

Um saco grande na altura da garganta serve como caixa de ressonância para sua única vocalização. São absolutamente intolerantes uns com os outros. Quando dois machos se encontram, um põe o outro pra correr ou se atacam numa luta como gladiadores. Distinguem-se como castas por suas mutilações.

Os machos pequenos são do tamanho da fêmea, e praticam estupro, pois as fêmeas preferem os machos maiores, e para garantirem sua reprodução, praticam o estupro contra as fêmeas. Os machos pequenos não lutam entre si, não emitem chamamentos longos para atração das fêmeas, não fazem muito barulho, como fazem os grandes machos. Seus níveis de testosterona indicam que estão perfeitamente capacitados para reprodução, e ocasionalmente passam por um súbito surto de crescimento, transformando-se em machos grandes. Há indício de que os machos pequenos permanecem nessa condição em resposta à presença de machos grandes nos arredores.

A alternativa mais plausível do estupro segundo Bárbara e Robert Smuts é de que o estupro pode ser um mecanismo que evoluiu nos machos, cujo objetivo primordial não é a fertilização no presente, mas o controle, para o objetivo final de fertilização no futuro. Estupro é uma forma de dominação. A ocorrência em humanos do estupro tem o mesmo propósito que entre orangotangos, ou seja, demonstrar à fêmea a força física do macho, exercendo sobre ela sua dominação e controle. As fêmeas de orangotangos são mais vulneráveis por viverem sozinhas com suas crias.

Grande parte dos estupros humanos ocorre entre pessoas que se conhecem. O estupro faz lembrar à parceira de um homem sua força física, aumentando seu controle sexual sobre ela. O macho demonstra que pode fazer sexo com sua vítima queira ela ou não. Entre orangotangos, os estupros correspondem de um terço à metade ou mais de todas as cópulas. Mesmo entre chimpanzés, entre os quais estupros são mais raros, eles ainda ocorrem com a mesma frequência constatada nas populações humanas. Entre gorilas e bonobos, estupros não são inevitáveis pelo fato de se tratar de primatas, o sendo muito mais comum entre os grandes primatas do que entre

quaisquer outros animais.

13.2 Surras de chimpanzés

O chimpanzé macho quando passa de juvenil a adulto impõe sua dominação às fêmeas por meio de violência. Ele vai pra cima dela, bate, dá pontapés, puxa até que a fêmea se desequilibre, pula sobre ela, estapeia-a, joga no chão, desfere socos. A verdadeira coação sexual. Quando a fêmea fica fértil, marcada pelo intumescimento da área anal-genital, a competição agressiva entre machos se torna mais intensa, e ela pode sofrer ataques com mais regularidade, além de ficar com pouco tempo para se alimentar. Nestes períodos é comum a fêmea abandonar sua comunidade por vários dias. O macho por meio da violência obriga a fêmea a um período conjugal.

Os ataques de machos contra fêmeas são um aspecto sistemático comum na vida de chimpanzés. A surra dos chimpanzés e a surra dos humanos se assemelham em 3 aspectos:

- são casos de violência
- exemplos de violência em relacionamentos;
- pode ser desencadeada por vários motivos externos, mas a questão motivadora é a dominação ou controle.

Não é o tamanho que explica a ocorrência de surras, o macho é maior, mas isso só facilita a surra, pois em gorilas apesar dos machos terem o dobro da fêmea, não há surras. A surra entre animais ocorre em espécies nas quais as fêmeas têm poucos aliados, ou os machos tem vínculos entre si. Ou seja, as fêmeas estão vulneráveis.

Os ataques de machos contra fêmeas são um aspecto sistemático e comum da vida dos chimpanzés. Chimpanzés machos surram as fêmeas membros de sua comunidade em contextos em que não está em jogo nada de concreto, como comida ou apoio a um aliado. Tal como surras entre humanos, a surra de uma fêmea chimpanzé pode ter lugar devido a diversos fatores contextualmente superficiais, desencadeada por eles, mas a questão subjacente é sempre dominação e controle. Da mesma forma de que o ataque mortífero e o estupro, as surras da fêmea pelo macho, representa um comportamento raro entre os animais.

13.3 Infanticídio entre gorilas

Na maior parte do tempo os gorilas são pacatos. Vivem em tropas de famílias estáveis, o macho adulto-dorso prateado, vive em harém com 3 ou 4 fêmeas e seus filhotes. São animais com padrões de acasalamento estáveis. As fêmeas são submissas, mães dedicadas e amorosas. O dorso prateado cuida da proteção das fêmeas e da prole. Os machos pouco competem entre si, raramente travam, alianças para manobrar a fim de chegar ao poder.

O filho que permanecer na tropa pode herdar o harém, mas a maioria tem que deixar o bando, vagueando sozinho ou se juntando a tropas de solteiros. Na realidade a ilusão criada pelo cinema com King Kong, de que os gorilas são bestas demoníacas não se sustenta, pois gorilas são gigantes delicados.

A prática do infanticídio se faz presente entre gorilas, sendo que estatísticas levantadas indicam que das mortes de bebês de 37 a 50 % são vítimas de infanticídio. As cifras indicam que em média, a fêmea gorila passa por infanticídio pelo menos uma vez na vida. O perigo é maior depois que morre um dorso prateado que está procriando, deixando a mãe e o filhote desprotegidos. Ao que parece a maioria dos bebês que não tem a proteção de um dorso prateado é assassinada.

Um bebê assassinado que foi gerado por outro macho significa que os interesses genéticos do assassino serão satisfeitos. As fêmeas cujos filhotes foram mortos podem voluntariamente juntar-se ao assassino e ter filhos com ele, apesar de contraditório, o infanticídio torna o assassino atraente à fêmea, pois o melhor presente que um macho pode oferecer é a proteção contra outros machos infanticidas. A maioria das fêmeas assiste o infanticídio, mas não são surradas.

Assim, o dorso prateado só serve enquanto for forte o suficiente para repelir outros machos que possam se aproximar. O infanticídio é o ato simbólico pelo qual um macho sobrepuja o outro, demonstrando à fêmea sua superioridade, sua maior capacidade de protegê-la e à sua prole.

Seria mera obra do acaso que os parentes próximos dos humanos apresentarem comportamentos violentos semelhantes aos dos homens, principalmente ao analisarmos o seu parente mais próximo: o chimpanzé? Será que os animais matam com regularidade? A resposta é eloquentemente clara: sim, pois em muitas espécies isso ocorre. Ao longo do tempo os animais foram selecionados para fazer o que for necessário para servir aos interesses genéticos do próprio indivíduo, mesmo sendo algo que pareça desagradável ou contrário ao bem estar da espécie como um todo. Quando a matança é capaz de aumentar o êxito reprodutivo de um indivíduo, ela é preferida.

Inúmeros animais matam bebês com a mesma emoção que um fazendeiro colhe beterrabas. Surge então a questão: por que os animais matam os bebês muito mais comumente do que matam um adulto? A resposta é uma zombaria de tão banal: é muito mais fácil matar bebês, visto que adultos representam uma ameaça para o assassino em potencial, oferecendo resistência.

As vidas de orangotangos, chimpanzés e gorilas confirmam a idéia, baseada no bom senso, de que o sistema social de uma espécie determinada ajuda a definir se a agressão compensa. Para os orangotangos, conquanto possamos ainda não entender por que os machos pequenos se beneficiam, do ponto de vista da reprodução, com o estupro, podemos pelo menos deduzir que as fêmeas provavelmente serão estupradas porque, como geralmente se deslocam sozinhas pela floresta, são mais vulneráveis.

No caso dos chimpanzés, aplicar surras ajuda o macho a obter o que quer quando isso é muito importante para ele, e as fêmeas ficam vulneráveis durante os períodos em que estão sozinhas ou sem aliados. Entre os gorilas, o infanticídio é uma demonstração por parte dos machos da vulnerabilidade das fêmeas e suas crias.

Entretanto, a vulnerabilidade da fêmea é apenas parte do quadro. Outra parte é a inteligência da espécie. A premissa subjacente da violência no relacionamento é de que ela funciona melhor, isto é, aumento o êxito reprodutivo do indivíduo que a emprega, quando os animais têm inteligência suficiente para aprender as características das personalidades dos outros. Desta forma, a violência dos primatas surge em parte da própria elaboração feita por suas capacidades cognitivas.

14. RELAÇÕES SOCIAIS

Quando possuem recursos abundantes durante o ano todo, as hienas pintadas (*Crocuta crocuta*) vivem em clãs dominados por fêmeas, que regulam o acesso aos campos de caça e protegem as áreas de toca. Os clãs lutam com os vizinhos na defesa dos campos de caça, podendo fazer perseguições deliberadas ao território adjacente. À semelhança de chimpanzés e humanos, as hienas vivem numa sociedade de associações temporárias, dentro de uma comunidade maior, mais estável. As lutas entre clãs favorecem os mais fortes. O medo do estranho une as fêmeas das hienas pintadas, e afeição cimenta seus laços recíprocos. Quando a vantagem é considerável, os agressores não se contentam com a vitória, matam o oponente.

Seria natural os animais matarem os de sua própria espécie? Absolutamente não. O ato de matar por si só não é incomum. Em diversas espécies, matar filhotes é rotina, raro é matar adultos,

leões, lobos e hienas pintadas, representam exceções a tal regra. Como chimpanzés, podem penalizar os rivais com a morte. Contudo, existem muitas diferenças entre essas espécies.

Em sociedades de chimpanzés e humanos a matança é dominada por machos e caracterizada pelo ataque. No caso de leões, é dominada por machos que participam da tomada do poder, não em ataques. Com hienas pintadas, a matança não inclui ataques, sendo iniciada por gangues dirigidas por fêmeas.

Dessa forma, hienas pintadas, leões e lobos, constituem uma rara exceção à regra de que os animais não matam deliberadamente outros da mesma espécie. Todos esses predadores forjam vínculos com outros animais, mas às vezes se movem sozinhos. Quando os deslocamentos conduzem a um território vizinho, e tal vizinho é apanhado sozinho por um grupo hostil, ele pode ser perseguido, encurralado, atacado e morto. Esse padrão muito se parece com os ataques mortíferos dos chimpanzés e humanos, porém não foi encontrado até hoje, provas de que hienas pintadas, leões e lobos entram num território vizinho em busca de inimigos para matar. Além disso, no caso das hienas pintadas, leões e lobos, as fêmeas desempenham importante papel na agressão.

Na maioria das espécies em que há adultos assassinos, existe o risco de quem vai matar acabe sendo morto. Se a derrota de um rival de força equivalente serve tanto quanto sua morte, não faz sentido arriscar a própria vida para um golpe final. Em suma, o equilíbrio de forças reduz a probabilidade de matança. Por outro lado, se matar for suficientemente barato, em praticamente qualquer caso de rivalidade valerá a pena matar. No mínimo matar um vizinho reduz a competição pelos recursos naturais.

Chimpanzés, assim como as hienas pintadas, vivem em sociedades xenófobas, deslocando-se em pequenas equipes e lutando com os vizinhos, seriam numa analogia, vistos como pistoleiros e bandidos de Faroeste. Suas vidas sociais são diametralmente opostas, imagens em espelho, em relação a sexo e vínculos. Entre chimpanzés o patriarcado domina. As comunidades são mantidas através da linhagem de relacionamentos entre pai-filho. Os machos são herdeiros legítimos do território, sendo dominantes, realizam os ataques e matanças, ficando com os espólios.

Qualquer comunidade de hienas é dominada por fêmeas, as quais jamais saem dos clãs em que nasceram, os quais chegam a ter oitenta indivíduos, liderados por uma fêmea. Tal dominância não é devida ao fato das fêmeas serem maiores, mas por serem mais decididas, agressivas e mais unidas que os machos. Lutam com mais dureza, são as dominantes e ficam com os espólios.

O sexo dominante vive e morre em função do território, já o sexo subordinado pode emigrar e assim sobreviver. Os ganhos de territórios produzem impactos diferentes em machos e fêmeas. Para uma comunidade de chimpanzés vinculada por machos, a terra conquistada pode abranger não apenas uma área maior para alimentação, como também novas fêmeas. Entre hienas, fêmeas e

machos estranhos de uma área conquistada, não são absorvidos, sendo expulsos ou mortos. Quanto mais forte, mais facilmente será a tomada de terra dos oponentes, independentemente dos benefícios contidos nela.

15. HERANÇAS

Melhores lutadores tendem a ter mais filhos, essa é a lógica simples, estúpida e egoísta da seleção sexual, pois os melhores lutadores poderão impedir o acasalamento de outros machos. Temperamentos herdados podem se traduzir em qualquer tipo de comportamento. Não há qualquer razão para se considerar a agressão humana como fruto cultural, ou que os ancestrais humanos eram pacíficos. Para descobrir se a seleção moldou o macho humano para agressão é preciso analisar os fatos, deixando de lado teorias.

Olhando para o corpo humano é difícil imaginar que esse seja um exemplar perigoso, visto não terem sido desenhados para lutar, são pouco corpulentos, possuindo ossos leves, parecem não dispor de armas corporais. Porém, essa primeira impressão é enganosa. Os homens são sim desenhados para lutar, mas de modo diferente das demais espécies.

Homens possuem musculatura mais forte e desenvolvida do que as mulheres. Os ombros dos meninos e meninas até a puberdade tem a mesma largura, após esse período, as células das cartilagens dos ombros masculinos crescem em resposta à testosterona. As meninas ficam com os quadris mais largos nesse período devido a ação do estrogênio. Assim, os ombros e braços dos machos humanos são resultado da seleção sexual. São parte do arsenal masculino que corresponde às repostas de crescimento induzidas pela testosterona. Possuem finalidade específica de promover a capacidade de luta na competição com outros machos. Por isso é bastante comum antes de enfrentamento direto, que os machos opositores fiquem exibindo sua musculatura, tentando demonstrar ao adversário sua superioridade como combatente.

Presume-se que a agressão animal ocorra em função de instintos ou emoções, sem a razão, como um pano vermelho na frente de um touro, o animal irá investir sem pensar. Já as guerras humanas, segundo o historiador Michael Howard, começam com decisões conscientes e racionais, baseadas em cálculos de ambas as partes.

A agressão baseada em decisões conscientes e racionais não pode ser explicada em termos de forças evolutivas como a seleção sexual. O componente animal não é puramente emocional, nem a tomada de decisão humana é puramente racional. Em ambos os casos existe uma mescla.

Entre chimpanzés, os rivais esperam estrategicamente pelo momento certo, quando ele chega, tentam escolher a melhor tática. A agressão entre machos de uma comunidade de chimpanzés ocorre de forma mais evidente na época de eleição de um novo macho alfa, quando a hierarquia vigente é contestada. A morte da fêmea alfa das hienas pintadas suscitará o desejo entre as demais fêmeas de conquistar a liderança, uma vez que contem com aliados suficientes para terem probabilidade de conquistar a posição desejada, as lutas por dominação serão cuidadosamente planejadas para que a agressora tenha o máximo de vantagem.

De modo geral as pessoas resolvem seus problemas e tomam decisões avaliando as soluções ou ações possíveis, optando por uma delas, num processo denominado racional. O raciocínio mostra como fazer algo, o emocional o leva a querer fazê-lo, de tal forma que natureza e formação são complementares, não mutuamente excludentes. Ao pensar em processos mentais por trás do comportamento animal, emoção e raciocínio são complementares e não alternativos. A razão gera uma lista de possibilidades, a emoção escolherá a partir desta lista.

As pessoas aceitam que os animais agem a partir das emoções, humanos jamais podem agir sem elas. O suposto abismo entre os processos mentais de chimpanzés e humanos está reduzido a uma diferença compreensível. Humanos tendem a raciocinar melhor, mas emoção e razão estão vinculadas de maneiras paralelas também em chimpanzés. Em ambas as espécies, a emoção fica no assento do motorista e a razão prepara o leito da estrada. Portanto, se a emoção é o árbitro final da ação nas duas espécies, então que tipos de emoções estão por trás da violência nas duas?

Dos ataques em Gombe às guerras humanas, a mesma emoção parece extraordinariamente importante. Uma emoção considerada óbvia, simples, mas que de modo profundo remonta às origens animais: o orgulho. Um macho no seu apogeu organiza sua vida inteira em torno de questões de hierarquia. Seus esforços em obter e manter o status de alfa são astuciosos, persistentes, vigorosos e consomem muito tempo e energia. Eles afetam a escolha de com quem se desloca, se afaga, para onde olha, com que frequência se coça, aonde vai e quando se levanta pela manhã. O chimpanzé macho se comporta como se fosse impelido a buscar constantemente o topo da pirâmide comunitária. Porém, tendo sido aceito como alfa, sua tendência à violência diminui de modo significativo. Diferenças de personalidade, bem como diferenças na quantidade, habilidade e eficácia de seus rivais produzem variações no grau em que fica descontraído.

Chimpanzés machos se esforçam ao máximo para ficar no topo, a única posição em que nunca terão que se humilhar. É a dificuldade de atingir tal posto que induz a agressão. Machos que atingiram status elevado conseguem transformar seu êxito social em reprodução adicional. É razoável ver o orgulho masculino, fonte de conflitos, como o equivalente mental dos ombros largos. Dessa maneira, o orgulho é também uma herança da seleção sexual.

O orgulho pode explicar a guerra. As causas imediatas das guerras são muito variadas, repletas de interesses, mas por meio de uma análise mais profunda, a conclusão inevitável é que, as guerras tendem a ter suas raízes na competição por status. O orgulho impele a competição por status. Os homens vêm armados para agressão e parecem emocionalmente preparados para buscar status.

Em 1960, três amigos íntimos de Nova York foram cursar diferentes universidades no estado da Carolina do Norte, com bolsas para jogar basquetebol. Passado algum tempo, numa disputa entre as universidades, os velhos amigos quando chegaram a jogar um contra o outro, não só não eram mais amigos, mas tinham se tornado inimigos sérios. Na temporada seguinte durante um dos jogos, cometeram faltas violentas entre si, atacando-se um contra o outro numa briga, havendo necessidade de dez policiais para desvencilhá-los.

O conflito entre amizades individuais e lealdade ao grupo serviu de temática nas artes em geral. Os grupos demandam devoção extraordinária. A Psicologia Social mostrou que a hostilidade e a lealdade de grupo surgem com facilidade previsível. Em um experimento clássico numa colônia de verão no estado de Oklahoma, na década de 50, 22 meninos de 11 anos, de cor branca, classe média, protestantes, bem ajustados, foram convidados a ir para esse local de recreação.

Psicólogos que conduziam o experimento dividiram os meninos, tendo por objetivo descobrir o grau de facilidade com que surgiria hostilidade de grupo. Levou uma semana para que cada grupo atribuísse a si próprio uma identidade, um líder e uma cultura. Após um jogo amistoso os perdedores, num ataque noturno sorrateiro, queimaram a bandeira dos vencedores. Houve revide desse ataque, onde os meninos se atacaram com pedaços de pau e bastões de beisebol, estando mesmo dispostos a usarem pedras. Os enfrentamentos agravaram-se incluindo roubo de troféus, humilhações, a ponto dos responsáveis precisarem intervir.

As pessoas rapidamente formam grupos, favorecem os de seu próprio grupo, estando dispostas a serem agressivas com os de fora. Tais vieses levam a todo tipo de “ismos”: racismos, sexismo, etnocentrismo e assim por diante. Segundo psicólogos sociais o processo começa com o estabelecimento de categorias, mentalmente colocando-se as pessoas em classes imprecisas e generalizadas, favorecendo o “nós” em detrimento a “eles”. Criam-se estereótipos, dizem-se coisas boas a respeito de nós e coisas ruins sobre eles. O complexo temperamental envolvido é denominado de viés endogrupo-exogrupo, onde cada um é percebido como raça ou etnia diferente, havendo efetivamente a “desumanização deles e supervalorização nossa”. Existe a emoção que promove a solidariedade intragrupo e a hostilidade intergrupo.

Os ancestrais primatas deixaram aos seres humanos uma herança, definida pela seleção natural e gravada na química molecular do DNA. Trata-se de uma herança maravilhosa, contudo

possui elementos destrutivos, e agora também dotados de armas de destruição em massa, esse elemento gera o potencial para o fim da humanidade e do planeta de modo geral. As pessoas sabem desse fato, ainda que de modo instintivo, por isso criaram a civilização com suas leis e a justiça, a diplomacia e mediação, mantendo-se um passo a frente dos antigos princípios demoníacos.

O problema é que os machos são demoníacos a níveis inconscientes e irracionais. A motivação do chimpanzé macho que contesta a hierarquia de outro não se deve a sua capacidade de prever maior possibilidade de acasalamento, alimento ou vida mais longa. Tais recompensas explicam por que a seleção sexual favoreceu o desejo de poder, mas a razão imediata da disputa por status é simplesmente o desejo de dominar seus pares. Ele não tem consciência da fundamentação evolutiva que colocou essa meta de orgulho em seu temperamento, mas concebe estratégias para atingi-la. A motivação dos chimpanzés machos ao investir numa patrulha em território inimigo não é a conquista de mais domínios ou fêmeas. O objetivo, falando em temperamento, é intimidar seus oponentes, rebaixando-os e neutralizando sua capacidade de desafio. O mesmo parece ocorrer entre os humanos.

16. FUGINDO DO LEGADO HEREDITÁRIO

A história de vida dos bonobos é uma história da derrota do demonismo masculino. Os bonobos são ligeiramente menores que os chimpanzés, com cabeça pequena, corpo esguio, braços e pernas compridos. Boca e dentes pequenos, a cara mais preta que a dos chimpanzés e a boca cor-de-rosa. As diferenças físicas entre as duas espécies são insignificantes quando comparadas às comportamentais. Por exemplo, as equipes de chimpanzés comunicam-se entre si com berros guturais, grunhidos, latidos que podem ser ouvidos a quilômetros. Os chamamentos equivalentes entre bonobos são curtos, agudos e suaves, com menor alcance.

Entre bonobos não há relatos de machos que obriguem as fêmeas a copular, nem que surrem a fêmea adulta ou matem os bebês. Entre os chimpanzés o macho adulto é dominante em relação à fêmea adulta, ele desfruta da dominação, ela tem que sair de seu caminho, submeter-se a seus caprichos ou será punida. Entre bonobos, os sexos são codominantes, macho e fêmea de hierarquia maior são iguais. Os filhotes bonobos são praticamente inseparáveis de suas mães, entre chimpanzés, os filhotes raramente seguem as mães. As mães bonobos são muito valiosas para os filhos, uma vez que as fêmeas cooperam entre si de forma que os machos não o fazem, o vínculo mais forte de sua sociedade é o estabelecido entre mãe-filho.

Na sociedade dos bonobos o macho raramente ataca a fêmea, e quando o fazem, temem ser repelidos por um bando de fêmeas, pois quando uma pede socorro, as demais atendem e saem em sua defesa, fato que não ocorre entre chimpanzés. Quando os machos querem se impor e ficam agressivos excessivamente, tendem a ser reprimidos pelas fêmeas. Chimpanzés machos formam alianças entre si, bonobos machos não o fazem, pois não parecem dar muita importância a quem é o “chefe”. Bonobos brigam com menos frequência, menor intensidade e tem comportamentos menos elaborados para evitar ou resolver suas diferenças. Além disso, interessam-se muito menos pelo qual deles irá se acasalar com as fêmeas.

Bonobos fazem sexo não apenas para produzir bebês, realizam tal ato para acalmar alguém que esteja sob tensão, para reconciliação, onde a atividade deixa de estar ligada exclusivamente com a reprodução. Usam o sexo para aprofundar os relacionamentos, consolando-se ou experimentando-se mutuamente, divertindo-se e tendo prazer uns com os outros. São capazes de acasalar dezenas de vezes por dia, machos e fêmeas relacionando-se com entusiasmo em atos hetero e homossexuais, manipulando-se reciprocamente os órgãos genitais com mãos e boca, com variedade impressionante de posições.

Apesar de também gostarem de carne, bonobos nunca foram vistos comendo macacos, enquanto para os chimpanzés a caça é uma característica normal, cuja reação visceral é uma intensa excitação ante a matança. Um macaco pode ser devorado vivo, gritando enquanto é dilacerado por chimpanzés. Os machos dominantes tentam pegar a presa com investidas e berros de fúria. Durante muito tempo, os primatas excitados despedaçam e devoram os macacos. Isso é desejo de sangue em sua forma mais crua. Os bonobos podem até tentar pegar macacos também, mas o fazem como se fossem brinquedos ou bichinhos de estimação.

Os arquivos humanos estão manchados de sangue, repletos de massacres e carnificinas. Desde os mais antigos registros de egípcios e sumérios, até a Segunda Guerra Mundial e os conflitos recentes no Iraque. Práticas de canibalismo, de sacrifícios de humanos e animais, práticas de escalar, mutilar corpos e necrofilia, atos que proclamam essa sede de sangue herdada dos ancestrais primatas.

Os bonobos vieram de um ancestral parecido com o chimpanzé, que caçava macacos, bem como uns aos outros. Conforme evoluíram, perderam seu demonismo, tornando-se gradativamente menos agressivos. Talvez esse passo os tenha levado a perder o interesse em caçar macacos. É possível que sejam menos suscetíveis que os chimpanzés a se excitar com sangue, com a perspectiva de matar, ou talvez tenham mais consideração pela vítima. Possivelmente os machos tenham perdido a capacidade de formar coalizões.

Uma espécie que passou por várias modificações à medida que se afastava de seu ancestral semelhante aos chimpanzés, dotados de personalidade encantadora, notáveis por sua solidariedade e comedimento, mas cuja maior proeza foi a redução do nível de violência pessoal, são considerações importantes a serem feitas ao se falar de bonobos.

A aliança entre fêmeas ajuda explicar por que os machos raramente exercem força bruta contra fêmeas, por que elas desenvolvem sua hipersexualidade. A redução da violência de macho contra macho decorre da incapacidade dos machos monopolizarem as fêmeas, e possivelmente de sua ignorância dos períodos férteis das fêmeas, as quais não tem o intumescimento da região genital, como as fêmeas de chimpanzés. Também explica o por que as mães são tão importantes e o ato sexual ser tão descontruído, servindo como meio de comunicação. O poder feminino é a chave mágica para o mundo dos bonobos.

Como os bonobos acharam a chave para uma sociedade livre do demonismo masculino? A conclusão mais segura é que as equipes de bonobos contêm mais fêmeas do que as equipes de chimpanzés, variando menos de tamanho ao longo do ano. As equipes de chimpanzés são pequenas, onde indivíduos ou grupos de mãe-filhotes deslocam-se sozinhos. Equipes de bonobos jamais são tão atomizadas, eles combinam a coesão das sociedades dos gorilas com a flexibilidade da organização social dos chimpanzés. Bonobos ingerem mais alimentos preferidos pelos gorilas do que os chimpanzés. Folhas tenras e caules de ervas do solo da floresta servem como petiscos enquanto se deslocam os entre árvores frutíferas. Esses petiscos reduzem os custos de deslocamentos.

As dietas dos bonobos e gorilas são diferentes, e tal diferença pode ser explicada. As florestas de terras baixas ocupadas pelos chimpanzés são compartilhadas pelos gorilas. Os bonobos porém não tem gorilas em suas áreas. De forma mais direta, os alimentos preferidos pelos gorilas são mais comuns nas florestas dos bonobos simplesmente porque nelas não há gorilas para comê-los. Nas áreas de chimpanzés, existe tal abundância de gorilas a ponto de fazer diferença no suprimento de alimentos.

Os bonobos podem se permitir viver em agrupamentos maiores e mais estáveis que os chimpanzés porque vivem num mundo sem gorilas. Se fossem retirados os gorilas da floresta, os chimpanzés iriam de repente descobrir uma grande quantidade de alimentos. É fácil explicar por que não existem gorilas vivendo junto com bonobos, uma vez que chimpanzés e gorilas vivem na margem direita do rio Zaire, e bonobos na margem esquerda. Os bonobos evoluíram dentro das florestas meridionais, partindo do ancestral comum ao chimpanzé, e que evoluíram ali depois que os gorilas ancestrais haviam partido.

Durante as eras glaciais, enquanto o gelo ficava retido nas calotas polares, os continentes experimentavam um período de seca, com encolhimento das florestas, sendo que as florestas africanas ficaram tão reduzidas que os gorilas, dependentes das ervas das florestas úmidas, foram forçados a retroceder, conseguindo sobreviver nas montanhas, ainda cobertas de florestas. Chimpanzés são capazes de viver em áreas secas, não habitadas por gorilas, comendo frutos nas faixas de floresta ribeirinha. Os chimpanzés ancestrais devem ter sobrevivido do mesmo modo.

Após 10 mil anos de seca, as florestas voltaram, porém sem gorilas. Nesse período, os chimpanzés meridionais podiam explorar as ervas que os gorilas monopolizavam. Com alimento de reserva novo e previsível os chimpanzés puderam expandir seu nicho, suportando as estações pobres de frutas e se deslocar em equipes estáveis, as quais se transformariam em bonobos.

A estabilidade das equipes produziu o poderio feminino, onde as fêmeas, capazes de desenvolver relacionamentos de apoio, precisavam permanecer juntas. É bastante provável que as fêmeas estejam no centro da equipe e os machos na periferia.

17. DOMANDO O DEMÔNIO

O patriotismo é o amor e defesa pela pátria, reduzido à essência primata, o patriotismo é a defesa da comunidade pelo macho, glorificado entre os humanos e certamente presente entre os chimpanzés e bonobos. A concepção de que os machos lutam é parte natural e inevitável da vida; é simplesmente reforçada pela comparação humana da mescla de compaixão e crueldade com a dos chimpanzés.

A violência coligada dos machos é uma característica fundamental. As pressões ecológicas impediram as fêmeas de formarem alianças eficazes, permanecendo em situação vulnerável aos machos, interessados em guardá-las. Os machos tomam a iniciativa, colaboram entre si com o propósito de defender as fêmeas e percorrem o caminho pela estrada do patriarcalismo. Os machos detêm o predomínio através das coalizões poderosas, imprevisíveis, manipuladoras e movidas pelo status.

As comunidades primatas organizadas de acordo com o interesse de machos tendem a seguir as estratégias dos machos e, graças à seleção sexual, tendem a buscar o poder com entusiasmo quase ilimitado, ou seja, o patriotismo gera agressão. Dessa maneira, os machos evoluíram com grande apetite por poder. Um macho que conquista grande poder tenderá a utilizá-lo para se acasalar com maior número de fêmeas possível. Mulheres também utilizam o poder político para

disseminar seus genes, porém nada que uma mulher faça irá aumentar sua taxa de reprodução de maneira equivalente a um homem que se acasale com inúmeras mulheres.

Graças às inúmeras recompensas reprodutivas em potencial, a seleção sexual favoreceu o temperamento masculino, de modo que se deliciassem com aventuras de alto risco e ganho. Homens são mais imprudentes, possuem atração pelo risco, ao combinar-se em grupos, essa ética impulsora e aventureira, rapidamente torna-se agressiva e letalmente grave. Os ataques são uma tendência imperialista, ocorrendo com maior regularidade entre chimpanzés do que entre hienas. Os marginalizados da Terra podem reclamar do imperialismo dos que dominam temporariamente, mas o expansionismo imperialista não deixa de ser uma tendência ampla e persistente das espécies de machos demoníacos.

Diante de tudo que foi exposto, a grande questão é como domar esse demônio, que relega as sociedades primatas à barbárie? Em primeiro lugar, a partilha do poder entre machos e fêmeas, mantida por meio de alianças entre fêmeas parece ter tido resultados para os bonobos. Contudo, o verdadeiro poder feminino não deve ser uma imagem direita e invertida do poder masculino, mas sim algo completamente diferente, em amplitude e características. Entre os bonobos, os elementos femininos detêm poder, e às vezes o empregam na defesa contra violência, mas nem por isso, as matriarcas tornaram-se imperialistas.

Em parte, o comportamento agressivo é intensificado pela ação da testosterona no cérebro. Persuadir os homens mais violentos a abandonarem suas esperanças de paternidade iria, sem dúvida, fazer a felicidade dos construtores de prisões, porém mesmo que se conseguisse convencer os homens mais agressivos e com potencial para maior violência a ficar de lado dos benefícios das gerações futuras, qual seria a resposta feminina?

As respostas estratégicas desenvolvidas pelas mulheres ante o demonismo masculino incluem contramedidas e desafios, mas também colaboração. Enquanto os machos evoluíram de modo demoníaco, parece provável que as mulheres também tenham evoluído no sentido de preferir parceiros demoníacos. Em termos evolutivos, machos demoníacos tendem a proteger de forma mais eficiente a fêmea contra a violência de outros machos, garantindo a segurança da parceira e da prole. Além disso, enquanto os machos demoníacos forem reprodutores de maior êxito, qualquer fêmea que se acasale com ele terá filhos, que por sua vez, serão bons reprodutores. Assim, as fêmeas tendem a ser atraídas por características de machos demoníacos.

O jogador de futebol americano é admirado, mesmo amado, quando demonstra em campo toda sua força e violência, porém de modo instantâneo, espera-se que ele desative imediatamente essas características e potencial violento, ao sair do campo. No mundo real o estereótipo “machão” é sempre muito assediado por admiradoras. Individualmente, homens e mulheres que compõem a

espécie humana, de maneira extraordinária, estão dispostos a admirar, amar e recompensar o demonismo masculino em suas múltiplas manifestações. Exatamente essa admiração, amor e recompensa acabam perpetuando a continuação, de geração em geração, o macho demoníaco nas sociedades.

Paradoxalmente, muitas mulheres sentem-se atraídas pelo conjunto de características e comportamentos associados ao demonismo masculino, agressão bem sucedida, dominação e demonstrações de dominação. Tanto homens como mulheres participam ativamente do sistema que alimenta a sucessão continuada de machos demoníacos. A fonte das estratégias agressivas masculinas tem intenso efeito nas sociedades dos primatas e dos humanos. O patriarcado humano tem suas origens profundas no mundo social dos primatas das florestas, um sistema baseado na dominação social dos machos e na coerção de fêmeas.

A interação dos interesses das mulheres de, por um lado, se protegerem de maridos brutos e, por outro, encontrar ou manter um relacionamento de longo prazo, é uma tragédia clássica do casamento. Apesar dos maus-tratos, por mais espantosos que sejam, há mulheres que não saem do relacionamento, perdoam seus companheiros. Preferem apanhar de seus companheiros, mas ter alguém que as possa proteger de ameaças externas. Os bonobos mostram que essa armadilha pode ser destruída através das alianças femininas.

O problema na história dos primatas e dos humanos reside no poder político ser erigido sobre o poder físico, e este é, no final de contas, o poder da violência ou de sua ameaça. Mão Tse-tung afirmava que “o poder político cresce do cano do fuzil”. Nas sociedades humanas, o poder político é personalizado, residindo na pessoa dos indivíduos mais bem sucedidos e seus descendentes. O poder físico também é personalizado, a violência do macho não tem limitações.

Os machos demoníacos se juntam em bandos pequenos e autoperpetuáveis, achando-se formidáveis. Passam a divisar ou inventar o inimigo, apartando-se dos que estão do outro lado, do outro lado da divisória linguística, social, política, ética ou racial. A natureza da divisória parece praticamente não ter importância. O que importa é a oportunidade de participar do espetáculo amplo e irresistível de pertencer à gangue, identificar o inimigo, sair em patrulha, tomar parte num ataque.

Em verdade, ninguém gosta que seus defeitos sejam expostos publicamente. Assim, aceitar que os seres humanos possuem uma história longa de violência implica também aceitar que tenham sido moldados, em relação ao temperamento, para usar a violência para atingir seus objetivos e que, por consequência, é muito difícil não expressar tal comportamento, impresso em seus genes.

Cada geração pode ter esperança que a grande guerra tenha sido a última, mas até o momento nada comprova isso. O temperamento do macho humano permanece impressionantemente estável, a tecnologia humana equipou os machos demoníacos de agora com fuzis automáticos,

bombas, dinamite, gás paralisante, bombardeiros e armas nucleares. Com isso, o potencial destruidor da herança demoníaca representa uma real ameaça à extinção da espécie humana, bem como todo o planeta que a abriga.

A curto prazo, o remédio para violência masculina está no domínio da política, não da filosofia biológica, e o primeiro passo é a aceitação da violência e dominação masculinas. O demonismo masculino é inevitável, sua expressão evoluiu nos animais de modo geral, ele varia nas sociedades humanas, modificando-se ao longo do tempo.

A seleção natural torna inevitável que cada indivíduo busque seus próprios interesses, que resolva os conflitos que surgirem em sua jornada. Em assuntos humanos em geral, os conflitos são resolvidos em favor de homens com maior status, porque eles são capazes de controlar o poder com maior eficácia. Contudo, a natureza do poder, sua distribuição, efeitos e a facilidade com que pode ser monopolizado, tudo isso depende das circunstâncias.

Os primatas encontram-se entre dois mundos, um da percepção humana e outro da percepção não humana. Observadores de primatas encontram-se entre dois paralelos, o de estarem convictos das complexidades mentais dos primatas e terem dificuldade em prová-la. Mesmo que não se possam provar as suposições de que os grandes primatas entendem, pensam e sentem, um erro fatal seria simplesmente descartar tais suposições. Em relação aos grandes primatas, há fortes indícios de que existam mentes no meio da floresta.

A complexidade e inteligência dos animais aumentaram de forma continuada nos 4 bilhões de anos da História da vida. Há um bilhão de anos a espécie mais inteligente era a quantidade microscópica e desconhecida de gosma. Há cem milhões de anos, talvez fosse um peixe ou um mamífero primitivo. Há dez milhões, um grande primata ou um golfinho. Há um milhão, os primeiros humanos, talvez próximos de utilizar alguma forma de linguagem simples.

A possibilidade de associar uma grande capacidade mental com o demonismo masculino geram trágicas cadeias causais independentes, onde mentes inteligentes são responsáveis por desenvolver novas formas de agressão. A violência nos relacionamentos não é o único fruto da mente demoníaca. A complexidade política das coalizões, capazes de gerarem desequilíbrios maciços de poder, propiciam violência. O poder de uma mente criativa confere ao demônio novas armas, táticas e modalidades de trapaças.

O verdadeiro perigo representado pela espécie humana é a combinação de machos demoníacos com inteligência ardente e capacidade de criação e destruição sem precedentes. Esse grande e desenvolvido cérebro humano é o mais aterrador produto da natureza, mas simultaneamente, é seu mais promissor dom.

A maldição de um temperamento demoníaco masculino e uma capacidade maquiavélica para expressá-lo, confronta-se com a benção de uma inteligência capaz, através da aquisição de sabedoria, de afastar os humanos os humanos da mácula de cinco milhões de anos do grande primata ancestral. Se a inteligência é a capacidade de falar, a sabedoria é a capacidade de ouvir. Se a inteligência é a capacidade de enxergar, a sabedoria é a capacidade de ver ao longe. Se a inteligência é um olho, a sabedoria é um telescópio. A sabedoria representa a capacidade de deixar-se a ilha do próprio ser e sair mar afora. A sabedoria é a perspectiva.

O temperamento diz o que importa. A inteligência ajuda gerar opções. Somente a sabedoria é capaz de conduzir à reflexão sobre os longínquos desfechos, para si, para os que estão ao redor, para as próximas gerações, e talvez até para as mentes na floresta.

18. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De um lado existem figuras como Mao Tsé-Tung, considerado um dos maiores ditadores que o mundo conheceu. Presidente da República Popular da China entre 1949 e 1959, foi responsável por mais de 77 milhões de mortes, onde seu regime de terror levou à execução de inimigos políticos, e sua reforma agrária gerou a maior onda de fome da História. Joseph Stalin, ditador da União Soviética por 25 anos, responsável por mais de 43 milhões de mortes durante em governo de terror. Adolf Hitler, o mais famoso dos ditadores, sendo-lhe atribuídas cerca de 21 milhões de mortes. Líder do Partido Nacional Socialista Alemão, chegou ao poder com o extermínio de opositores, incentivou o genocídio organizado, perseguiu e assassinou judeus, ciganos, dissidentes políticos, homossexuais, deficientes físicos e mentais, ou seja, as minorias.

Por outro lado, Mohandas Karamchand Gandhi, conhecido popularmente por Mahatma Gandhi, foi o idealizador e fundador do moderno Estado Indiano e grande defensor e divulgador do Satyagraha, o princípio da não-agressão, da não-violência. Gandhi pregava a tolerância religiosa, defendia que a violência era deveras nociva. Foi figura de vital importância na luta pela independência da Índia, antiga colônia inglesa, que se concretizou em 1947. Martin Luther king foi o maior líder do movimento pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos e no mundo, com sua campanha de não violência e amor ao próximo. Em outubro de 1964 recebeu o Prêmio Nobel da Paz por sua luta contra a desigualdade racial. Agnes Gonxha Bojaxhiu, conhecida como Madre Teresa de Calcutá, missionária católica, albanesa naturalizada indiana, é considerada a maior missionária do século XX. Conhecida como “Santa das sarjetas”, foi beatificada pela Igreja Católica

em 2003. Exemplo de caridade, doação, dedicação aos seres humanos, principalmente humildes, dedicou toda sua vida ao trabalho missionário, com dedicação exclusiva para ajudar a todos os necessitados.

O que gera comportamentos tão contrastantes? Sendo da mesma espécie, carregando a mesma bagagem genética, com o mesmo ancestral? Em uns, os aspectos mais perversos do temperamento afloram, em outros, os mais nobres. Como já foi visto não se pode delegar ao código genético, à hereditariedade ou à constituição biológica toda a responsabilidade pela expressão de qualquer que seja o comportamento. O meio que cerca os indivíduos, as experiências pessoais, e principalmente, as escolhas acabam por definir ou reprimir atitudes.

Diante do que foi exposto fica evidente que a agressividade está arraigada na raiz da humanidade. Contudo, o ser humano é suficientemente autônomo, ou deveria ser, para escolher o comportamento mais adequado, que melhor se ajustasse à vida em comunidade. O caos enfrentado no dia a dia é fruto de atitudes automáticas, baseadas no egoísmo, no individualismo. Esse comportamento ainda se manteve na espécie por ser vantajoso, por trazer benefícios, tornando aqueles que expressam tal comportamento mais competitivos.

Entretanto, a sociedade humana atingiu tal nível de desenvolvimento e superpovoamento que atitudes baseadas no individualismo acabam por prejudicar o coletivo, chegando mesmo a representar uma ameaça à sobrevivência da espécie como um todo. Aproveitando de sua ampla capacidade intelectual, o homem deveria esforçar-se arduamente para conter o macho demoníaco que se propaga de geração em geração. Primeiramente, tomando consciência de sua existência, traçando estratégias para isolá-lo, e finalmente aniquilá-lo em nome da construção de uma sociedade mais pacífica, mais harmoniosa, onde o altruísmo pudesse representar a coletividade.

Madre Teresa, Gandhi e Luther King são apenas alguns exemplos de superação da herança demoníaca. Uma sociedade pode ser construída de forma pacífica. Todos têm direitos iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza, defende o artigo 5º da Constituição Federal, ideal defendido há muito tempo por vários personagens ao longo da História, mas não concretizado na prática.

É sim possível fugir dos mecanismos de pré-condicionamento, os quais induzem o comportamento egoísta. A violência surge quando há a necessidade de disputa, ter mais que o outro, ser mais que o outro. A disputa não condiz com uma sociedade igualitária, instituição na qual, pelo menos na teoria, não existiriam disputas, uma vez que os recursos estão à disposição de qualquer um. Não havendo disputa e competições, não haveria necessidade de violência e agressão.

Mesmo que pareça utópico, a derrubada do reino de violência e agressividade está nas mãos de cada um que conscientemente abrir mão de seu legado de demonismo, e se empenhar

sinceramente na construção de uma instituição social mais justa e igualitária. Caso contrário, a possível terceira guerra mundial, armada com bombas de todos os tipos, conflitos espalhados por todo território, agravando-se cada vez mais, todos repletos de armas de destruição em massa, varrerão a Humanidade do mapa. O ser humano está ameaçado de extinção, o alerta é grave e urgente, pede a intervenção imediatamente, ou será tarde demais. Segundo Martin Luther King, *“nossa geração não lamenta tanto os crimes dos perversos quanto o estarrecedor silêncio dos bondosos”*.

19. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, A. I. **A cooperação em crianças da rede pública de Natal/ RN: uma abordagem evolucionista**. Natal/ RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

ALESSI, G. Models of proximate and ultimate causation in psychology. **American Psychologist**, n. 47, p. 1359-1370, 1992.

ANDERSON, C. A.; BUSHMAN, B. J. Human aggression. **Annual Review of Psychology**, n. 53, p. 27-51, 2002.

BANDURA, A.; ROSS, D.; ROSS, A. S. Transmission of aggression through imitation of aggressive models. **Abnormal and Social Psychology**, n. 63, p. 575-582, 1961.

BARKOW, J. H.; COSMIDES, L.; TOOBY, J. **The adapted mind: Evolutionary Psychology and the generation of culture**. New York: Oxford University Press, 1992.

BECK, A.; FREEMAN, A. **Terapia cognitiva dos transtornos de personalidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

BERGERET, J. **La violencia fundamental: El inagotable Edipo**. Madrid: Ediciones Gráficas Ortega, 1990. Tradução de: Carlos Padrón Soledad Escassi.

BERKOWITZ, L. Some effects of thoughts on anti- and prosocial influences of media events: A cognitive neoassociation analysis. **Psychological Bulletin**, n. 95, p. 410-427, 1984.

BERKOWITZ, L. Affective aggression: the role of stress, pain, and negative affect. In R. G. Geen & E. Donnerstein (Orgs.), **Human aggression: Theories, research, and implications for social policy**, p. 49-72. San Diego: Academic Press, 1998.

BRASIL. Indicadores básicos para a saúde no Brasil: conceitos e aplicações. **Informações para a saúde**. 2ª Edição. Brasília: Organização Pan-americana da Saúde; 2008.

BRENNAN, P. A.; GREKIN, E. R.; MEDNICK, S. A. Maternal smoking during pregnancy and adult male criminal outcomes. **Arch Gen Psychiatry**, n. 56, p. 215-219, 1999.

BREWER, M. B. The psychology of prejudice: in group love or out group hate? **Journal of Social Issues**, n. 55, p. 429-444, 1999.

BREWER, M. B.; KRAMER, R. M. The psychology of intergroup attitudes and behavior. **Annual Review Psychology**, n. 36, p. 219-243, 1985.

CHAUÍ, M. A não violência do brasileiro, um mito interessantíssimo. **Almanaque: Cadernos de Literatura e Ensaio**. Brasiliense, n.11, p. 16-24, 1980.

CHOI, J.K.; BOWLES, S. The coevolution of parochial altruism and war. **Science**, n. 318, p. 636-640, 2006.

CORNWELL, E.; et al. **National Medical Association Surgical Section position paper on violence prevention: a resolution of trauma surgeons caring for victims of violence**. **JAMA**, n. 273, p. 1788-1789, 1995.

COSMIDES, L.; TOOBY, J. **Evolutionary Psychology: a primer**. Center for Evolutionary Psychology: World Wide, 1997.

COSMIDES, L.; TOOBY, J.; KURZBAN, R. Perceptions of race. **Cognitive Sciences**, n. 7, p. 173-179, 2003.

COSTA, J. F. **Violência e Psicanálise**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

DARWIN, C. **The expression of the emotions in man and the animals.** Chicago: University of Chicago, 1965.

DAWKINS, R. **O gene egoísta.** 1ª Edição. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1976.

DE WAAL, F.; LANTING, F. **Bonobo: The forgotten apes.** Berkeley/Los Angeles/London: University of California, 1997.

DE WAAL, F. **Chimpanzee Politics: Power and Sex Among Apes.** Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2000.

DE WAAL, F. **Eu, primata: porque somos como somos,** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DELANEY, B. V.; COVINGTON, C.; TEMPLIN, T.; AGER, J.; NORDSTROM, K. B.; MARTIER, S.; LEDDICK, L.; CZERWINSKI, R. H.; SOKOL, R. J. Teacher assessed behavior of children prenatally exposed to cocaine. **Pediatrics**, n. 106, p. 782-791, 2000.

DUNBAR, R. **Grooming, gossip and the evolution of language.** Edimburg: Word Power Books, 1997.

FACHINI, N. **Enfoque psicanalítico da violência social.** Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

FARRINGTON, D. P. **Predictors, causes and correlates of male youth violence.** Chicago: University of Chicago Press, p. 421-75, 1998.

FERGUSON, C. J. An evolutionary approach to understanding violent antisocial behavior: diagnostic implications for dual-process etiology. **Journal of Forensic Psychol Practice.** n. 8, p. 321-343, 2008.

FERGUSON, C. J.; BEAVER, K. M. **Natural born killers: the genetic origins of extreme violence**. *Aggression and Violent Behavior*. p. 286-294, 2009.

FERREIRA, A. B. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREUD, S. **On Psychotherapy: The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud**, v. VII: “A Case of Hysteria, Three Essays on Sexuality and Other Works”, p. 255-268, 1905.

FREUD, S. Mas Alla del Principio del Placer. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. 3ª Edição. Madrid: Biblioteca Nueva, p.2507-2041, 1920.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. 1930. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v.21, 1980.

FREUD, S. **Por que a guerra?** 1933. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v.22, 1980.

FREUD, S. **O ego e o id**. 1989. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 19, 1923.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. 1989. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. 21, 1930.

FOUTS, O.; MILLS, S. T. **O parente mais próximo: o que os chimpanzés me ensinaram sobre quem somos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

GAIARSA, J. A. **Agressão, Violência e Crueldade**. São Paulo: Editora Gente, 1993.

GENTILE, D. A.; LINDER, J. R.; WALSH, D. A. Looking through time: A longitudinal study of children's media violence consumption at home and aggressive behaviors at school. **Paper presented at the biennial conference of the society for research in child development**, Tampa: Florida, 2003.

GOMIDE, P. I. C. A influência de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças e adolescentes. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.13, p. 22-42, 2000.

GOODALL, J. Chimpanzees of the Gombe Stream Reserve, in DE VORE (ed.), **Primate Behavior: Field Studies of Monkeys and Apes**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1965.

GOODALL, J. **The chimpanzees of Gombe**. Cambridge: Belknap Press, 1986.

GOODALL, Jane. **The chimpanzees of Gombe: Patterns of Behavior**. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

GOODMAN, J. The genomic record of humankind's evolutionary roots. **American Journal of Human Genetics**, n. 64, p. 32-39, 1999.

GRISSE, T. An interdisciplinary approach to understanding aggressive behavior in children. In C. F. Ferris & T. Grisso (Orgs.), **Understanding aggressive behavior in children**. Nova York: The New York Academy of Sciences, p.1-7, 1996.

HAGEN, E. H. The Evolutionary Psychology. **FAQ**, 2002. Disponível em: <http://www.anth.ucbs.edu/projects/human/epfaq/ep.html>. Acesso em: 23 de julho, 2013.

HAMMOND, R. A.; AXELROD, R. The evolution of ethnocentrism. **Journal of Conflict Resolution**, n. 50, p. 926-936, 2006.

HASHIMOTO, C.; FURUICHI, T. **Social role and development of noncopulatory sexual behavior of wild bonobos**. Cambridge, Harvard University, 1994.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOWARD, M. **The cause of war and other essays**. Cambridge: Harvard University Press, 1983.

HRDY, S. B. **Mãe Natureza**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

HUESMANN, L. R. An information processing model for the development of aggression. **Aggressive Behavior**, n.14, p. 13-24, 1988.

HUESMANN, L. R. The role of social information processing and cognitive schema in the acquisition and maintenance of habitual aggressive behavior. In **Human aggression: theories, research, and implications for social policy**. San Diego: California: Academic, p. 73-109, 1998.

HUESMANN, L. R.; MOISE, J.; PODOLSKI, C. L.; ERON, L. D. The roles of normative beliefs and fantasy rehearsal in mediating the observational learning of aggression. **XII World Meeting of the International Society for Research on Aggression**. France, p.28, 1997.

IZAR, P. Ambiente de Adaptação Evolutiva. Em: **Fundamentos da Psicologia: Psicologia Evolucionista**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p.22-31, 2009.

KREBS, J.R.; DAVIES, N.B. **An introduction to animal ecology**. New York: Blackwell Science, p. 420, 1995.

KURZBAN, R.; TOOBY, J.; COSMIDES, L. Can race be erased? Coalitional computation and social categorization. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, n. 98, p. 15387-15392, 2001.

LESSA, A. Arqueologia da agressividade humana: a violência sob uma perspectiva paleoepidemiológica. *Manguinhos: História, Ciências, Saúde*, n. 11, p. 279-296, 2004.

LIU, J. H.; RAINE, A.; VENABLES, P.; DALAIS, C.; MEDNICK, S. A. Malnutrition at ages 3 years predisposes to externalizing behavior problems at ages 8, 11 and 17 years. **Journal of Psychiatry**. P. 135-161, 2005.

LOEBER, R.; HAY, D. Key issues in the development of aggression and violence from childhood to early adulthood. **Annual Review of Psychology**, n. 48, p. 371-410, 1997.

LORENZ, K. **On aggression**. Nova York: Hartcourt, Brace and World, 1966.

LUMSDEN, C. J. Psychological development: epigenetic rules and gene-culture coevolution. In **Sociobiological perspectives on human development**. Nova York: Springer-Verlag, p. 234-267, 1988.

MACEDO, R. H. F. Cooperação animal. Em **Comportamento Animal**. Natal: EDUFRRN, p. 141-155, 2007.

MAIA, M. V. C. M. Um rio sem discurso: relato de um psicodiagnóstico. Brasília: Cepapsi. **Trabalho de final de formação em psicoterapia infantil**, 2002.

MANSON, J. H.; WRANGHAM, R. W. Intergroup aggression in chimpanzees and humans. **Current Anthropology**, n. 32, p. 369-390, 1991.

MAYR, E. **O desenvolvimento do pensamento biológico**. Brasília: Editora da UnB, 1998.

MCCLAIN, P. D. The changing dynamics of urban politics: black and hispanic municipal employment: is there competition? Cambridge: **Journal of Politics**, n. 55, p. 399-414, 1993.

MCGREW, W. C. **The cultured chimpanzee: reflections on cultural primatology.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MILLER, N. E.; SEARS, R. R.; MOWRER, O. H.; DOOB, L. W.; DOLLARD, J. The frustration-aggression hypothesis. **Psychological Review**, n. 48, p. 337-342, 1941.

MINAYO, M. C. S. Violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Cadernos de Saúde Pública**, n. 10, p. 7-18, 1994.

MITANI, J. C.; MERRIWETHER, D. A.; ZHANG, C. Male affiliation, cooperation and kinship in wild chimpanzees. **Animal Behavior**, n. 59, p.885 - 893, 2000.

MITANI, J. C.; WATTS, D. P.; MULLER, M. N. Recent development in the study of wild chimpanzee behavior. **Evolutionary Anthropology**, n. 11, p. 9-25, 2002.

MOBERG, G.P. When does stress become distress? **Laboratory Animal**, n. 28:p. 22-26, 1999.

MOBERG, G. P.; MENCH, J. A. **The biology of animal stress: basic principles and implications for animal welfare.** New York: Wallingford, 2000.

NIEHOFF, D. **The biology of violence.** Nova York: Free Press, 1999.

NISHIDA, T. **Primate societies: local traditions and cultural transmission.** Chicago: University of Chicago Press, p. 165-177, 1987.

ORLEBEKE, J. F.; KNOL, D. L., VERHULST, F. C. Increase in child behavior problems resulting from maternal smoking during pregnancy. **Arch Environ Health**, n.52, p.317-321, 1997.

PERES, M. F. T. **Violência e saúde no Brasil.** Barueri: São Paulo; 2006.

PERRY, B. D. **Children in a violent society: Incubated in terror: neurodevelopmental factors in the „cycle of violence“**. Nova York: Guilford, p. 124-149, 1997.

PINHO, L. F. S. V. **A agressividade e os conflitos nas brincadeiras entre crianças em situação de risco social**. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Católica de Goiás, 2005.

PINO, V. D.; WERLANG, B. S. G. Homicídio e lobo frontal: revisão da literatura. **Interação em Psicologia**, n. 127, p. 127-137, 2006.

PORTER, R. **“Rape: Does it have a historical meaning?”** Oxford: Black Well, p. 216-336, 1986.

QUEIROZ, R. S. **Agressividade humana: contribuição da psicologia evolucionista e da antropologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 127-132, 2009.

RIDLEY, M. **As origens da virtude: um estudo biológico da solidariedade**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ROCHA, E. **O que é Etnocentrismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

ROEBUCK, T. M.; MATTSON, S. N.; RILEY, E. P. Behavioral and psychosocial profiles of alcohol-exposed children. **Alcoholism: Clinical and Experimental Research**, n. 23, p. 1070-1076, 1999.

SCHRAIBER, L. B.; D’OLIVEIRA, A. F.; COUTO, M. T.; Violência e saúde: estudos científicos recentes. **Revista de Saúde Pública**, n. 40, p. 112-120, 2006.

SOUZA, E. R.; LIMA, M. L. C. Panorama da violência urbana no Brasil e suas capitais. **Ciência & Saúde Coletiva**, n. 11, p. 1211-1222, 2007.

TAJFEL, H. Social psychology of intergroup relations. **Annual Reviews Psychology**, n. 33, p. 1-39, 1982.

TAYLOR, S. E.; FISKE, S. T.; ETCOFF, N. L.; RUDERMAN, A. J. Categorical bases of person memory and stereotyping. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 36, p. 778-793, 1978.

TEDESCHI, J. T.; FELSON, R. B. **Violence, aggression, and coercive actions**. Washington: American Psychological Association, 1994.

TOMASELLO, M. As origens culturais da aquisição do conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TOOBY, J.; COSMIDES, L. The evolution of war and its cognitive foundations. **Evolution and Human Behavior Meetings**, Michigan, USA, 1988.

TOOBY, J.; COSMIDES, L.; PRICE, M. E. Cognitive adaptations for n-person exchange: the evolutionary roots of organizational behavior. **Managerial and Decision Economics**, n. 27, p. 01– 27, 2006.

VILHENA, J. A Arquitetura da violência: reflexões acerca da violência e do poder na cultura. **Cadernos de Psicanálise**, n. 18, p. 21, 2002.

YAMAMOTO, M. E. A psicologia evolucionista e a natureza humana. **Ciência Sempre**, n. 4, p. 12-17, 2008.

WATSON, M. W.; ANDREAS, J. B.; FISCHER, K. W.; SMITH, K. **Patterns of risk factors leading to victimization and aggression in children and adolescents**. Kingston: Civic Research Institute, p.12-23, 2005.

WATSON, M.W.; PENG, Y. The relation between toy gun play and children's aggressive behavior. **Early Education and Development**, v.3, p.370-389, 1992.

WEINER, J. **Tempo, amor e memória: um biólogo notável e sua busca das origens do comportamento**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

WHITEN, A., et al. Cultures in chimpanzees. **Nature**, n. 399, p. 682-685, 1999.

WILSON, M.; DALY, M. **Ethology and Sociobiology**. Competitiveness, risk taking, and violence: the young male syndrome, Canada: McMaster University Press, p. 59-73, 1985.

WILSON, M.; DALY, M.; VASDEV, S. Income inequality and homicide rates in Canada and the United States. **Canadian Journal of Criminology**, p. 219-236, 2001.

WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência: Natureza e origens da tendência antissocial**. São Paulo: Martins, 1987.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise. A tendência antissocial**, Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WRANGHAM, R.; PETERSON, D. **Demonic Males: Apes and the origins of human violence**. Boston: Houghton Mifflin, 1996.

WRANGHAM, R.; PETERSON, D. **O Macho Demoníaco. As origens da agressividade humana**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1998.

WRANGHAM, R. W. et. al. **Chimpanzee cultures**. Chicago: Harvard University Press/Chicago Academy of Sciences, 2001.

WRIGHT, R. The biology of violence. **The New York**, p. 68-77, 1995.